

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO – UNIGRANRIO  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPEP  
ESCOLA DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO, ARTES, LETRAS E HUMANIDADES  
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes  
Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes

SUELY DE OLIVEIRA MORAES

**EXPERIÊNCIAS DE PESCADORES ARTESANAIS DE PIRATININGA:  
HISTÓRIA ORAL DE VIDA**

Duque de Caxias  
2019

SUELY DE OLIVEIRA MORAES

**EXPERIÊNCIAS DE PESCADORES ARTESANAIS DE PIRATININGA:  
HISTÓRIA ORAL DE VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Humanidades, Culturas e Artes, da Universidade do Grande Rio Prof. José de Souza Herdy, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Humanidades, Culturas e Artes.

Área de concentração: Educação, Cultura e Linguagens

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cleonice Puggian

Duque de Caxias  
2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

INCLUIR FOLHA DE ASSINATURAS

*À minha mãe, Elvira B. de O. Moraes, in memoriam, para quem, estando em outro plano espiritual, envio todas as emanações de uma eterna gratidão. O seu exemplo de luta foi para mim o maior dos tesouros. Todo o meu amor e respeito.*

*Ao meu pai Wyld Pedroza de Moraes, que me apoiou em todas as etapas deste trabalho.*

*Aos meus irmãos Kátia e Tito Lício que me deram a grandiosa oportunidade de aprender a amar sem exigências.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me concedido disposição, persistência e disciplina diária para construir dia-a-dia este trabalho.

À professora Cleonice Puggian, que foi companheira, no sentido mais belo da palavra que é “compartilhar o mesmo pão”, que, nesse caso, foi a construção desse trabalho de pesquisa em todas as suas etapas, nos desafios e vitórias, até o final.

A valiosa experiência do trabalho de história oral que tive através das obras bibliográficas do Mestre José Carlos Sebe, o qual me inspirou a iniciar esse projeto de pesquisa. Agradeço ao Mestre por sua acolhida ao projeto de pesquisa “História oral dos pescadores de Piratininga”. quando participei do processo de seleção no mestrado da UNIGRANRIO.

Foram grandes os desafios, mas todos os professores e alunos desse curso me deram força para seguir na construção do trabalho. Aos professores do curso de mestrado em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO, pelo compromisso com a qualidade na formação acadêmica.

Aos professores Joaquim, Jacqueline e Juniele pela participação da banca de qualificação, sobretudo pelas fundamentais contribuições para o aprimoramento desta dissertação.

*Ô velho pescador  
Mão no leme, a navegar na proa  
Nas ondas, nas ondas do mar*

*Ô velho pescador  
Mão na rede pra puxar  
E agora, a aurora vai despontar  
Uma arrancada a mais  
A rede sobe mais  
São Pedro trouxe cheia*

*Lá do mar, ô  
Ô velho pescador  
Velas às bandas pra voltar  
Que agora é hora  
De ir descansar*

**Velho Pescador - Luiz Gonzaga**

## RESUMO

Esta dissertação apresenta uma pesquisa cujo objetivo foi investigar as tradições presentes no cotidiano dos pescadores artesanais da região de Piratininga, no município de Niterói, revelando as experiências e sociabilidades que se estabelecem no território. Questionou-se: como as tradições da pesca artesanal permanecem vivas no trabalho dos pescadores de Piratininga? De que forma os pescadores constroem estratégias para lidar com os problemas ambientais e sociais? A metodologia escolhida foi a história oral de vida, proposta por Meihy (2015). Dados foram coletados por meio de entrevistas, com roteiro semiestruturado. Os colaboradores foram pescadores que atuam na praia de Piratininga, membros da última “companha” do local, que ainda praticam a pesca de arrastão. Foram entrevistados nove pescadores, que participaram remando, largando a rede, fazendo o leme e ajudando na praia para segurar a corda. As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas, textualizadas e transcriadas. Houve a análise do conteúdo das narrativas, buscando os “tons vitais” e “temas geradores”, ou seja, os significados sobre a tradição da pesca artesanal em Piratininga. Resultados revelaram detalhes sobre a prática da pesca de arrastão, visibilizando os processos de sociabilidade e as tradições da pesca artesanal na região.

**Palavras-chave:** Pesca artesanal. Tradições. Sociabilidade. Piratininga.

## ABSTRACT

This research had the objective of investigating the traditions present in the everyday life of the artisanal fishermen of the region of Piratininga, in the municipality of Niterói, revealing the networks of solidarity that are established in the territory. It questioned: how the traditions of the artisanal fishing remain alive in the work of the fishermen of Piratininga? How do fishermen resist environmental and social problems to maintain their traditions? The methodology chosen was the oral history of life, proposed by Meihy (2015). Data were collected through semi-structured interviews. The collaborators were fishermen who work in the beach of Piratininga, members of the last "companha" of the place, who still practice trawling. Nine fishermen were interviewed. They participated in paddling, dropping the net, making the helm and helping on the beach to hold the rope. Interviews were recorded in audio, transcribed, textualized and "transcreated". Narratives were analysed, indicating "central themes" and "vital tones", in other words, meanings about the artisanal fishing tradition in Piratininga. Results revealed details of the practice of trawling, bringing to light the processes of solidarity and traditions of artisanal fishing in the region.

**Keywords:** Artisanal fishing. Traditions. Solidarity. Piratininga

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pescador Cléber, líder da Companhia de Piratininga, nosso primeiro entrevistado, preparando a rede para a pesca. ....	18
Figura 2 – Entrevista com Pescador Cléber em 20 de outubro de 2017.....	19
Figura 3 – Entrevista com Pescador Jefferson.....	20
Figura 4 – Pescador Vandeco, do Recanto das Garças. ....	21
Figura 5 - Porto para os barcos da família de Vandeco, na Lagoa de Piratininga, da época do avô, Sr. João Mendonça.....	21
Figura 6 – Conversa com pescador Bogê, no Recanto das Garças. ....	23
Figura 7 – Pescador Nat e sua esposa no dia da entrevista.....	23
Figura 8 - Pescadores Cleber e Nat (2018) local de conserto de canoas no passado. ....	24
Figura 9 - Pescador Cabuçu durante entrevista na Prainha. ....	24
Figura 10 - Pescador Kiko durante entrevista na Prainha.....	25
Figura 11 - Adriana e Vandeco no dia 05 de julho de 2018 .....	25
Figura 12 – Entrevista com o pescador Pelicano, em 12 de julho de 2018, na Praia de São Francisco.....	26
Figura 13 - Mapa da região Oceânica de Niterói.....	35
Figura 14 – Visão da Lagoa de Piratininga na entrada do bairro Jardim Imbuí, em outubro de 2017.....	36
Figura 15 - Ruas e estabelecimentos do bairro do Imbuí.....	37
Figura 16 – Foto aérea de Piratininga. ....	37
Figura 17 - Pescadores Kiko e Cléber (à direita) e Pelicano (à esquerda), tirando a canoa Tranchan da água. ....	82
Figura 18 – Quadro das relações de parentesco entre os pescadores de Piratininga.....	83
Figura 19 – Porto dos pescadores artesanais na Lagoa de Piratininga.....	85
Figura 20 - Caderno de Dona Rosa com os últimos registros de pescas no ano de 2008. ...	87
Figura 21 – Gruta de São Pedro adornada pelo pescador Kiko no dia 24 de junho. ....	91
Figura 22 – Euclides, Tinga e Cleber trabalhando na reforma da canoa. ....	97
Figura 23 - Cesta de peixes, chavala, trabalho de artesão nas mãos do pescador Kiko.....	98
Figura 24 - Mestre Cleber no leme com os pescadores na canoa Tranchan durante a pesca de arrastão. ....	100
Figura 25 – Pesca de arrastão vista de cima. ....	101
Figura 26 – Pesca de arrastão .....	102
Figura 27 – Puxada da rede na pesca de arrastão em Piratininga. ....	103
Figura 28 – Divisão dos peixes com os ajudantes e com a comunidade.....	104
Figura 29 - Barracão dos pescadores de Piratininga, reconstruído após incêndio de 2014.	

.....	114
Figura 30 – Foto aérea da Prainha de Piratininga e Ilha do Veadó. ....	115
Figura 31 – Restinga em recuperação com o auxílio do Mestre Cléber. Trecho localizado no centro do barracão de barcos na prainha de Piratininga.....	121
Figura 32 - Turma do 9º ano no rancho de pescadores, na prainha de Piratininga, com ....	126
pescadores Jefferson e Luciano (ao fundo). ....	126

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro dos pescadores entrevistados, data, duração e número de páginas. ....	18
Tabela 2 - Tons vitais encontrados durante a análise das entrevistas.....	28
Tabela 3 - Pescadores por arte de pesca. Tabela elaborada durante reunião para formação do conselho deliberativo da Resex-Mar de Itaipu. ....	41

## SUMÁRIO

<b>1 PIRATININGA E AS TRADIÇÕES DA PESCA ARTESANAL .....</b>	<b>29</b>
<b>2 PESCADORES ARTESANAIS DE PIRATININGA: HISTÓRIAS DE VIDA .....</b>	<b>46</b>
2.2 JEFFERSON GONÇALVES DE ALMEIDA.....	51
2.2.1 <i>A pesca desde criança</i> .....	52
2.3 VANDERLEI JOAQUIM DIAS .....	53
2.3.1 <i>Na minha família todo mundo era pescador</i> .....	54
2.4 GERALDINO MENDONÇA.....	56
2.4.1 <i>Família de pescadores artesanais</i> .....	56
2.5 EURIPEDES TAVARES .....	58
2.5.1 <i>A rede “come e dorme” não é de pescador</i> .....	58
2.6 CELSO MENDONÇA.....	63
2.6.1 <i>Na vida a gente corre atrás</i> .....	63
2.7 MARCO AURÉLIO DE AZEVEDO RODRIGUES .....	68
2.7.1 <i>Porque as pessoas não estão respeitando o meio ambiente</i> .....	68
2.8 ADRIANA DO NASCIMENTO PEREIRA .....	71
2.8.1 <i>O meu pai sempre foi pescador</i> .....	72
2.9 JOSÉ FERNANDES DA COSTA .....	75
2.9.1 <i>A pescaria de arrastão tem uma razão social muito grande</i> .....	75
<b>3 AS TRADIÇÕES NO COTIDIANO DOS PESCADORES ARTESANAIS DA REGIÃO DE PIRATININGA .....</b>	<b>81</b>
3.1 LAÇOS FAMILIARES E COMUNITÁRIOS NA TRADIÇÃO DA PESCA ARTESANAL EM PIRATININGA.....	81
3.2 O PESCADOR PROFISSIONAL ARTESANAL.....	86
3.3 A TRADIÇÃO DA PESCA ARTESANAL .....	92
3.4 CARACTERÍSTICAS DA PESCA DE ARRASTÃO EM PIRATININGA .....	95
3.5 ESTILO DE VIDA E A SOCIABILIDADE ENTRE OS PESCADORES DE PIRATININGA.....	107
3.6 A SOLIDARIEDADE .....	120

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>128</b>
<b>APÊNDICE A – GLOSSÁRIO.....</b>	<b>131</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação foi investigar as tradições que fazem parte do cotidiano dos pescadores artesanais da região de Piratininga, no município de Niterói, visibilizando os conflitos ambientais e as redes de solidariedade que se estabelecem naquele território. Foram eleitas duas questões norteadoras: como as tradições da pesca artesanal permanecem vivas no trabalho dos pescadores artesanais de Piratininga? Quais as estratégias usadas pelos pescadores para manter a pesca, diante das dificuldades do seu cotidiano?

A motivação deste estudo deveu-se, em primeiro lugar, à minha convivência com os pescadores locais durante a infância e juventude, por ocasião de visitas de final de semana e também férias, guardando na memória valiosas lembranças sobre a arte e a tradição da pesca em Piratininga. Em segundo lugar, já na vida adulta, deveu-se à atuação como docente da Escola Municipal Francisco Portugal Neves, localizada no Trevo de Piratininga, quando procurei contemplar os valores culturais próprios daquela comunidade no projeto político pedagógico da instituição, que atende jovens e adultos ligados ao universo da pesca. Neste contexto, percebi que as mudanças geradas pela expansão imobiliária e ocupação desordenada do espaço eram grandes ameaças à memória e à tradição dos pescadores. Percebi que era necessário zelar pelas histórias de vida, que por meio de um banco de histórias, poderiam tornar-se valiosas fontes de informação para as gerações presentes e futuras.

Inspirada pela metodologia da história oral de vida, proposta por Meihy (2015), decidi, então, propor uma investigação qualitativa, com base na história oral de vida, tendo como principais colaboradores os membros da última “companha” de pesca artesanal de Piratininga, que até hoje realiza de forma tradicional, a pesca de arrastão na região de Piratininga, revelando suas estratégias de sobrevivência para permanecer e viver no território.

Notei que esta pesquisa era relevante pois não havia estudos anteriores registrando a partir da vida dos pescadores, as tradições da pesca artesanal relacionadas à comunidade de Piratininga. Embora haja relatos das características da pesca no local, pouco sabemos sobre as histórias de vida dos pescadores, que podem indicar aspectos singulares de sua tradição e resistência.

Uma investigação sobre as tradições da pesca artesanal também justifica-se

pois segundo Diegues (1983, p. 193), o pescador artesanal não vive somente da pescaria. Ele domina plenamente os meios de produção da pesca, ou seja, “o controle de como pescar e do que pescar, em suma, o controle da arte de pesca”. Sem isso não se faz pescador e, portanto, não se é pescador. Assim, para conhecer o pescador artesanal é preciso conhecer as tradições que permanecem vivas na lida diária da pesca. Acreditamos que um estudo sobre as histórias de vida dos moradores de Piratininga gerasse como principal resultado uma descrição densa e rica sobre as tradições, que poderiam vir a ser esquecidas.

Em 1998, também passei a morar no bairro de Piratininga. Nesta época, enquanto realizada longas caminhadas, pedaladas e corridas pela região, pude estar em contato com a vasta e diferenciada natureza, no entorno da lagoa, nas diversas trilhas percorridas, nas florestas e praias. Isso me fez rememorar as experiências da infância, despertando afetos e um olhar interessado nos detalhes desse lugar. A grandiosidade do mar, da lagoa, dos rios, florestas, animais e pessoas me cativaram desde muito pequena e me levaram a construir esse diálogo com a comunidade em suas atividades costumeiras, como a caça e pesca que experimentei na época com a minha família.

Além disso já existia em mim uma “afetuosa” atenção aos modos de vida dos pescadores. Desde muito pequena curtia as férias em regiões de praia, como Frade, em Angra dos Reis, Itaipuaçu, em Maricá e na região oceânica em Niterói. Na minha infância, em família, era sempre comum atividades ligadas à pesca. Desde criança, com nossos pais, tios, primos e avós, fomos ensinados a pescar com varas e “puças”. Os meninos aprendiam a jogar tarrafas e tenho na memória as experiências prazerosas que me trouxeram esses momentos.

Essas paisagens da memória são carregadas de prazer e alegria, sentimentos que revivo ao reexperimentar o contato com esses lugares, como o canal do Camboatá, na entrada de Camboinhas, onde jogávamos tarrafa e pegávamos tainhas. Lá caçávamos com puçá camarão “pitu”, que hoje raramente aparece na lagoa de Piratininga. Frequentávamos as praias e prainha de Piratininga e Camboinhas, e o antigo bairro Tibau, onde a presença dos pescadores era muito forte.

Em 2004, recém aprovada em concurso da Fundação Municipal de Educação, surgiu uma vaga na Escola Municipal Francisco Portugal Neves, no trevo de Piratininga. Nos meus primeiros anos na escola, não havia o cargo de porteiro e

os funcionários contratados para a limpeza se revezavam nessa função. Nos dias em que o Senhor Paulo estava na portaria, acontecia algo que me intrigava. Ele sempre aproveitava o tempo fazendo reparos em “tarrafas” que pendurava na árvore, ao lado do portão de entrada. O Senhor Paulo, como os outros prestadores de serviço, eram moradores e vizinhos da escola no “bairro de Piratininga” e moravam próximos à lagoa.

No início dessa pesquisa, em 2017, também aconteceu a revisão do projeto político pedagógico da escola. Nesse encontro entre professores e equipe pedagógica, pude compartilhar informações e impressões sobre os pescadores que fazem parte da comunidade educativa.

A partir destas experiências decidi conduzir um estudo qualitativo, que apoiou-se nos procedimentos da história oral de vida praticada no Núcleo de Estudos em História Oral, da USP (NEHO-USP), sendo conduzida em três etapas: 1) trabalho de campo, cuja atividade central foi a realização de entrevistas de histórias de vida com os pescadores; 2) trabalho textual, baseado em três etapas: transcrição, textualização e transcrição; 3) trabalho teórico sobre a escolha dos temas geradores, que foram identificados a partir das narrativas resultantes das entrevistas.

Elegemos como objetivos específicos: 1) construir de forma compartilhada as histórias de vida dos/ com os pescadores de Piratininga; 2) divulgar e publicizar o banco de histórias de vida dos pescadores de Piratininga na escola, no Laboratório de História Oral e Imagem – LABHOI/UFF e no Museu de Itaipu; 3) descrever conhecimentos adquiridos por transmissão que digam respeito à pesca e às estratégias frente aos conflitos ambientais; 4) identificar, nas narrativas, as sociabilidades dos pescadores de Piratininga; e 5) explorar, a partir da narrativa dos pescadores, a presença da tradição na lida diária da pesca, em especial da pesca de arrastão.

A realização das entrevistas deu-se ao longo de dez meses, quando foi possível ampliar o contato com os pescadores na praia e nos locais onde moram. Conduzi oito entrevistas.

Tabela 1 – Quadro dos pescadores entrevistados, data, duração e número de páginas.

<b>PESCADORES</b>	<b>DATA</b>	<b>DURAÇÃO</b>	<b>NÚMERO DE PÁGINAS</b>
Cleber Irineu Mesquita	20/12/2017	1:19:27	24
Jefferson Gonçalves de Almeida	29/05/2018	19:06	14
Vanderlei Joaquim Dias	07/06/2018	15:43	15
Adriana do Nascimento Pereira	05/07/2018	13:19	10
Geraldino Mendonça	18/06/2018	12:09	10
Euripedes Tavares das Chagas	19/06/2018	29:31	19
Celso Mendonça	29/06/2018	17 minutos	11
Marco Aurélio Azevedo Rodrigues	29/06/2018	15:28	13
José Fernando da Costa	12/07/2018	29:39	14

Fonte: elaborado pela autora.

A primeira entrevista foi com o Pescador Cléber, que aconteceu no dia 10 de outubro de 2017, quando estive na prainha de Piratininga à procura de pescadores que fazem parte da pesca de arrastão. Nesse dia encontrei o pescador Pelezinho, que me indicou o pescador Cleber como o responsável pela pesca de arrastão.

Figura 1 – Pescador Cléber, líder da Companhia de Piratininga, nosso primeiro entrevistado, preparando a rede para a pesca.



Fonte: acervo da pesquisa.

Retornei à prainha no dia 14 de outubro de 2017, às oito horas. Era um sábado e pude encontrar o pescador Cléber para continuar a conversa. Ele falou sobre a pesca artesanal que era praticada naquela região. Disse que havia aprendido com o senhor Euclides, pescador do Recanto das Garças. Este morador antigo conhecia todo o processo de loteamento e urbanização do bairro, mas infelizmente havia morrido há poucos anos. Falou da existência da ALPAGOA, a Associação de Pescadores e disse que os pescadores de Piratininga participaram da criação da RESEX Itaipu. Informou que, naquela época, o rancho de barcos foi criminosamente incendiado e totalmente destruído. Colocou-se à disposição do estudo, apresentando um rico acervo de fotos e documentos que não foram destruídos pelo fogo. Voltei para a entrevista acompanhada pelo Professor Sebe, que então era meu orientador, no dia 20 de outubro de 2017.

O pescador Cleber foi o meu “ponto zero” que, em história oral, remete ao primeiro colaborador da pesquisa que indicará os próximos entrevistados, sendo considerado uma “reserva de memória”.

Figura 2 – Entrevista com Pescador Cléber em 20 de outubro de 2017.



Fonte: acervo da pesquisa.

Na medida que fui conhecendo os pescadores da companhia do Cleber, percebi a existência de duas grandes famílias de pescadores tradicionais em Piratininga. Uma delas a da família do pescador Juca, pescador da praia de Itaipu, parte da praia que hoje é chamada de Camboinhas, e outra, dos pescadores da família Mendonça que são pescadores participantes dessa pesquisa: Bogê,

Vandeco e Cabuçu e outros pescadores já falecidos como o pescador Euclides, Tinga, Manel e Miguel.

Seguindo os passos prescritos pela metodologia da história oral, meu primeiro colaborador, pescador Cleber, indicou-me o pescador Jefferson, que trabalha diariamente em uma barraca, na prainha de Piratininga. Sua entrevista foi realizada no dia 29 de maio de 2018. Durante a entrevista ele indicou os pescadores Bogê e Vandeco.

Figura 3 – Entrevista com Pescador Jefferson.



Fonte: acervo da pesquisa.

Novamente, o trabalho de campo oferecia novos elementos para reflexão. Dessa vez, pude conhecer uma grande comunidade de pescadores que permanecem com suas famílias, no Recanto das Garças. Nas visitas ao Pescador Bogê, ele me indicou um sobrinho, pescador Vandeco que também mora com seus familiares na rua principal de entrada no Recanto das Garças. A entrevista foi feita em sua casa, em sete de junho de 2018.

Figura 4 – Pescador Vandeco, do Recanto das Garças.



Fonte: acervo da pesquisa.

Figura 5 - Porto para os barcos da família de Vandeco, na Lagoa de Piratininga, da época do avô, Sr. João Mendonça.



Fonte: acervo da pesquisa.

Hoje o pescador Vandeco pesca na lagoa com sua prima Adriana, que indicou para a próxima entrevista e a quem pude conhecer nas diversas vezes que estive à procura do pescador Vandeco e Bogê.

Depois da terceira entrevista realizada e com material textual trabalhado, mais um passo foi dado. Estive no dia 22 de maio de 2018 no sítio da família do pescador Bogê e marcamos a entrevista para o dia 25 de maio, às 9h, na Prainha. No dia marcado, aguardei até às dez horas, mas, como ele não veio, dirigi-me até a sua casa e o encontrei chegando da emergência, pois havia passado mal naquela manhã.

Naquele dia, ele disse que não seria possível fazer a entrevista e me indicou o seu sobrinho, pescador Vandeco que mora vizinho ao sítio, na rua de entrada do bairro Recanto das Garças e faz parte da família.

Para marcar entrevista com Vandeco e saber notícias do pescador Bogê, estive no Recanto das Garças no dia 03 de junho e conheci o pescador Vandeco. Marcamos a entrevista para a próxima quarta-feira, às 17 horas. Nesse dia, estive no sítio da família do pescador Bogê e a sua esposa disse que ele não estava bem.

Na quarta-feira marcada para a entrevista, não encontrei o pescador Vandeco e soube pela pescadora Adriana, sua vizinha, que havia saído para buscar remédio e estava com uma gripe forte. No dia 29 de maio, estive com o pescador Vandeco e ele remarcou para o sábado seguinte, para fazermos a entrevista e não o encontrei em casa.

Voltei ao Recanto das Garças no dia 06 de maio e fui visitar o senhor Bogê. Ele estava na rede, na varanda de sua casa. Conversamos um pouco sobre seu estado de saúde e ele disse que não seria possível fazer a entrevista. Nesse mesmo dia, fui à casa do pescador Vandeco, que marcou a entrevista para o dia seguinte.

No dia 13 junho de 2018, voltei ao sítio para saber notícias do pescador Bogê e pude observá-lo na varanda da sua casa, escondido pelos lençóis que estavam no varal, fazendo sinal negativo com as mãos. Senti-me mal por estar incomodando e desisti.

Procurei pelo pescador Cleber, para conversarmos sobre a pesquisa. Disse a ele que não havia conseguido até aquele momento marcar entrevista com o Senhor Bogê, pois estava passando mal.

Encontrei com Cleber na praia e, nesse dia, ele me trouxe os documentos que restaram após o incêndio. Ele apresentou os cadernos com os registros das pescarias em cada embarcação e fotos. Nesse mesmo dia, Cleber foi comigo visitar Bogê e, ao chegarmos à sua casa no sítio, ele estava na varanda. Recebeu-nos e aceitou conversar um pouco e fazer a entrevista no dia 18 junho de 2018, no Recanto das Garças.

Figura 6 – Conversa com pescador Bogê, no Recanto das Garças.



Fonte: acervo da pesquisa.

Depois eu e Cleber fomos à casa do Nat, que nos recebeu com muita alegria e se colocou à disposição. No dia da entrevista, fui recebida com um lanche delicioso com bolo e café. A entrevista foi feita na sua casa no Jardim Imbuy, no dia 19 de junho de 2018. Euripedes Tavares, 63 anos, nascido e criado no Jardim Imbui, quando criança, foi ponta de cabo na pesca de arrastão. Já adulto, foi remador na companhia e, depois, largador de rede. A sua relação com o Cleber é muito antiga. Como era dono de barco, chamou o Cleber para trabalhar na pescaria. A família Tibau tinha parentesco com a sua família. Estudou na Escola Estadual Almirante Tamandaré e numa escola que existia no Forte Rio Branco, chamada de Cerco do Forte.

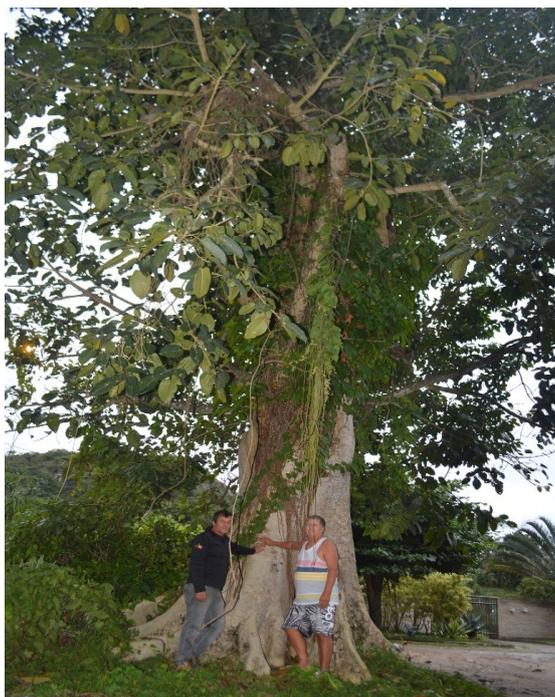
Figura 7 – Pescador Nat e sua esposa no dia da entrevista.



Fonte: acervo da pesquisa.

O pai do Pescador Nat, Senhor Euridice fazia o conserto das canoas embaixo da árvore (Figura 8). Os primeiros ensinamentos recebidos pelo pescador Cleber foram do pai do Nat, que o acolheu por 10 anos em sua casa, na juventude.

Figura 8 - Pescadores Cleber e Nat (2018) local de conserto de canoas no passado.



Fonte: acervo da pesquisa.

Quando eu e Cleber visitamos o pescador Bogê, encontramos, no Recanto das Garças, com o pescador Cabuçu, que se comprometeu a participar de uma entrevista, feita na prainha, em 29 de junho de 2018.

Figura 9 - Pescador Cabuçu durante entrevista na Prainha.



Fonte: acervo da pesquisa.

A entrevista com o pescador Kiko, por sua vez, aconteceu na prainha de Piratininga, no dia 29 de junho de 2018. Marquei com o pescador pelo telefone e ele prontamente se disponibilizou para fazermos a entrevista. Indicou o pescador pelicano para futura entrevista

Figura 10 - Pescador Kiko durante entrevista na Prainha.



Fonte: acervo da pesquisa.

A oitava entrevista foi feita em 05 de julho de 2018, na casa da pescadora Adriana, no Recanto das Garças. Ela foi indicada pelo Vandeco que hoje é seu parceiro de pesca.

Figura 11 - Adriana e Vandeco no dia 05 de julho de 2018



Fonte: acervo da pesquisa.

O último colaborador dessa pesquisa foi o pescador Pelicano. No momento em que entrei em contato por telefone para que fizéssemos uma entrevista sobre pesca de arrastão em Piratininga, ele prontamente se disponibilizou e, no mesmo dia, foi encontrar comigo no retorno do seu trabalho, vindo do Rio de Janeiro. Marcamos na praia de São Francisco, onde ele me encontrou na hora marcada para entrevista no dia 12 de julho de 2018.

Indicou o pescador Luiz Carlos, Trico, morador lá do Tibau. Estive no Tibau no dia 29 de agosto, na casa do Trico e encontrei a Vera, sua esposa, à margem da lagoa em frente a sua casa, limpando e vendendo peixe. Marcamos a entrevista para sábado, dia primeiro de setembro, ali mesmo às margens da Lagoa de Piratininga.

Com alguns pescadores, tive muita dificuldade em marcar a entrevista. Alguns deles ficaram adoecidos, como foi o caso do pescador Bogê e do senhor Dudu, alguns com outros com problemas. Dois deles me deixaram esperando horas na porta de sua casa e não quiseram fazer a entrevista, como foram os pescadores Trico e Eduardo.

Figura 12 – Entrevista com o pescador Pelicano, em 12 de julho de 2018, na Praia de São Francisco.



Fonte: acervo da pesquisa.

Um dos pressupostos éticos levado a cabo pela história oral praticada pelo NEHO é a “devolução”. Seria como uma contrapartida do pesquisador para o grupo e/ou pessoa que colabora com a pesquisa. No caso de minha experiência, coloquei-me à disposição para ajudar ao pescador Cleber na organização das fotos em álbum e a colocação de legendas com as informações que me foram dadas por ele.

Dando continuidade ao trabalho, passei então à parte textual. Inicialmente, fiz a transcrição literal da entrevista; em seguida realizei sua textualização e, finalmente, fiz a transcrição. Esses passos do trabalho com a entrevista fazem parte do conjunto de procedimentos adotados pelo NEHO e têm, como elemento diferenciador, o método transcriativo de finalizar o texto. Essa forma de conceber a narrativa possui motivações que se estendem da preocupação estética ao comportamento ético do pesquisador, o qual encontra no entrevistado, um colaborador e não um depoente ou informante.

Entende-se por transcrição o processo que, ao passar do oral para o escrito a experiência da entrevista, não se contenta com a simples representação de sons. Indo além, busca trazer, para o texto escrito, as sensações e percepções contidas no momento da entrevista. Por esse motivo, a presença é algo insubstituível, não admitindo entrevistas, por exemplo, por telefone ou internet. O recurso do “caderno de campo” torna-se, nesse sentido, instrumento de trabalho, por conter, no relato, exatamente o que não está nas falas gravadas.

O texto desta dissertação está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta Piratininga, descrevendo o processo de urbanização do bairro e como todo esse processo de desenvolvimento afetou os pescadores da localidade.

O segundo capítulo, central na apresentação dos resultados, é também o cerne da pesquisa como um todo. Nele, estão contidas as narrativas dos colaboradores em sua completude. Apresenta-se não a transcrição literal das entrevistas, mas o resultado de um complexo processo de construção da narrativa.

O terceiro capítulo, por sua vez, debruça-se sobre o que pode ser extraído da leitura das narrativas em seu conjunto. É a parte em que se encontra a análise das narrativas e dos temas geradores que se mostraram centrais no conjunto das histórias de vida, desencadeando reflexões sobre as tradições da pesca artesanal e os processos de sociabilidade. Apresento a seguir uma tabela com os principais tons vitais encontrados durante o estudo.

Tabela 2 - Tons vitais encontrados durante a análise das entrevistas.

<b>Pescador</b>	<b>Tom vital</b>	<b>Tema gerador</b>
Cleber	Guardião das tradições.	Tradição
Jefferson	A pesca desde criança.	A pesca
Vandeco	Sou pescador desde criança.	Laços familiares
Bogê	Família de pescadores artesanais	O pescador artesanal
Nat	A rede “come e dorme” não e de pescador!	Tensões
Cabuçu	Na vida a gente corre atrás!	Estratégias de sobrevivência
KiKo	Porque as pessoas não estão respeitando o meio ambiente.	Tensões
Adriana	O meu pai sempre foi pescador.	Laços familiares
Pelicano	A pescaria de arrastão tem uma razão social muito grande.	solidariedade

Espero que este estudo possa registrar e visibilizar as tradições e as sociabilidades desenvolvidas pelos pescadores artesanais de Piratininga, cujas histórias de vida têm tanto a ensinar.

## 1 PIRATININGA E AS TRADIÇÕES DA PESCA ARTESANAL

O nome Piratininga tem uma significação relacionada à questão ambiental, que aparece nos diversos períodos de povoamento, sendo presente até hoje. Piratininga ou Pirapetinga, segundo Oliveira (1948, p. 674), são nomes “derivados do idioma Guarani, em que pira significa peixe, petin se traduz por carcomido, inga é o nome do peixe morto pela babugem<sup>1</sup> da água e finalmente tinin, que os índios chamavam ao peixe sêco, estorricado”.

Na língua Guarani ou Tupi, o nome Piratininga chama a atenção para a mortandade de peixes que ficam secos. Esse significado do nome Piratininga se confirma no livro Topônimos tupis de Niterói como sendo: “secagem de peixe” ou “peixe a secar” (PIMENTEL, 2001, p. 27). Outros nomes foram usados para a Lagoa de Piratininga, como “Certininga”, “Pertininga” mencionados por Oliveira (1948) em seus estudos.

Piratininga fazia parte no final do século XVIII da Freguesia de São Sebastião de Itaipu que tinha diversos engenhos, chácaras, olarias e fazendas voltadas para o cultivo de cana de açúcar, mandioca, milho, arroz, feijão, dentre outros gêneros alimentícios. A produção dessas fazendas, como a Fazenda do Arrozal e a Fazenda de Piratininga, era embarcada na enseada de Jurujuba com destino à cidade do Rio de Janeiro.

A Fazenda de Piratininga destacava-se pelo cultivo de café e pela produção de aguardente, além da atividade pesqueira. Há relatos da abundância e da grande variedade de peixes capturados nas lagoas de Itaipu e Piratininga, no interior da Baía de Guanabara, nas enseadas de Jurujuba, São Francisco, São Lourenço e Itacoatiara.

Durante o processo de povoamento da Região Oceânica de Niterói, alguns fatos atingiram diretamente a região de Piratininga. Dentre eles, temos, em 1946, a abertura do Canal do Camboatá, realizado pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento, construído logo após a aprovação dos loteamentos Piratininga, na Lagoa de Piratininga e o Bairro Atlântico, em Itaipu.

Este empreendimento fez a ligação física entre as lagoas de Piratininga e Itaipu, procurando evitar possíveis transbordamentos das lagoas que alagavam as

---

<sup>1</sup> Espuma que se forma à flor da água, quando esta é agitada.

orlas, atendendo aos interesses especulativos dos proprietários de terras às suas margens. Oliveira (1948, p. 703) registra que:

A comunicação natural entre as Lagoas de Piratininga e Itaipu foi aberta em vala, em 1946. Em outubro de 1947, quase não se podia mais passar de canoa, o capim tinha aterrado grande parte deste canal. O canal da passagem a peixes, que os pescadores esperam numa das bocas; a maior quantidade de peixe apanhado foi em dezembro de 1936, cerca de meia tonelada de tainhas vindas de Itaipu e cercadas de noite na Ponte do Jonjoca.

Outro fato importante aconteceu nos anos de 1970, quando Pizarro, o proprietário das terras de Itaipu, vendeu sua empresa com os lotes que possuía, incluindo as terras hoje conhecidas como Camboinhas, que foram compradas por uma grande incorporadora denominada Grupo Veplan Residência.<sup>2</sup>

Essa incorporadora realizou a abertura do canal entre a laguna de Itaipu e o mar e retirou as famílias que moravam no litoral da lagoa e praia. O loteamento de parte da praia de Itaipu e a criação de Camboinhas levaram os moradores a se fixarem em outras regiões próximas, alguns deles indo para a área chamada “canto de Itaipu”.

A comunidade de pescadores de Itaipu foi estudada na década de setenta, pelos antropólogos Roberto Kant de Lima e Luciana Pereira no livro: *Pescadores de Itaipu* (1997) e por Elina Pessanha no livro: *Os companheiros*. Esses autores estudaram as pescas realizadas por aquele grupo de pescadores e trazem importantes relatos sobre a pesca artesanal.

Na “pesca de arrasto” esses autores relatam a existência de normatizações tradicionais, como o “direito à vez”. O “direito à vez” do “lanço à sorte” continua sendo praticado o ano todo, não sofrendo alterações em relação ao que Kant de Lima (1997, p. 205 e 206) descreveu: “esse contrato visa disciplinar, na pescaria ‘de lanço’, a utilização dos ‘portos de pesca’, estabelecendo normas que assegurem sua exploração concomitantemente e isolada ou ordens de sucessão para sua exploração conjunta”.

---

<sup>2</sup> Fonte: Site: Niterói-Bairros - Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia de Niterói – 1991.

Kant delimita quatro momentos deste ritual na pesca de arrasto: a “espera”, o “cerco”, a “puxada” e o “leilão”, e como os pescadores reagem a cada uma destas etapas.

Pessanha (2003, p. 84) em seu livro “Companheiros, a divisão do trabalho” ao falar da pesca de arrasto explicita as regras para a formação das companhias: “Os pescadores que trabalham juntos em uma companhia se auto denominam companheiros, mas a categoria se aplica genericamente também a profissionais que trabalham nas outras companhias”.

Pessanha (2003,p. 85) descreve a “companhia de emalhar”<sup>3</sup>, formada por três “companheiros”<sup>4</sup>: um mestre e dois remadores, em que: “[...] vigora entre eles uma divisão de trabalho que atribui ao mestre os encargos naturais de governar o processo e aos remadores a execução de determinadas tarefas sob seu controle”.

Naquela época, entre os pescadores das companhias, existia uma disputa e competição descrita por Roberto Kant de Lima (1997, p.122) quando menciona a característica das conversas entre os pescadores de Itaipu/RJ:

“[...] se estabelece, na medida do possível, uma distorção de informações, através do seu ‘exagero’ e/ou sua ocultação, pela omissão ou distorção das horas, lugares, quantidades, preços e condições do mar, o que visa ‘esconder’ a estratégia utilizada das outras companhias, tendo em vista a exploração particular de um ‘território’ comum, através de propriedade provisória dos pontos de pesca e/ou da sucessão da vez”.

Essa rivalidade se estendia aos momentos de diversão dos pescadores da região. Kant (1997) fala sobre os times de futebol em Itaipu e diz que o time de Piratininga participava das domingueiras e dos campeonatos na sede do time União de Itaipu e o Crol do Engenho do mato. Para Kant (1997, p. 69):

A rivalidade entre os times é muito acirrada, costumando terminar suas disputas em conflitos generalizados. Aliás, em toda história das diversões em Itaipu, há que fazer referência a uma “briga”. Esta se constitui a meu ver, em instituição capaz de atualizar a ideologia de igualdade que reveste a “companhia” como unidade de produção de um lado formalmente hierarquizado, e de outro, fundado na liberdade e igualdade de seus membros.

---

<sup>3</sup> Definição de Elina Pessanha.

<sup>4</sup> Os “companheiros” são os pescadores que fazem parte de uma “companhia”.

Outra forma de conflito mencionado por Kant de Lima (1997, p. 8) é “rede de espera”, forma de pesca recente em Itaipu:

Essa pescaria é relativamente ‘nova’ em Itaipu, constando que é praticada de 1963 para cá’ (...) Essa pescaria constitui-se no ponto central de discórdia entre os donos de ‘canoas pequenas’ e ‘canoas grandes’. Isso porque as redes de espera, que ficam à noite toda ‘pescando’, após retiradas, ‘espantam’ outros peixes, que se afastam do lugar devido à ‘restalha’, ‘catinga’, que nele permanece. Essa circunstância agrava-se na época da tainha, quando a captura se volta principalmente para espécies que vêm em cardumes, e a pescaria de arrasto se faz na modalidade de ‘cerco com vigia’.

Voltemos ao ano 1978, em Piratininga, e para falar sobre a situação que os pescadores enfrentavam na época da urbanização do loteamento, apresento algumas notícias veiculadas pelo jornal “O Fluminense”, jornal publicado diariamente em Niterói que denunciava as situações sofridas pelos pescadores de Piratininga com manchetes em destaque: “tentou resistir ao despejo <sup>5</sup>e teve o barraco incendiado” (notícia de 25 de maio de 1978, p.9) e “imobiliária queria despejar 15 famílias de pescadores que viviam às margens da lagoa de Piratininga” (notícia de 19 de setembro de 1978, p.3).

Os problemas relacionados à mortalidade de peixes em Piratininga já eram evidenciados por autores como Oliveira (1948) desde a década de 1950. No capítulo cinco, “Pesca e Pescadores”, Oliveira (1948, p. 683) começa assim:

A lagoa de Piratininga produz pouca quantidade de peixe: tainha, robalo, siri e camarão, cuja venda não dá o necessário para o sustento dos pescadores da Colônia Z-10, que mantém suas famílias num padrão de vida miserável, vivem maltrapilhos, subnutridos e atacados de malária.

Havia, naquela época, muitos casos de malária no Forte Imbuí e, a partir de estudos realizados na época, concluíram que existia relação entre a qualidade das águas da lagoa de Piratininga e o surto de malária:

---

<sup>5</sup> Vale notar o tratamento dado a posse da terra. Em alguns lugares, aparece o termo “despejo”...

Em 3 e 4 de fevereiro de 1947 abriram o sangradouro, esvaziaram a Lagoa e viram até onde ia a influência da água salgada. As conclusões a que chegaram foram expostas em relatórios que contém indicações para resolver o problema da malária no Forte de Imbuí, assim como as indicações sobre o sangramento a ser aberto, em local protegido pela rocha da Ponta da Galheta, a limpeza, conservação de cursos d'água, dragagem, construção de diques de alvenaria, desentulhar canais, valas para escoamento e sobre outras obras de engenharia. (OLIVEIRA, 1948, p. 676)

Ele menciona que, naquela época, havia, ao redor de toda a Lagoa, trinta e oito habitações de pescadores, entre casas e barracões de pau trançado, rebocados a barro. Diz que os pescadores não pagavam aluguéis, pois a parte nordeste da lagoa pertencia ao Forte de Imbuí e só com a licença do comandante do Forte poderiam morar lá. As nascentes que alimentavam a lagoa eram poucas e pequenas:

Desaguam em Piratininga quatro ribeiros, pequenas correntes de água quase seca no estio: os rios tamboatá, Aperta – Cinta, Jacaré e Piratininga. O maior deles mede pouco mais de uma légua, da foz a nascente. Tem de largura 1 e 2 metros, profundidade de um palmo e lança em tempo de sêca, duzentos litros por minuto (OLIVEIRA, 1948, p.680)

No passado, quando a lagoa estava acima do nível do mar e pouco salobra, enchia-se com o acúmulo das águas das chuvas e dos riachos, inundando os terrenos dos habitantes locais e quase penetrando nos “barracões dos pescadores”. Estes, então, “sangravam” a lagoa, conforme a descrição feita por Oliveira (1948, p. 680-681), em seu Estudo Hidrobiológico das Lagôas de Piratininga e Itaipú:

No lido próximo à Ponta da Galheta, de praia de areia finíssima e branca, os pescadores cavam um canal à enxada e pá. O próprio peso da água ajuda abrir o canal que se alarga. Quando o mar está pouco violento, leva 8 dias para que Piratininga se esvazie; o sangradouro estando mais estreito e o mar mais violento, esta operação leva 15 a 20 dias.

À época de sua pesquisa, na década de 1940, Oliveira (1948) relatou que os pescadores lhe diziam “que o peixe já um pouco crescido não pode resistir à tentação da ‘catinga da maresia’”, tendo em vista que, enquanto a lagoa ficava quente e com oxigênio escasso na fase de estagnação, a água do mar era mais fresca e mais arejada que a água da lagoa:

Os peixes que vão fazer o seu curso, como por exemplo a tainha, procuram avidamente sair deste ambiente “abafado” da laguna. Os pescadores então viram que a tainha já sentiu a “catinga da maresia”. Nesta ocasião fazem o cerco do peixe que vai para o mar. Quando o tempo é mais violento e a tarrafa não pode aguentar, fazem a pesca a pau (OLIVEIRA, 1948, p. 706).

Essa operação, denominada de abertura da barra, é mencionada no primeiro trabalho sobre os pescadores de Piratininga, de Gláucia Silva, no qual a pesquisadora afirma que esta atividade fazia parte do saber local do grupo de pesca, ajudando na regulação do ciclo biológico da laguna. A “abertura” permitia que houvesse a migração em massa de certos peixes da lagoa para o mar. Esta abertura realizava-se na Prainha<sup>6</sup>, junto à extremidade direita, a fim de que a ilha não oferecesse resistência à água que vinha da lagoa (SILVA, 1989, p. 11).

A praia de Piratininga tem duas partes. O trecho maior é chamado localmente de praião, o outro, na extremidade norte, chama-se prainha, ou praia da Barra, pequena enseada limitada por duas formações rochosas: a maior encontra-se à direita de quem ali chega, havendo sobre ela inúmeras casas, à esquerda, vê-se a Ponta da Galheta<sup>7</sup>, próxima à Pedra da Baleia.

A partir da areia pode-se ver a Ilha do Veado<sup>8</sup>, situada à meia distância dessas duas pontas que avançam pelo mar, em frente à Praia da Barra (Prainha). Há ainda, em Piratininga, a Área de Proteção Ambiental (APA) das Lagunas e Florestas<sup>9</sup>, a Ilha Duas Irmãs (que se situa em frente à Praia do Imbuí), as ilhas do Pontal e ilha do Modesto (dentro da Lagoa) e a própria Lagoa de Piratininga.

---

<sup>6</sup> A operação poderia ser feita concomitantemente nas lagoas de Piratininga e Itaipu ou apenas na de Piratininga, por ser maior e estar em um nível mais alto do que a outra (SILVA, 1989, p. 11).

<sup>7</sup> Formação rochosa que divide a Prainha do Praião.

<sup>8</sup> Há ali árvores de figueira, cujos galhos assemelham-se aos chifres de um veado

<sup>9</sup> Anexo I - Descrição dos Limites da Área de Proteção Ambiental - APA das Lagunas e Florestas de Niterói.

Figura 13 - Mapa da região Oceânica de Niterói.



Fonte: Blog do Axel Grael – axelgrael.blogspot.com.

O bairro Tibau é uma localidade situada a 900m da Prainha, que abriga muitas famílias de pescadores. Passou a chamar-se Bairro Jardim Imbuí<sup>10</sup> a partir do último plano urbanístico de Niterói. Nesse local, acontecia a pesca do camarão e de alguns peixes, culminando com a reunião das pessoas da comunidade. A pesca do camarão na lagoa era realizada da seguinte forma:

Os caixotes estavam espaçados uns dos outros de 200 metros, serviam para fazer a triagem do camarão que ia sendo pescado em vários pontos da lagoa, para ser acumulado na praia da Penha, próximo ao armazém do Senhor Tibau, que é o ponto de reunião local. (OLIVEIRA,1948, p.683)

<sup>10</sup> Imbuí : palavra tupi, significando imbú pequeno, imbuzinho ( imbu: a fruta, imbu, pequeno miúdo). Luís Antonio Pimentel, Topônimos Tupis de Niterói, p.19).

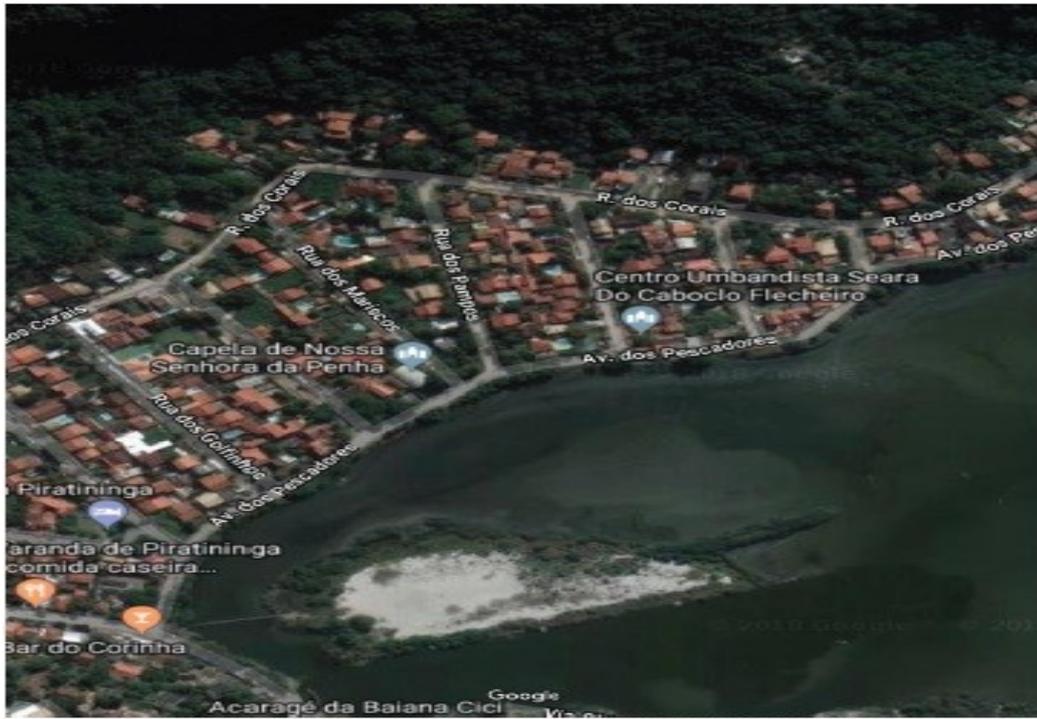
Figura 14 – Visão da Lagoa de Piratininga na entrada do bairro Jardim Imbuí, em outubro de 2017.



Fonte: acervo Suely Moraes.

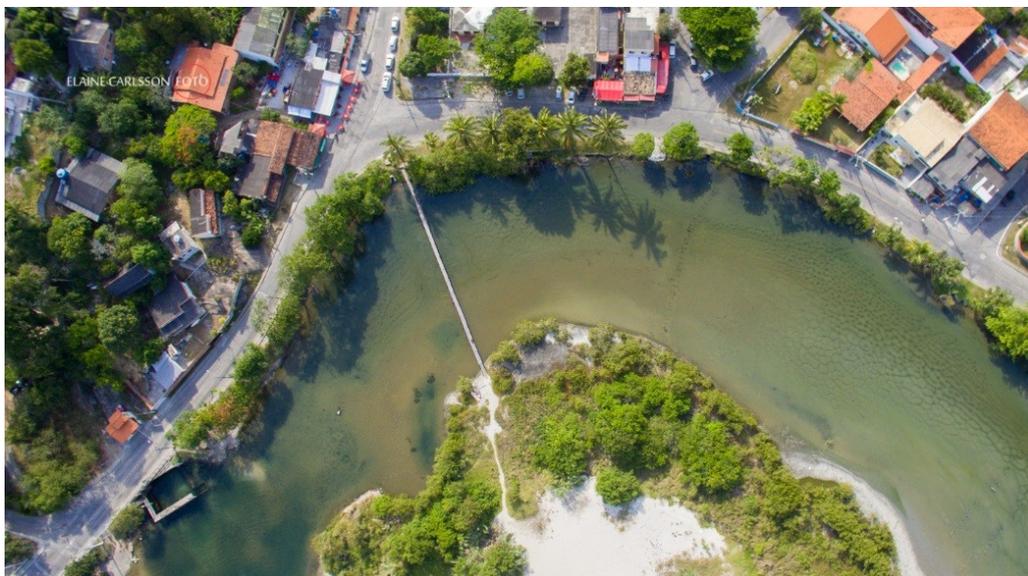
Hoje a localidade do Jardim do Imbuí, antigo Tibau, é constituída, principalmente, por residências. Mas há bares, restaurantes, algumas vendinhas e uma unidade básica de saúde (UBS Piratininga Dom Luiz Orione). Há ainda uma área reservada às Forças Armadas, por onde pode-se chegar ao Forte do Imbuí, assim como ao Núcleo Espírita Chico Xavier (entre a Rua das Tainhas e a Rua dos Tatuís); a Capela de Nossa Senhora da Penha (entre a Rua das Gaivotas e a Rua dos Mariscos) e o Centro Umbandista Seara do Caboclo Flexeiro. A maioria dos nomes dos logradouros refere-se a elementos marítimos e à pesca, tais como: Av. dos Pescadores, Rua dos Corais, Rua das Ostras, Rua das Conchas, Rua dos Pampas, Rua dos Mariscos, Rua das Gaivotas, Rua dos Golfinhos, Rua das Tainhas etc.

Figura 15 - Ruas e estabelecimentos do bairro do Imbuí.



Fonte: Google Maps.

Figura 16 – Foto aérea de Piratininga.



Fonte: Elaine Carlsson (2018)

Nos trabalhos de pesquisa sobre pescadores e história oral no Brasil, escolhi quatro trabalhos com diferentes objetos de estudo e de diferentes regiões. O primeiro trabalho é de Santos (2014) “Pescadores do rio Vermelho: entre causos e lugares: estudo das narrativas orais dos pescadores da colônia Z-1”, localizada na

Praia de Santana, no Bairro do Rio Vermelho, Salvador-BA. O objetivo da pesquisa foi analisar “os causos” dos pescadores e como estes são elaborados no seu cotidiano. Os estudos das narrativas orais revelaram como diz a pesquisadora: “a poética da vida social, seus dilemas entre a tradição e a modernidade, suas identidades e seus modos de vida.”

Um segundo trabalho foi produzido por Cardoso (2015, p. 17), com o título “Os senhores dos mares: o imaginário e as experiências de vida dos pescadores da Vila do Treme, Bragança (Pará). Este estudo examina a tradição oral dos pescadores, a memória e destaca a questão do mito: “as narrativas míticas são analisadas com ênfase no universo simbólico dos pescadores, considerando as particularidades do imaginário social destes sujeitos no relacionamento com a natureza”.

A pesquisadora quer compreender a formação de identidades dos pescadores da vila do Treme-Bragança (PA), a partir do ponto de vista desses pescadores e verifica que através da tradição oral, os mitos são muito presentes e permeiam as relações sociais e as relações de respeito à natureza:

A partir da narrativa como representação cultural do pescador da comunidade do Treme, percebemos um diversificado repertório de histórias míticas (boto, Ataíde, mãe d'água, mãe da praia) reveladoras da importância da tradição oral que manifesta respeito à natureza, regras sociais estabelecidas que devem ser obedecidas pelo grupo de pescadores, uma identidade constituída entre o mundo material e não-material, entre real e o imaginário, entre o dizível e o indizível, elementos que marcam a singularidade do saber da gente do mar. (CARDOSO, 2015. p. 42)

A pesquisa de Oliveira (2016) “O conhecimento tradicional dos pescadores da Praia do Forte – BA, no Projeto Tamar, “analisa o processo de organização do Projeto Tamar, uma das primeiras iniciativas desse tipo, que foi implantado no Brasil a partir das narrativas dos pescadores locais através do método de história oral .

O presente trabalho teve como objetivo identificar de que modo a Comunidade de Pescadores da Praia do Forte-BA contribuiu, através da transmissão do seu conhecimento tradicional, para as ações de conservação do Projeto Tamar com as tartarugas marinhas.

O conjunto de informações teórico-práticas que os pescadores apresentaram, ofereceu grande fonte de conhecimentos

praticamente desconhecida pelo Tamar até então. Conhecimentos sobre comportamento; hábitos alimentares; ecologia e reprodução das tartarugas marinhas. Uma das informações principais que os pescadores da Praia do Forte passaram para o Tamar foi sobre a reprodução da tartaruga, a frequência que as fêmeas desovam, os locais da desova, como encontrar uma ninhada de ovos de tartaruga, além dos hábitos alimentares das espécies de tartarugas. (OLIVEIRA, 2016, p.127)

Outro trabalho que envolveu os pescadores no método de história oral, foi o do Braga (2016) que trata das “corp-oralidades: experiência corporal e memória de trabalhadores dos rios e dos mangues no povoado dos Morros da Mariana/PI “(1970-1980). Utilizando a história oral de vida desses trabalhadores dos rios e dos mangues, pôde conhecer a infância, as memórias da escola, as experiências e aprendizagens dos gestuais do trabalho, ou seja, suas formas identitárias.

Com um olhar atento ao trabalho físico realizado pelos pescadores, as suas técnicas e as subjetividades por meio das dores, ferimentos e as marcas do trabalho, buscou explorar o saber construído através do corpo:

O homem, por meio do corpo, se apropria dos espaços, sejam naturais ou sociais, resultando, desse contato, um “saber”. Portanto, a existência é marcada por uma “corp-oralidade”, tendo em vista que é através do corpo que os sujeitos materializam a vida e sua experiência, seja através do nascimento, alimentação, doenças, vestuário e morte, lançando mão das narrativas para expressarem saberes e memórias de um tempo vivido. No entanto, os usos do corpo são variados, dependendo das circunstâncias sociais e históricas. (BRAGA, 2016, p.111)

As narrativas mostram como os trabalhadores lançavam mão dos saberes antigos quando se deparavam com as doenças: “usavam de artimanhas para curar o corpo, como uso de ervas e raízes. Se não fosse bastante, recorriam a benzedores, pessoas responsáveis por curar, sejam as doenças do corpo ou da alma. As mulheres, geralmente, serviam-se de parteiras.” (BRAGA, 2016, p.132).

De volta a Piratininga, o primeiro trabalho sobre os pescadores é o de Silva (1989), que nos trouxe informações importantes sobre as condições e dificuldades dos poucos pescadores remanescentes próximos à lagoa de Piratininga, como é possível ver na introdução de sua obra:

[...] são aproximadamente oitenta pescadores que ali vivem, morando próximo à praia ou à beira da lagoa. São todos “pequenos” pescadores, no sentido de não haver proprietários que detenham muitas e/ou grandes embarcações; boa parte deles possui sua própria canoa, que pode ser adaptada à pesca na lagoa (tipo de pescaria considerada por eles menos arriscada e que traz a vantagem de poder contar com a participação efetiva das esposas) ou no mar, que exige uma canoa maior — com cerca de vinte metros — geralmente motorizada. (SILVA, 1989, p.01)

A monografia de Saraiva (2004), intitulada “Saber pescar, saber trabalhar: uma discussão sobre a identidade social dos pescadores de rede de arrastão na praia de Piratininga”, também traz informações interessantes sobre o trabalho dos pescadores em Piratininga. A autora relata a existência de duas “companhas”<sup>11</sup> na pesca de arrasto, que utilizam canoas de nove metros de comprimento com quatro remos:

Na pesca de arrasto de praia é utilizada uma rede de 200 a 300 metros. A canoa possui quatro remos e mede cerca de 9 metros. Esse conjunto de apetrechos - rede e canoa - é denominado pescaria. Atualmente existem três pescarias embora só existam duas companhas. (SARAIVA, 2004, p. 16).

O trabalho do pesquisador Mibielli (2014) apresenta o processo de formação da Reserva Extrativista Marinha de Itaipu. Por meio do Decreto nº 44.416, de 30 de setembro de 2013, que criou a Reserva Extrativista Marinha de Itaipu no Município de Niterói, verifica-se que a sua área de abrangência se estende da praia de Itaipu, passando pela lagoa de Itaipu, até a praia de Piratininga. A partir de então, ficaram proibidas a “pesca industrial, a pesca predatória e o descarte de água de lastro ou óleo na área de proteção da Reserva”. O maior ganho da criação da reserva foi garantir direitos para os pescadores artesanais profissionais, como o seguro defeso e o direito à aposentadoria.

Além disso, está prevista a construção do Centro de Educação Ambiental e Cultural em Itaipu: “A área protegida pela RESEX passou a incorporar o PESET, “estando previstos investimentos de aproximadamente R\$ 1 milhão, advindos do Fundo da Mata Atlântica (FMA/RJ), para a construção do Centro de Educação Ambiental e Cultural em Itaipu.” (TARDELLI, 2015, p.82)

---

<sup>11</sup> “Companha” é a denominação da equipe de pescadores de uma pescaria, que para ser realizada idealmente deveria ter o número de sete companheiros

A Reserva Extrativista Marinha de Itaipu se estende da porção rochosa de Itacoatiara, como o Morro Costão e Morro do Elefante até a parte final da praia de Piratininga, incluindo a ilha do Veado. Compreende toda a costa das Praias de Piratininga, Sossego, Camboinhas, Itaipu, Itacoatiara, Lagoa de Itaipu e as ilhas do Pai, da Mãe e da Menina.

A “jurisdição de pesca”, em Itaipu, diz respeito à Colônia Z-7 (que fora criada com o nome de Z-10). A Colônia compreende as praias de Itaipu, Piratininga, Camboinhas, Itacoatiara, Itaipuaçú, Maricá e Ponta Negra, com aproximadamente 450 associados. Ela é subdividida em 4 seções (Piratininga, Maricá, Zacarias e Ponta Negra).

Tabela 3 - Pescadores por arte de pesca. Tabela elaborada durante reunião para formação do conselho deliberativo da Resex-Mar de Itaipu.

LOCAL	ARTE DE PESCA	NÚMERO DE PESCADORES		
		NA REUNIÃO	FORA	TOTAL
ITAIPU	Tarrafa	8	12	20
	Arrasto de praia	8	8	16
	Rede de espera	9	43	52
	Linha	25	36	61
	Mergulho	2	10	12
	Marisqueira	1	5	6
	Puçá	1	5	6
	Armadilha	9	10	19
LAGOA ITAIPU	Rede de espera	2	5	7
	Puçá	0	5	5
	Tarrafa (Itaipu)	8	11	19
PIRATININGA	Puçá	3	6	9
	Arrasto de praia	9	16	25
	Rede de espera	5	30	35
	Linha	8	20	28
	Mergulho	1	6	7
	Marisqueira	3	3	6
	Tarrafa	3	8	11
	Armadilha (puçá grande)	2	1	3

Fonte: Elaborado por Mibielli (2014, p.36).

Como pode ser visto na tabela acima, o número de pescadores em Piratininga registrados na Colônia de Pescadores Z-07 totaliza 90. Entretanto, somente 37 participaram da reunião para a formação do conselho deliberativo da Resex. Não foram encontrados, nesse estudo, dados referentes ao número total de pescadores na região de Piratininga. Com essas informações, fica evidente a

pequena participação desse grupo no processo de aprovação da Resex Itaipu, que abrange a área de atuação dos pescadores de Piratininga, no caso, a Praia de Piratininga, como pode ser visto no mapa.

O trabalho mais recente, “Lugar de pescador: usos, apropriações e conflito em torno de um barracão de pesca na Praia de Piratininga – Niterói (RJ)”, de Gabriel Tardelli (2017, p. 13) indica que “o objeto em disputa [em Piratininga] é o próprio barracão e a área que o circunda”. Estão envolvidos nessa disputa os comerciantes da praia e os pescadores pelo espaço da prainha de Piratininga. Como diz em seu trabalho, o barracão é destinado:

[...] para armazenar petrechos e embarcações; para a realização de reuniões da Associação Livre de Pesca e Amigos da Praia e Lagoa de Piratininga (Alpagoa); para festas de aniversário dos pescadores ou de familiares e amigos; para limpar ou vender o pescado; ou para “fazer comércio”, isto é, vender comidas e bebidas. (TARDELLI, 2017, p. 20)

A pesquisa de Tardelli (2017) se iniciou após o último incêndio no barracão dos pescadores que aconteceu em 2014, em Piratininga, queimando documentos, barcos, apetrechos de pesca e até cachorros. Nessa mesma época, com a aprovação da Resex, em uma das suas reuniões deliberativas, os pescadores de Piratininga pediram ajuda para a situação do barracão e da sede da Associação Livre de Pesca e Amigos da Praia e Lagoa de Piratininga (Alpagoa):

Na ocasião, Ronaldo Lobão sugeriu a utilização do Termo de Autorização de Uso Sustentável (TAUS) como uma forma de regularização do espaço. Esse instrumento está previsto na Portaria nº 89, de 15 de abril de 2010, expedida pela SPU. A servidora Maria Rosa Esteves de Souza, presente na reunião, comprometeu-se a levar a sugestão para o órgão.

Uma das exigências da mencionada portaria, que disciplina o uso e o aproveitamento dos imóveis da União pelas denominadas “comunidades tradicionais”, refere-se à elaboração de um “estudo de caracterização”. Caso o estudo fosse aprovado, a SPU outorgaria o TAUS, o que permitiria a permanência da comunidade no local. Esse instrumento compreende “as áreas utilizadas tradicionalmente para fins de moradia e uso sustentável dos recursos naturais, contíguas ou não” (artigo 1º), assim como as áreas de “praia marítima” (art. 2º, III) (TARDELLI, 2017, p.22)

Mas, apesar desse “estudo de caracterização” ter sido feito em encontros semanais, aos sábados, por equipe formada pelos pesquisadores Tardelli, Ronaldo Lobão, Allan Sinclair, Luciana Loto, Matheus Guarino, do Núcleo de Pesquisas sobre Práticas e Instituições Jurídicas (NUPIJ), não foi ainda apresentado para a Secretaria de Patrimônio da União como processo de solicitação do uso das áreas de “praia marítima”. Esse estudo é uma das exigências da portaria que trata do pedido do TAUS, no uso de área da União pelas “comunidades tradicionais”.

Ao solicitar informações sobre o pedido do TAUS para o uso de parte da área praiinha, como porto de barcos e petrechos da pesca para os pescadores de Piratininga, fui informada pelo pesquisador Gabriel Tardelli que não há processo de pedido do TAUS, pois, apenas foi feita uma consulta sobre o formato do processo exigido pela portaria do TAUS.

O pesquisador informou que a partir do estudo de caracterização foi elaborado um esboço, entregue à funcionária da SPU, Maria Rosa Esteves de Souza, na expectativa que essa funcionária apresentasse as orientações sobre o conteúdo do processo a ser feito e protocolado na Secretaria de Patrimônio da União ( SPU), do Termo de Autorização de Uso Sustentável. O pesquisador conclui no seu trabalho que após o pedido feito: “nunca obtivemos uma resposta da SPU a respeito do estudo sobre Piratininga, positiva ou negativa, mesmo através do Conselho da RESEX. A parceria, por sua vez, nunca foi realizada” (TARDELLI, 2017, p.25).

Esses trabalhos chamam à atenção para duas questões que atingem a comunidade de pescadores artesanais de Piratininga. Primeiro o impacto que as populações litorâneas sofreram com a urbanização da região oceânica, como foram os casos dos pescadores que retirados em massa de algumas regiões, como Camboinhas e entorno da lagoa de Piratininga. Outra questão é a organização política dos trabalhadores da pesca em Piratininga, que ainda é fraca e tem pouca participação dos pescadores na Colônia Z-07, porque não reconhecem o trabalho político em defesa dos direitos daquela comunidade.

Desta forma, os pescadores ficam à margem dos processos de participação para a construção políticas públicas para a região oceânica, por não estarem organizados e não terem uma associação que os representem diante de outras entidades ou instituições do poder público. Estão silenciados diante dos projetos e

políticas encaminhadas pelo poder público local, em parceria com os grandes empreendimentos.

Os pescadores de Piratininga estão sendo afastados do seu lugar e da sua atividade da pesca. Há muitas décadas sofrem com a perda de direitos sociais, com os danos ambientais e com as intervenções urbanísticas na sua comunidade. No final de 2017, a comunidade foi surpreendida pelo lançamento do “mega” projeto Parque Orla Piratininga <sup>12</sup>pela Prefeitura de Niterói. Esse projeto abrange todo o entorno da lagoa de Piratininga, onde serão feitas diversas intervenções, inclusive ciclovia, decks<sup>13</sup> e grandes empreendimentos imobiliários e mais uma vez atingirá diretamente aquela localidade. No projeto Parque Orla Piratininga, em seu volume 2 conceitual, no ponto 1.1, as diretrizes paisagística e urbanística indicam que:

10- O projeto deve priorizar as especificidades necessárias para o funcionamento da pesca artesanal, prevendo, inclusive, a implantação de píers para os pescadores com localização que atenda aos atuais locais de pesca identificados no diagnóstico.

11- O projeto deve ter como premissa a inclusão das áreas de habitação no Parque Orla, buscando a integração entre as diferentes classes sociais do entorno.

Esse empreendimento trará um grande impacto para a região e atingirá diretamente as populações que dependem da lagoa para a sua subsistência. Com a construção dos empreendimentos imobiliários em toda a área do entorno da lagoa de Piratininga, quem sofrerá sobremaneira com a intervenção serão os pescadores artesanais que tem seus pequenos portos com suas canoas e petrechos em toda sua extensão. As populações tradicionais são penalizadas e não são reconhecidas pelo seu vasto e antigo conhecimento de convivência e de práticas ligadas à

---

<sup>12</sup> No projeto conceitual volume 1, capítulo 2.3.6 o projeto menciona a pesca, dizendo: “Por ter uma relação tão próxima com a Lagoa, os pescadores são também os que mais sentem os impactos de sua degradação ambiental. Devido à diminuição da população de peixes na Lagoa, a pesca foi muito impactada. Entretanto, foi averiguado durante as pesquisas de campo que é ainda hoje a atividade mais difundida na área. É importante mencionar que há pescadores que têm a pesca como profissão e retiram seu sustento disso, mas há também pescadores aposentados e “amadores” que praticam a atividade por tradição.” (Prefeitura de Niterói. 2017.p.42)

<sup>13</sup> Nesse ponto do projeto diagnóstico, afirmam a existência de diversos pequenos portos de em toda a extensão da lagoa de Piratininga: Tais pontos consistem, por vezes, em pequenas pontes ou píers rústicos, construídos pela própria população local com madeiras reutilizadas e outros são apenas espaços na beira da lagoa, sem qualquer estrutura, onde os pescadores guardam seus barcos. ( Prefeitura de Niterói. 2017)

natureza. Os seus modos de vida e a sua relação com a natureza dão exemplos de um uso sustentável. Para essas populações, o modo de vida em comunidade e a relação com a natureza não se constituem por diferenças, visto que há relação de proximidade, de conhecimento, de manejo e cuidado, há um uso conjugado com a dinâmica ecológica do ambiente.

## 2 PESCADORES ARTESANAIS DE PIRATININGA: HISTÓRIAS DE VIDA

É no cotidiano dos pescadores que se estabelecem as relações de sociabilidade, entre eles, suas famílias e a sua comunidade. O maior desafio desse trabalho de história oral de vida dos pescadores é decifrar os enlaces utilizados por essa comunidade no enfrentamento das dificuldades, na labuta<sup>14</sup> do dia a dia.

No seu livro “A sociabilidade do homem simples”, Martins (2008) destaca que para o “homem comum, os acontecimentos que ficam na memória são os que têm importância para ele”.

As histórias de vida dos pescadores também oferecem informações valiosas, sobre como esses “homens simples” Martins (2008), são na verdade, muito complexos ao nosso entendimento. Revelam como lançam “mão” de estratégias, “âncoras” e acordos ao enfrentar o avanço do capitalismo, o extenso e contínuo processo de urbanização, toda a força do capital e da especulação imobiliária e as perdas de proteções sociais e trabalhistas.

Neste capítulo apresentaremos as histórias de vida de nove pescadores artesanais de Piratininga que participam da última companhia de pesca de arrastão, começando com a história do Cléber, que atualmente lidera o grupo.

### 2.1 CLEBER IRINEU MESQUITA

Cleber Mesquita foi o primeiro colaborador da pesquisa. Considerado a reserva de memória desse grupo de pescadores, marcou o presente trabalho em todas as suas etapas. Com ele foi realizada uma entrevista e vários encontros, durante os quais pude conhecer o cotidiano desse pescador e suas canoas artesanais, como a Tranchan e a Rosa Maria. Sua história de vida é de total resistência e defesa da atividade da pesca. Da primeira conversa que tivemos à validação e autorização do texto transcrito, se passou quase um ano.

O mesmo pode ser dito com relação aos rumos da pesquisa, que ganhou consistência a cada novo passo. Essas foram, sem dúvida, estimuladas por experiências como as desse colaborador, que ao contar sua história de vida, resistência e luta pela manutenção do “barracão” e da restinga, estimulou a participação dos outros pescadores e alimentou o desejo pela realização desta pesquisa.

---

<sup>14</sup> Ação ou efeito de labutar (trabalhar); labor; tarefa árdua; lida

### **2.1.1 Guardião das tradições**

Meu nome é Cleber Eliseu Mesquita, tenho 54 anos, sou pescador artesanal, tradicional e de canoa. Nasci aqui no Sapê, em Niterói e vim pra Piratininga aos onze anos de idade. Em 1972, quando eu tinha 9 anos, eu, meus irmãos por parte de pai, minha madrasta, meu pai, todo mundo da família, vendíamos milho, pamonha e derivados de milho na praia de Piratininga. A gente chegava cedo, limpava a praia, catava a lenha, cozinhava os milhos em latas de vinte litros, depois botava na panela “ariadinha” e no carvão, com o milho já cozido pra não gastar carvão e vendia numa “baciazinha”, com um pegador. Aí a gente pegava na panela, botava no sal, botava na palha e servia.

A gente morava no Sapê, no Largo da Batalha, mas com esse conhecimento aqui em Piratininga, eu me envolvi com o pessoal do restaurante e eles acabaram me adotando. Aos 13 anos, mais ou menos, eu passei a morar ali com eles e a trabalhar no restaurante chamado: "Vendaval." Lá eu era cozinheiro, ajudante de cozinha e garçom. Desse tempo em diante eu me misturei com os pescadores, porque eu via eles consertando redes e fui me envolvendo com a pesca, fui ajudando um “coroazinho” chamado Sr Euripedes. Eu o ajudava a manusear a rede, porque era pesada pra ele.

Achava que eu ia ser comerciante, porque meus pais, minha família toda era do comércio. Eu já estava aprendendo a cozinhar, a servir, a cuidar da copa e todas essas coisas. Mas me interessei pela pescaria, até porque via o velho pescador, senhor Euripedes trabalhando sozinho e fui ajudando. No começo eu não sabia consertar, fazer nada. Mas fui abrindo as redes, fazendo as coisas pesadas.

Naquela época não havia nylon para fazer as redes. Tinha que ser de uma certa palmeira chamada “tocum”. Os pescadores antigos tiravam as folhas das palmeiras, desfiavam, teciam, depois faziam a rede. Só que com pouca durabilidade, porque o nylon, o plástico, esses industriais são mais duráveis.

Naquela época não tinha aprendido ainda a tecer as redes. Só há alguns anos atrás aprendi a tecer com o senhor Euclides. Foi com ele que eu me apeguei mais a esse tipo de pesca: a pesca de arrastão. Uma porque já veio muito lá de trás, com os portugueses e com os africanos. Foram eles que introduziram isso aqui. Outra porque é uma pesca farta, onde a gente pesca e no final ainda tem que dividir com a comunidade, que vem ajudar a puxar a rede conosco. Então há uma

participação de todo mundo e a gente divide parte do peixe. Estamos pescando raramente agora, por causa de montar um conjunto de pessoas para ir pescar e esperar a hora adequada do mar. Como se trata de pescaria artesanal, tem que estar tudo legal: o mar, o tempo e as pessoas.

A nossa “companha” era como se fosse uma empresa. Eu tenho aqui uns cadernos que mostram como que a gente fazia a divisão. De cada cem reais, trinta por cento é da pescaria, para que se compre nylon e mantenha a pescaria. Os outros setenta eram divididos com os que estavam lá. Claro que lá atrás, quando eu entrei, as regras ainda eram mais específicas e claras. Quem sabia mais, ganhava mais. Então o mestre ganhava de 15%, o contramestre de 12 %, o cara que larga a rede de 10%, os remadores de 10%. O ponta de cabo, que é o cara que recolhe as cordas e enrola, de 7% a 5% e isso vai depender da capacidade dele. Alguns sabiam fazer conta, mas boa parte não. Mas era fácil de entender a conta. Vamos ser francos, a maior parte fugiu do colégio que nem eu!

Havia várias canoas e cada uma tinha um mestre: Nat, Tinga, Mário e Sr. Euclides. Quando os pescadores mais velhos e o Sr. Euclides morreram, a última “companha” precisava de novo mestre. Naquela época consultei o grupo de pescadores e perguntei a eles: vocês confiam em mim? Então vamos que eu acho que aprendi o suficiente. Eu tive que tomar o comando como mestre, com a sabedoria que adquiri durante muito tempo com os pescadores mais velhos. Porque no final, eu vi que não tinha mais ninguém e parou.

Existiam regras para toda a pesca de arrastão. Essas regras não eram ditas, elas eram praticadas, e vieram lá de trás. Acredito que foram conversadas, e bem conversadas. Porque quando eu cheguei, eram bem respeitadas.

Para ser o primeiro lá, na “vez” da canoa, a gente arriava a âncora lá no meio da praia, onde é o ponto de pesca. E não tinha ninguém olhando a gente. A gente sabia que não tinha ninguém. Arriava a âncora e ficava durante uns trinta minutos, levantava a âncora, e vinha embora. Já sabendo que a gente era o primeiro da “vez”. Se o outro quisesse tomar o lance, ele vinha lá de Itaipu remando, arriava lá o “ferro dele” por trinta minutos e tomava o lance. Aí passava a ser o primeiro.

E cada canoa tinha o seu time, a sua “companha”. Quatro remando, um largando rede, um fazendo o leme e um na praia para segurar a corda. Só aí são cinco, seis, sete pessoas e mais o vigia na pedra, no inverno, são oito.

A pesca de arrastão começa cedo, às vezes duas horas da manhã e a gente

puxa até às nove ou dez horas. Isso varia muito da quantidade de peixes que vai vindo. Se der a sorte de acertar um cardume grande, é só uma vez. Até conseguir safar aquilo tudo: resolver o peixe, embalar, vender, arrumar a canoa de novo, isso demora um pouco.

É muito importante um porto com cobertura adequada para guardar os barcos na praia, principalmente para a canoa do arrastão que tem sete metros ou até nove metros de comprimento, e é muito pesada para ser retirada da praia.

Esse barracão já existia antes da criação do loteamento Piratininga, mas infelizmente parece que estamos incomodando a alguém, que provocou um incêndio em 2014. Esse foi o segundo incêndio e pegou fogo em tudo: documentos, material de pesca, canoa e até cachorro. Queimou tudo e ficamos sem nada...

Na época do incêndio, os responsáveis pela Z -07 vieram aqui e pediram um inventário do que a gente perdeu, com o laudo dos bombeiros e o laudo da polícia civil. O pessoal da colônia fez a gente ir lá fazer o inventário. Depois pegaram essas papéis todos, formaram um documento e foram lá na FIPERJ. Eles receberam quarenta mil reais para ajudar ao nosso acampamento. E então, o que aconteceu? O dinheiro sumiu. Eles queriam que eu fosse em uma reunião para saber onde foi o dinheiro. Eu não fui porque fiquei com medo.

Entendeu como é que ficam as coisas aqui? Não vieram nem tirar as cinzas do incêndio, mas a gente foi lá ajudar a criar a RESEX Itaipu, junto com a Prefeitura, a União e outras pessoas.

Nós tínhamos no nosso porto cabines para os barcos de todos os pescadores. Na época da criação da associação ALPAGOA, eu ajudei a filiar os pescadores na colônia, o que garantiu a eles o recebimento do defeso do governo, o que alguns recebem até hoje. Isso ajudou bastante, porque apesar de tudo, lá na colônia Z-07 eles sabem dos meus procedimentos.

Já chegaram até a fazer desse porto uma sub sede da colônia. Só davam permissão a mim e ao Seu Mauricio, que era o vice-presidente da ALPAGOA, na época, a assinar pelas pessoas que fossem pescadores e quisessem tirar o documento de pesca.

Rapaz, eu estou cheio de problemas. Um deles com a União porque quando eles chegaram aqui, mediram o espaço, me perguntaram sobre essa história que eu estou contando para vocês. Eles queriam saber quem fez o barracão, então depois de tanto tempo, isso já refeito de novo, eu não poderia falar que foi o pessoal de

Itaipu, da Colônia de Pescadores Z-07, então falei que foi eu. Essa colônia é dos pescadores daqui até Maricá. Como eu era quem estava no momento, tive que assinar alguns papéis e acabei ficando com a multa de sessenta mil reais (R\$ 60.000,00) por esse galpão que está na área da União.

Eu que não gosto de ir à cidade, mas tive que ir falar com o fiscal lá no Rio de Janeiro. Falei pro fiscal: “\_Rapaz, você foi lá em Piratininga, me perguntou, identificou aquilo, eu nunca comprei um ventilador fiado nesse calor, e você vem e me dá uma multa de R\$ 60.000? Como que eu vou pagar isso? Você vai me quebrar, eu não tenho como...” Ele falou: “\_foi mal Seu Cleber, eu faço o meu trabalho. Eu tive que fazer isso”. Respondi: “\_Pois é, mas eu não tenho, você me prejudicou, como é que eu vou fazer? Ele disse: “\_Olha! Você vai lá embaixo no departamento e faz uma defesa para você, pode fazer a punho mesmo”. Eu disse: “\_Como que eu vou fazer? Eu nem sei me expressar direito, escrever, você está doido?”. Ele recomendou: “\_Então, você vai lá na Colônia de Pescadores à qual você é afiliado, porque eles têm que te defender juridicamente”.

Eu fui na colônia Z-07 e eles fizeram uma defesa para mim e mandaram para União. Algum tempo depois recebi na casa da minha irmã um papel dizendo que foi indeferido. Depois eu dei na mão de um advogado, para ele dar uma olhada e ver como que eu tenho que fazer pra me defender nessa situação.

O pessoal da UFF veio aqui e ajudou a gente. Inclusive, organizou até as fotos nossas pra poder mostrar para vocês. Os pesquisadores da UFF nos mostraram que tinha um pedido à União, um processo para o uso dos pescadores dessa área da praia. Os pesquisadores da UFF nos deram uma boa ajuda sobre o problema do porto na prainha de Piratininga.

Eu estou bem que no final da linha, para falar a verdade para vocês, pelo menos nesse tipo de pescaria de arrastão aqui em Piratininga. Lá para Itaipu, eu também sei que só tem duas canoas. Eles também estão parando e só tem mais aquela geração. As outras eu acho que não tem nem como manusear, porque a pesca de arrastão precisa de conhecimento e de um aprendizado para poder manejar. Porque não é fácil como parece. Tanto em relação à mão de obra, os pescadores para trabalhar, quanto ao conhecimento das condições da natureza e do mar. Outra dificuldade é que hoje a quantidade dos cardumes de peixes tem diminuído bastante.

Eu sou um pouco subversivo, porque eu estou resistindo há muito tempo

para que eles não derrubem esse barracão dos pescadores artesanais. Só os pescadores tinham permissão para ter esse tipo de rancho na praia, por conta das embarcações. Eles já estavam aqui desde que abriram o loteamento, em mil novecentos e quarenta e cinco. E estamos até hoje na luta.

A pesca de arrastão faz parte da cultura da pesca do estado do Rio de Janeiro. Eles deveriam financiar a recuperação dessas canoas e administrar esse acampamento. Dar um pouco de condições para essa gente poder pescar porque eles estão aqui há um tempão.

A própria União que se diz dona do local, teria que pagar aos pescadores, por eles terem tomado conta desse espaço até hoje e colocado a restinga no lugar, a restinga que eles removeram em época de eleição.

Eu preservo a restinga, todas as plantas foram plantadas por mim, com as minhas mãos. Eu estou na Ilha do Veado preservando em nome da Associação, ALPAGOA e tenho feito contorno de proteção na floresta, para evitar que o fogo se espalhe nos incêndios provocados balões.

Já tem quinze anos que eu levo pescadores antigos, que gostam de pescar na pedra, para passar a noite na Ilha do Veado, como forma de lazer. Eles me pagam trinta reais por pessoa pelo transporte na canoa. Eu levo os pescadores às cinco da tarde e apanho às cinco da manhã.

Agora eu quero melhorar o projeto de preservação da Ilha do Veado e se possível dar entrada em algum cartório. Gostaria que os funcionários do Estado, dessem uma força para nós, pescadores. Queria apoio nesse trabalho que fazemos na ilha. Depois eles vão vir proteger o que já está protegido, querendo ganhar as medalhas e os bônus pelo que já está feito.

## **2.2 JEFFERSON GONÇALVES DE ALMEIDA**

Jefferson foi o segundo colaborador da pesquisa e foi indicado pelo pescador Cleber. A entrevista aconteceu no seu local de trabalho, um comércio, na prainha de Piratininga. Ex-integrante da pesca de arrastão, era proeiro e devido a problemas de saúde (hérnia) teve que se afastar da atividade pesqueira.

Sua história de vida evidencia a riqueza dos ensinamentos da pesca de arrastão, e os benefícios que ela proporciona, como atividade física, para o bem-estar e a saúde.

### **2.2.1 A pesca desde criança**

Meu nome é Jefferson Gonçalves de Almeida, nascido em onze de outubro de mil novecentos e setenta e dois, tenho hoje quarenta e cinco anos. Eu sempre trabalhei nesse quiosque aqui em Piratininga e desde criança vinha à praia para pegar onda. Estudei até o sétimo período de Direito na Universo. Depois eu me afastei pois estava muito caro. Embora eu tenha a certeza que é importante terminar esse curso, ainda não tive oportunidade para retornar os estudos.

A minha identificação com o mar sempre foi muito grande, desde “criancinha” que eu venho pra Piratininga. A pesca de arrastão foi me interessando cada vez mais, por ser uma pescaria de equipe, me trouxe muita alegria. Achava muito bom poder soltar o peixe vivo na hora da pescaria, quando ainda era pequeno para a captura.

Hoje eu faço parte do Conselho Deliberativo da RESEX. Eu pesquei muito e só parei por conta de uma “herniazinha” que adquiri em razão desses movimentos bruscos e pesados.

A minha função na pesca de arrastão é proeiro. Ser proeiro é uma responsabilidade bem grande dentro da pesca. É uma das funções mais importantes porque dá a direção para a canoa na hora do cerco.

Essa pesca é uma pescaria que tem que prestar muita atenção, senão você pode se machucar. O Cléber foi uma peça fundamental nesse processo de ensino e também seu Euclides, por toda a sabedoria sobre a pesca. Eu sempre conversava muito com eles, até mesmo para saber o que estava fazendo e como deveria fazer.

A gente não sabe muito o porquê do fim da pesca de arrastão aqui em Piratininga. Ano retrasado apareceu uma quantidade inacreditável de tainhas aqui na prainha e no praião. Infelizmente não tínhamos a “companha” pronta para realizar o cerco na pesca do arrastão. Acho que isso foi uma perda pra nossa história na pesca da tainha.

Nós tivemos outras “companhas” em Piratininga que foram acabando... Essa pescaria ficou um pouco esquecida justamente pela dificuldade de montar uma equipe. Uma das dificuldades é a necessidade de os pescadores estarem muito cedo na praia pra fazer o “cerco”. O que falta é o compromisso de estar na praia cedo e disposição pra encarar um trabalho pesado. Eu acho que esse horário é a

dificuldade maior, mas sabemos que quanto mais cedo teremos a maior probabilidade de matar mais peixes. O que acontecia é que por falta de um companheiro, não se pescava.

Hoje em dia muitos pescadores estão no barquinho a motor e não fazem esse esforço todo que a gente faz na pesca de arrastão (o que eu mais gosto). Para mim a pesca de arrastão era a melhor atividade física e não precisava pagar academia. Ela me deixava sempre bem preparado e bem disposto. É lógico que cansado por conta do esforço, mas aquilo ali acabava me dando mais energia. Outra questão é a alimentação à base de peixe. Você comer um peixe que você acabou de matar, assim, na hora.

Eu não gostaria nunca de deixar de participar da pesca de arrastão, porque ela é muito importante pra mim. Hoje estou em outro trabalho aqui na barraca (comércio), porque tenho que dar o alimento à minha filha e pagar aluguel da nossa casa.

Eu me acho pescador artesanal, embora não seja tão completo porque ainda não tenho carteira de pescador. Estou pedindo a carteira de pescador artesanal e tenho como provas a minha experiência e a presença nas reuniões do INEA, porque sou representante dos pescadores no instituto.

Simplesmente, a gente não vê tanto benefício em se filiar à Colônia, mas no defeso sim, porque é um dinheiro que entra. Isso desestimula um pouco de pagar Colônia, por ter que dar um “dinheirinho” e não ter nenhum benefício. A gente vê que queimou tudo aqui no nosso porto e não teve ninguém para ajudar e nem a Colônia de pescadores.

Entre os pescadores profissionais artesanais, não se pode esquecer de Vandeco que é filho do senhor Euclides. Ele pescava desde criancinha com o pai dele. Outro pescador que não pode ser esquecido é o pescador Bogê, que é uma lenda viva. Infelizmente o que a gente vê é que a pesca está se acabando... Eu acho que a pesca tinha que ser um lance estimulado para as criancinhas, para elas virem com o pique para continuar essa pesca artesanal que faz parte das suas famílias.

### **2.3 VANDERLEI JOAQUIM DIAS**

Vanderlei foi o terceiro colaborador da pesquisa. Foi reveladora a sua participação pois trouxe novos elementos sobre a tradição presente na sua família com muitos pescadores e pescadoras. É filho do pescador Euclides e sobrinho do

pescador Bogê, nascido e criado no Recanto das Garças. A história de vida do Vandeco exprime a capacidade de driblar as dificuldades e manter-se na pesca artesanal por toda a vida.

### ***2.3.1 Na minha família todo mundo era pescador***

Meu nome é Vanderlei Joaquim Dias, nascido em 23 de maio de 1967, aqui no Recanto da Garças. Tenho 51 anos. Meu pai foi pescador, o senhor Euclides Joaquim Dias, e, meus avós eram da terra, João Mendonça e Roberto Joaquim Dias. A minha família de pai e de mãe eram todos daqui mesmo. O meu pai foi um dos primeiros pescadores, junto com os meus tios, meus avôs e o bisavô. Na minha família não tem ninguém de fora, todo mundo vive pertinho um do outro e todo mundo era pescador.

Eu não quis estudar, queria ser pescador como meu pai, tios e avôs. Eu sei que meu pai primeiro me botou no colégio, mas eu nunca gostei de estudar. Eu sempre gostei de trabalhar, de pescar, porque eu via a pesca e queria ir na pescaria e não ligava para escola, para nada disso. Então, eu vivo da pesca, aprendi comigo mesmo, eles lá trabalhando e eu vendo e fui aprendendo... Comecei a pescar com oito anos de idade e pesquei mais de vinte anos na pesca de arrastão e tudo o que era pesca: arrastão, caiçara, a rede alta, que são pescas artesanais.

No começo eu apanhava o cabo e o remo da canoa e jogava a cordinha para terra, que era a bóia, era um cabo. Eu era ponta de cabo e depois fui remador e depois largava a rede. Depois eu fui aprendendo a remar, aprendendo a largar uma rede, costurar uma rede, remendar e a fazer tudo mais na pescaria. Aprendi a consertar a rede com o meu pai, que era um profissional da canoa à rede. Era ele mesmo que reformava a canoa e montava rede.

A pesca trouxe tudo para mim. Eu vivo da pesca. É o que eu gosto de fazer. Eu sem a pesca não sou ninguém, eu não vivo sem a pesca, não consigo.... Não faço outra coisa a não ser pescar. A pesca me ensinou tudo e é tudo para mim... Se eu ficar um dia sem pescar fico maluco, porque é a minha profissão desde criança. Então até hoje para mim a pesca foi uma coisa muito boa, que eu amo muito e até morrer eu estou com ela. Quando eu fico doente e vejo que não posso ir lá pescar, passo mais mal. Eu poder pescar é muito bom.

Eu vejo que hoje tem dificuldades na pesca, porque antigamente era fácil

demais. Hoje é muita luta, principalmente nessa época de agora, o inverno, a gente não arranja peixe. É época de água fria, água gelada. Tem dias que a gente vai lá e mata duas caixas de peixe, mas tem vez que vai lá e não mata nem meia caixa.

Hoje quem trabalha comigo é minha prima. A gente trabalha junto há uns seis anos. Eu já trabalhei muito na pesca, agora, tenho uma “pescariuzinha” mais leve. Nós, pescadores, só usamos shorts e camisa nas pescarias no tempo do verão. No inverno tem que trabalhar de capa de aliado e casaco porque faz frio. À noite a gente pesca e tem que ir agasalhado por causa de mosquito, porque tem muito mosquito.

O problema da pesca de arrastão não é a falta da tainha, porque tainha tem até hoje, o que falta é pescador, porque é um trabalho pesado e não tem mais ninguém que queira trabalhar nesse tipo de serviço. As crianças que vão nascendo hoje não querem saber de pescaria, elas vão crescendo e vão cuidando de outro jeito a vida.

Antigamente não tinha muitos recursos aqui, no Recanto das Garças, mas eu me lembro de poucas coisas do passado. Lembro da pesca desde quando nasci e em todo o tempo que vivi aqui. Não tinha asfalto e era tudo estrada de chão, uma verdadeira roça. O meu avô tinha roça de aipim, outros legumes e muita fruta.

Como pescador artesanal, sou legalizado e sou matriculado na colônia Z-07. Eu pago meus direitos: a colônia e o INSS. Está tudo em dia. A minha família tem um porto na lagoa de Piratininga, há muitos anos, desde a época do meu bisavô. No porto eu tenho uma embarcação toda legalizada.

A lagoa está maravilhosa. Só que nessa época de inverno é ruim de peixe “malhar” na rede porque é mês de água fria. Isso acontece em todas as lagoas: Piratininga, Itaipu, Maricá, Saquarema e Ponta Negra. Agora, no verão, já é outra coisa, a água já esquenta e a partir de setembro em diante já melhora.

As mulheres pescaram muito, mas não querem mais. A garotada não quer saber de pescaria. Eu me mantenho na pesca, o que eu arranjo hoje dá para minha sobrevivência. Eu sou acostumado a viver desse jeito, um dia eu ganho peixe, outro nem tanto, mas eu sei administrar, porque eu não faço nada diferente, só pesco. Então eu já tenho o meu controle, tendo pouco ou muito, se arrumo alguma coisa, está bom! Se não arrumo, está bom também!

Eu já não falo nada sobre pesca para os jovens. Eu acho que para a gente que “vem lá de baixo”, é muito importante a nossa pesca, mas para eles que são

novos, e puderem arrumar outra coisa, eu penso que é melhor. O que ganhamos na pesca dá para nós sobrevivermos.

## **2.4 GERALDINO MENDONÇA**

Geraldino foi o quarto colaborador. Pescador de idade avançada, irmão de pescadores antigos de Piratininga Miguel, Manuel e Tinga que já faleceram. O pescador conhecido na pesca e na comunidade, como Bogê, nasceu e foi criado entre pescadores da família Mendonça no sítio em que mora até hoje, no Recanto das Garças.. A sua entrevista e as dos pescadores Vandeco, Cabuçu e Adriana, completam a história de vida dessa família de pescadores de nome “Mendonça”.

A entrevista do pescador Geraldino, é a experiência de um velho pescador que, desde criança, viveu na pesca em Piratininga.

### ***2.4.1 Família de pescadores artesanais***

Meu nome é Geraldino Mendonça. Não lembro o ano que nasci, mas eu estou com 71 anos. O meus pais foram João Mendonça e Agripina Mendonça. Fomos criados aqui mesmo nesse lugar. O meu pai era lavrador e pescador. A nossa família criava animais como galinha e porco, plantava e pescava, em Itaipu e aqui nessa beirada de Piratininga, para poder viver.

Hoje sou só eu vivo. Éramos doze irmãos, dos doze, quatro eram pescadores: eu, o João Mendonça, conhecido por Tinga, o Manuel e o Miguel. Eu também tenho apelido: Bogê. Não sei a razão desse nome! Os outros dois não tiveram apelidos. Tinga era mais velho que eu, Manuel mais velho que Tinga e Miguel mais velho que Manuel. Eu sei que eu sempre tinha esse apelido, Bogê, e sou o caçula dos três irmãos.

Eu praticava a pesca desde criança e sinto que fui nascido e criado na pesca. Vim para esse mundo da pesca, porque eu já nasci na pesca, e continuei a pescar, porque eu já nasci na pesca. Já como pescador, eu já nasci pescador e eu não tive outra profissão na vida a não ser pescar.

Pesquei no arrastão e na traineira. No arrastão a gente sai para fora dentro da praia e bota a rede de cumieira para o peixe vir e malhar. É sempre em movimento que acontece a pesca caiçara, que se chama também artesanal. É sempre com a malha em movimento, pescarias na beira de praia. Na companhia eu

remava e tinha o mestre que largava as redes.

Criei a minha família com a pesca e tive três filhos. Vivos eu só tenho dois. Perdi uma garota. O Dudu seguiu com a pesca e é pescador até hoje, ele se chama Eduardo Dias Mendonça.

Eu não tive dificuldades na pesca. Eu sempre pesquei e sempre teve peixe. Comigo foi a vida inteira envolvido com a pesca. Hoje, atualmente, eu não falo mais sobre pesca porque eu me afastei e eu não tenho mais aquela aproximação com a rapaziada pescadora. Ensinei na época muita gente sobre pesca. Tem várias pessoas vão sendo ensinadas, vão aprendendo e vão ajudando. É porque a maioria que morava aqui era mais pescadores, aqui não tinha outra função.

Primeiro vendia os peixes e levava para o mercado e para os moradores. Depois, o produto que ninguém comprava na praia, era dado para os puxadores de rede e ficava garantida a família nesse lugar.

Nós fomos os primeiros a morar aqui. Nós da família estamos aqui no Recanto das Garças há muitos anos. Eu fui nascido e criado aqui mesmo. Fazíamos festa em Itaipu mas, aqui em Piratininga não. Era festa de pescadores mesmo. Festa de pescador era festa junina. Na festa junina tinha corrida de canoa lá na praia.

A minha esposa não conheci aqui não. Ela era de Campos. Nós já estamos casados há 40 anos. O nome dela é Eva Dias Mendonça.

Não tem nada mais para contar. Porque na época que eu pescava, pescaria era muito boa. Muito peixe, muita tainha, muito xaréu, tinha muito peixe, anchova, corvina, tinha tudo de peixe aqui. O que as pessoas viessem comprar encontrava, tinha fartura de peixe. Hoje em dia a pescaria já diminuiu muito. Os pescadores antigos já não existem quase mais. Tem uns novatos que também já não querem se envolver com mais nada de pescaria. Atualmente está arriscado até acabar a pescaria, não tem mais pescador. Só ficou praticamente por aqui o Cléber, que é o guerreiro. O dia que ele faltar também, ou se não quiser mais tocar, acabou a pescaria de Piratininga. Itaipu também já não tem quase pescador, só tem dois, Cambuci e Lula. Por aqui, em Piratininga, só tem o Cléber.

Acidente acontecia várias vezes, porque a gente ia pescar, arriava a canoa, as vezes o mar estava forte, batia na canoa. Nós já afundamos umas duas ou três vezes. O que fazia era esperar. Aí vinham os companheiros para ajudar e a gente se salvava. A história do Tinga, meu irmão, é a mesma da minha, ele também era remador...

## 2.5 EURIPEDES TAVARES

O quinto colaborador da pesquisa foi apresentado pelo próprio Cleber que me levou à sua residência no Jardim Imbuy. A sua relação de amizade com o Cleber é muito antiga. O Cleber morou com sua família por dez anos e aprendeu sobre pesca com o seu pai, senhor Euripedes. Como era dono de barco, chamou Cleber para trabalhar com ele na pescaria.

### 2.5.1 A rede “*come e dorme*” não é de pescador

Meu nome é Eurípides Tavares das Chagas. Nasci em 1956, no dia oito de setembro, e vou fazer 63 anos. O meu apelido, Nat, foi papai que botou e não sei o porquê.

Eu nasci nessa casa aqui embaixo (num recanto da lagoa, no bairro Imbuy), no Jardim Imbuí. Meu pai era Eurídice Francisco das Chagas e Adeli Tavares das Chagas, minha mãe. Nós éramos 12 filhos, quatro homens e o resto era mulher. Até certa idade todos foram criados aqui no bairro. Só eu e o meu irmão, Juraci Tavares das Chagas, somos pescadores.

Estudei aqui no Almirante Tamandaré e numa escola no Forte Imbuí. Era uma escola estadual, com o nome de Cerco do Forte, onde eu terminei a quinta série. Muitos dos alunos eram filhos de pescadores. Eu estudei aqui e daqui fui para lá e pra ir à escola nós entrávamos direto no Forte Imbuy, antigamente era liberado. Essa escola foi derrubada para fazer hotel para os militares lá no Forte.

Eu passei a juventude toda dentro de Piratininga. A minha religião hoje é assembleiano, sou da assembleia de Deus.

Aqui em Piratininga tinha muita festa junina, que era na igreja de Nossa Senhora da Penha. Tinha o Carnaval lá no Tibau, baile no Tibau que era o melhor Carnaval de Piratininga, de todos. Lá era baile e o pessoal vinha para cá e aqui ficava assim, igual a formigueiro. Antigamente era muito bom! Muita gente vinha para cá. Hoje em dia não vem mais...

Naquela época eram os pescadores que faziam a festa. Era até o meu primo que fazia, vinha muita gente, era gente demais. Era melhor que a festa de Itaipu, a festa de São Pedro. Naquela época não tinha nada aqui. Só plantávamos mesmo aipim e batata. O meu pai trazia tudo de fora para o nosso consumo e até distribuía para o pessoal que não tinha o que comer.

A minha esposa eu conheci aqui e estamos casados há 6 anos. Não temos filhos, mas tem mais ou menos 14 anos que nos conhecemos. Na época de jovem, quando namorava, a gente saía para fora, para Maricá. O pessoal daqui ia pra Maricá para casar em Maricá.

Meu pai tinha pescaria. Ele gostava de pescaria. Trabalhava fora, mas quando estava em casa sempre pescava. Meu pai era mecânico e guarda da malária. Na guarda era chefe. Vinha, distribuía remédio para todo mundo geral aqui dentro. Quase não tinha doença aqui dentro, mas quando tinha e alguém descobria alguma coisa, ele já vinha com remédio e distribuía para o pessoal. Ele, na época, era como se fosse um representante da prefeitura.

Eu aprendi a pescar foi com meu pai mesmo. Quando ele ia para praia sempre me levava. Tinha pescaria que ele dizia: “\_Ó fica ali, pega aquele cabo ali, pega o cabo, faz isso, segura”. Ele ia explicando e eu fui aprendendo devagarzinho. Depois pesquei junto com Nelinho. Tudo já morreu, até o meu avô.

Nós pescávamos mais era de arrastão. Aquele tipo de pesca que tem lá na praia e eu pesquei muito naquelas canoas. Olha, quando eu era criança era mais ponta de cabo, depois eu fui pra remador, depois largador de rede. Para fazer o ponta de cabo, nós arreamos a canoa e vamos para o “praião”. Chegando lá, o ponta de cabo vai por terra para pegar a ponta da corda. Ele que começa e tem que esperar, porque puxa as duas pontas juntas. Vamos soltando a rede, largando a rede. E o barco vai andando e vai andando. O pessoal vai remando e você tem que andar mais rápido que eles no remo. Depois eu passei a ser mestre e a comandar a pescaria. Foi quando eu trouxe o Cleber. Ele morou muito tempo na casa da minha mãe. Morou quase dez anos. Por isso que ele fala que eu que botei ele nessa furada. Até hoje ele me chama quando falta qualquer coisa ou não está por dentro de algo.

A pescaria, antigamente, dava para sobreviver, tinha peixe de montão, tinha muito peixe. Hoje em dia, você pesca e não tem peixe. Você vai lá e se matar duas caixas de peixe é muito.

Mas, por quê? Acho que isso começou depois que passou a existir a rede “come e dorme”. A rede “come e dorme” é aquela rede que eles botam lá no mar, rede de espera, e larga lá. Se você andar aí, o mar todinho é essa rede. O mar geral, onde você passa vê essa rede, então, o peixe se afastou.

Para comer um peixe? Era pegar a tarrafa aqui na praia e matava o peixe

pra comer. Naquela época a gente matava muita corvina, muito xerelete, era anchova. Queria comer um peixe? Era pegar a tarrafa aqui na praia e matava o peixe para comer.

A colônia Z-7, quando começou, era comandada pelo finado Lido e o Natalino. Era uma colônia muito boa. Tudo o que o pessoal pescador precisava, eles estavam sempre ajudando. Precisava lá, eles mandavam. Precisava de rede, eles mandavam. Depois que eles morreram, passaram uns camaradas a tomar conta da colônia e dessa eu não sou filiado.

Essa associação era muito boa, mas depois não tinha muito jeito de ir para frente não. Tentamos, umas vezes, fazer umas festas juninas de São Pedro na praia e nós conseguimos. Uma no início foi boa, depois duas ou três festas foram boas, depois foi só fracasso. Aquela rua toda, aquilo tudo ali era barraca no ponto final de ônibus. E agora a prefeitura não deixa mais e tem mais de uns 20 anos. A ALPAGOA acabou. E o cabeça da ALPAGOA, Seu Geraldo, morreu. Ele fazia de tudo. Era um senhorzinho de idade, mas ele resolvia tudo. Depois que ele também já estava com mais idade, ficou doente e enfraqueceu tudo.

Os ensinamentos é tudo hoje para mim. Pescando e tendo a liberdade de saber tudo o que está se passando, de ver tudo na frente. Antigamente eu maltratava animal, depois de pescar eu passei a adorar animal. Nunca gostei de ver muita briga. Hoje em dia eu vejo tudo isso, eu vejo hoje tudo colorido.

Antigamente você via tanto peixe, você ficava feliz que estava matando o peixe. Aprendi que quanto mais dava o peixe a quem não tinha o que comer, mais no outro dia a gente matava. A gente dava. Hoje em dia as pessoas matam duas, três caixas de peixe e não quer dar um peixinho para rapaziada. Deus não deixa.

É, é isso aí. Se você dá, quer dizer, você dando, Deus vai te dar em dobro. Olha, quando a gente pescava, na nossa pescaria, se matasse 10 caixas de peixe, seis tirávamos para dar aos puxadores. Meu pai tinha essa mania, ele botava no carro e levava para a pessoa.

Meu irmão continua pescando, mas teve até problema, câncer, leucemia mas tá bom, graças à Deus. Ele ficou com a perna meio curta para andar, mas está sempre aqui pescando.

Ali fora tem uma árvore enorme onde meu pai fazia os consertos das canoas e barcos. Era ele mesmo que fazia o conserto da canoa, do material de pesca e barco. Se fosse preciso, ele fazia canoa também. Ele era uma coisa, era um homem

que fazia de tudo. Aqui ele não gostava que ninguém ajudasse ele. Ele gostava de trabalhar sozinho.

Uma história que aconteceu com a gente na pescaria foi quando cercava uma canoa atrás da outra, por trás, quatro, cinco canoas. Tinha três mil tainhas no “praião” e cercava três canoas. Acontece que a força dos peixes estourou três redes. Na hora que eles avisaram o que estava acontecendo, meu papai falou: “não puxa, amarra” e acabou que todos os peixes ficaram na nossa rede. Naquele dia meu pai falou aos outros pescadores: “\_Não se preocupem, todo mundo vai ter”.

A última vez que ele pescou tainha foi na Prainha. Naquele dia nós matamos quatro mil tainhas. Era muito bonito todos aqueles pescadores juntos na praia e essa história aconteceu lá: “Eu e um rapaz estávamos sentados no canto vendo um pessoal botando tainha num caminhão. Neste grupo havia um outro, de fora, que estava roubando”. O meu pai ficou de longe, rindo. Todo mundo chegava para falar e perguntavam: “Seu Eurídice, do que o senhor está rindo? Meu pai dizia: “\_Não está vendo, não? Olha lá, a tainha está entrando de um lado e saindo do outro. Deixa, rapaz, tem mais aqui.”

O meu pai era assim, sempre positivo nas dificuldades. E foi o que aconteceu quando o mar quebrou nossa canoa. Ela era a primeira canoa do meu pai e o pessoal todo do bairro ficou chorando. Ele ficou rindo. O Cleber foi testemunha disso. A canoa já quebrou, já afundou, já fui debaixo de mar e debaixo da rede para tirar o meu pai e sempre quem ajudava era a população.

Já tem doze anos que parei de pescar. A última vez que pesquei foi eu, Mário Bau, Bogê, que pescava com a gente, Tinga e um outro irmão do Bogê, Manuel, Caiano. Era tudo apelido assim. Ninguém acompanha os apelidos de ninguém, não sei por que, mas é assim. E quem fez parte da última companhia foi Bogê, Mário Bau, Hamilton, Cleber, Jorge, Nazário e Crioulo que são vivos. O Crioulo mora lá na rua 67.

Nós fomos os primeiros a morar no Jardim Imbuy. Tinha meu pai, meus bisavós que foram os primeiros e Dozinho que é o pai do pescador Trico. Eram papai, Dozinho, Marcolino, Manel “Meio Quilo”, Seu Osório, que era meu avô, que era o dono do late Clube, e o Tibau que era o meu tio.

Outro que vivia aqui era seu Ramiro, que era o pai de Luís, Seu Onofre, Seu Eusébio, que era dono daquele bar lá na praia. Mimidio, que morava embaixo da pedra lá no morro. Seu Antônio, DeJane, Marcolino, era pouca gente, contava as

pessoas nos dedos. Na praia, aquele praião, aquilo tudo de casa ali, aquilo tudo era duna.

Do late Clube fizeram a CLIN que está lá, mas não tem nada pronto ainda não. A gente andava ali muitas vezes e apanhava côco. Era côco, caju, a gente rodava e apanhava. Pitanga também tinha muito. Hoje em dia você não tem mais nada disso lá.

Antes o túnel era aberto pela praia para passar a água para lagoa. Depois que fizeram aquele canal em Itaipu, essa lagoa aqui foi só morrendo porquê são 75 centímetros mais baixo que Itaipu. A água está indo para lá. Os pescadores falam que o canal foi aberto no lugar errado. Que ele tinha que sair lá na frente, direto, como era feito pelos pescadores no passado.

Não funciona direito porque ele está trazendo pouca água do mar, quando o mar está ruim. Ele não está entupido, porque se tivesse, a água não ia e não voltava. Se tiver alguma coisa impedindo ela não vai passar do jeito que passa com força aqui. Então hoje a lagoa está cheia, se for ver amanhã, vai estar sequinha. Não tem lógica. Pode ter diminuído lá fora, porque com as pedras diminui um pouquinho a 'fundura' dele. E lá na frente, lá na boca mesmo, quando o mar está manso, ele não bota água para dentro porque ele está mais alto. Ele está mais alto que o mar. Então o túnel só bota água para dentro quando a maré está cheia, maré alta.

Eu mesmo vi quando deram o "tiro de misericórdia no túnel", eles deixaram ele entupido. Quando inauguraram, a inauguração dele foi com ele entupido. Eram nove horas da manhã, a água foi chegar aqui três horas da tarde.

Eu e outros pescadores fomos de traineira e canoas fazer limpeza na entrada do túnel. A gente foi tirando, tirando, tirando, e foi onde nós liberamos a água para dentro do túnel, para ela poder entrar e sair.

Hoje eu falo para nova geração: vamos estudar para poder trabalhar, fazer outras coisas e não viver de pescaria, porque hoje em dia, não dá pra viver. Veja o caso do Cleber: ele tem três canoas, uma lancha e cinco redes e já não pesca todo dia. Eu acho que não tem peixe para isso mais.

Antigamente a rede "come e dorme" estava em poucos lugares. Só uns e outros colocavam esta rede, o que tinha mais era a pesca com o espinhão. Com o espinhão "você pega uns 500 metros de corda, tipo aquela corda ali, tralha, aquela azul lá (no quintal) e de metro a metro bota um anzol. Bota 500 anzóis, bota 500

anzóis. Você bota num cestinho, lixa ele e vai botando no cestinho. Vai para o barco, vai lá fora lá e vai largando ele devagarzinho, Deixa ele lá duas horas, três horas; até quatro horas depois recolhe.”

Existia também a rede, era a rede alta, que só serve pra pescar à noite. Nós nunca largávamos a rede no mar, pescava e trazia a rede de volta. Como se dizia naquela época, essa pesca era “caceia”, que ia “cacear”. E até hoje fala-se a mesma coisa, “vamos cacear”.

Depois inventaram negócio do cara chegar e largar a rede, ficar um mês no mar e pronto, acabou, isso é “come e dorme”. Isso não é pescador. Desculpa, isso não é pescador. É o que eu digo: “pescador que é pescador, faz uma amarra numa rede, manda eles fazerem uma amarra num anzol, faz uma amarra num cabo de ferro.” Como eles não sabem, não são pescadores.

Isso é ensinado. É necessário saber de tudo. Antigamente, quando a gente ia tirar carteira de pescador profissional, se você não soubesse dar um nó na rede, você não tirava a carteira. Eles pegavam, abriam, rasgavam a rede e diziam para nós: “arrebenta aí!”. Hoje em dia, cinco minutos você vai ali no computador e pronto, tirou a carteira.

Quem pagava a colônia tinha não tinha aposentadoria. Hoje em dia eu digo, quer aposentar não paga a colônia, paga o INSS. Se você só pagar a colônia, você não consegue nada.

## **2.6 CELSO MENDONÇA**

O sexto colaborador veio me encontrar na prainha de Piratininga para fazer a entrevista. Morador do sítio da família, no Recanto das Garças, é neto de João Mendonça, sobrinho de Bogê e primo de Vandeco.

### **2.6.1 Na vida a gente corre atrás**

Eu sou Celso Mendonça, nasci em dez de junho de mil novecentos e sessenta e três e tenho cinquenta e cinco anos. Fui criado no Recanto das Garças, em Piratininga, num sítio onde moro até hoje. Toda a minha família morava junto no mesmo quintal. Na casa da minha avó a gente comia o que meus avós plantavam. Eu me lembro que lá no sítio tinha criação de galinha, cavalo, porco, eles criavam tudo e faziam tudo em casa mesmo, como o café, açúcar, tudo tinha no quintal.

Meu avô fazia um tal “açúcar preto” e era como ele chamava na época. Na minha infância lembro que meus tios pescavam e o meu avô e minha avó trabalhavam na lavoura e a gente ajudava como criança.

Sou filho de Lourdes Mendonça e Daniel da Silva. Minha mãe é filha de João Mendonça e Agripina Mendonça, e meu pai é filho de Lurdogério da Silva e Joana da Silva. Tenho mais três irmãos. Os pescadores dessa família eram os meus tios, filhos do meu avô João Mendonça: João Mendonça Filho, Geraldino Mendonça... e tinham apelidos tio Bogê, tio Tinga, tio Miguel e tio Manel.

A gente vivia brincando mesmo, porque não tinha colégio, não tinha nada para estudar. Depois que meu irmão fez 12 anos, ele foi pescar. Passados dois anos do início da vida do meu irmão na pesca, eu já com 12 anos fui pescar para ajudar em casa.

Eu já fui para a escola mais tarde, porque a gente tinha que fazer outras coisas. Estudei aqui no Almirante Tamandaré e a escola era muito precária. Só com treze anos fui para a escola. Acho que estudei um ano. Depois eu estudava e pescava, estudava e pescava. Na escola fui até a sétima série.

Sou pescador de pesca artesanal e de mergulho. Aprendi pescar de arrastão, pescar de rede alta, pescar de rede de malha e pescar de caniço. No mergulho pesco polvo, peixe de arpão e pesco marisco. Por incrível que pareça, eu nunca tirei documentação de pesca e o Cleber me aporrinha direto para a gente tirar.

A minha renda são umas casinhas que eu tenho e alugo aqui na região. Estou pretendendo fazer mais algumas casas.

A minha função na pesca de arrastão era remar, ajudava a botar e a puxar a rede. E até hoje a gente faz essa pesca em todas as canoas da praia. Eu estou com o Cléber desde quando a gente tinha 14 anos de idade e foi quando nos conhecemos. Ele já foi meu cunhado e hoje é meu amigo. A gente se considera como irmão. Eu quero pescar até os oitenta anos.

Estamos junto na pescaria, às vezes a gente pesca uma temporada, depois dá uma parada, depois pesca de novo. Até porque agora não tem mais ninguém na pescaria e a gente precisa de, no mínimo, cinco pessoas para pescar no barco.

Aparece um ou outro e a gente junta os pescadores. Alguém também que não sabe o que fazer, a gente leva assim mesmo, e deixa na areia para poder puxar a rede. A dificuldade é a falta de gente.

Quando eu fiz 18 anos, parti para outro lado também. Fui para o lado do

samba. Eu faço samba, eu faço músicas para as escolas de samba, onde eu ganho uns “dinheirinhos” e deu para fazer duas casinhas de aluguel. Mas também às vezes a gente fica um tempão sem ganhar. Então tem que guardar o que ganhou.

É, eu fui vendo puxar a rede de arrastão na praia desde pequeno e depois que a gente já estava já com seis anos, assim, sete anos de idade a gente ia sempre puxar e ia vendo como é que era. Via os nossos tios e os amigos fazerem. A gente encarava a pescaria antigamente como um trabalho sério, era tipo uma firma. Cada um tinha sua pescaria e cada pescaria era uma firma. Cada pescaria tinha ali seis, oito pessoas pescando e cada uma era uma firma, uma companha. A gente saía de casa de madrugada, às vezes meia-noite, às vezes uma hora da manhã e ia até pra Itaipu porque só a colônia tinha um porto. Aqui só tinha uma pescaria que era do seu Orídio. Mas lá tinha umas dez canoas e os grupos de pescadores pescavam todo dia e tinha muito peixe.

Só que o peixe não tinha valor da gente ficar bem de vida com a pesca, mas até hoje a gente dá uma pescada por Piratininga. Hoje não tem muito peixe. Eu tive vendo uma reportagem há uma semana atrás, que em 2050 vai ter mais plástico do mar do que peixe. Inclusive, vi duas vezes essa reportagem. E o pessoal está fazendo uma campanha para limpeza do oceano e vão até parar de fabricar canudinho de refrigerante. A bolsa plástica, do mercado, já deu até prazo pra acabar: pro estabelecimento menor, tem um ano e meio e o maior, como supermercado grande, essas redes de supermercado, tem um ano para acabar de eliminar as sacolas plásticas.

Eu acredito que não tenha muito peixe, como tinha antigamente que você ia ali de varinha e matava dez ou quinze peixes. Hoje o “marimba”, que é o peixe que fica na beira da pedra comendo marisco, você não encontra na praia. Eu acho que o peixe está acabando mesmo. Então eu não aconselho ninguém, a garotada de hoje, a ser pescador artesanal. Tem que procurar outra coisa.

Os meus filhos eu quero levar para o lado da música. Eu tenho três filhos que ainda são novos. Meus netos, eu boto na cabeça deles para ir pro lado da música, porque é onde eles podem se dar bem. Ou música ou futebol é a coisa em que você se dá bem hoje em dia.

A pescaria de arrastão e de traineira são pescarias grandes e acho que não tem muito futuro. Daqui a uns 10 anos, eu acho que ela vai acabar. É uma pena porque pra mim toda a experiência com a pesca foi muito importante e foi muito boa

e me ajuda na vida até hoje. Porque eu me criei e criei a metade dos meus filhos com a pescaria.

Meu pai não era pescador, meu pai era da polícia, mas ele também se separou da minha mãe muito cedo. Eu era novo e o meu pai dava um dinheiro para nós, mas não era suficiente e minha mãe trabalhava também. Tenho nove filhos. O meu filho mais velho pescava. Ele faleceu vai fazer dois anos, mas não foi no mar. Ele se chamava Washington.

A história de pescaria que eu sei é de várias vezes nós “botarmos”, eu e meus tios, na época da tainha, matava 1.500, 1.600 tainhas. Nós separávamos para um lado as maiores, que esses pescadores antigos chamavam de “macacuana”. Depois separava a menor e a média. Fazia aqueles montões e dava para o pessoal na praia. Era à vontade! Todo mundo levava, porque não tinha venda. E o resto vinha um carro ou um caminhão do mercado e comprava. Eram dois caminhões de peixe.

O que sobrava era muito para a população que tinha, entendeu? Era pouca gente que tinha aqui. O pessoal levava muito peixe, o resto ficava na praia. Tinha vez que tinha que enterrar o peixe na areia, ou então botar na canoa, remar para fora, lá para fora da ilha e jogar fora, porque a gente não tinha o que fazer com peixe, de tanto que a gente matava e não tinha como aproveitar. E hoje em dia não tem para gente matar, de tanto peixe que tinha antigamente, hoje em dia tá fraco.

Todo mundo que era do remo ganhava 10%. E tinha o mestre que era 30% e o contramestre que era 15%. Do mestre, era 15% para ele e 15% ficava para pescaria. Era uma pescaria que ajudava todo mundo, toda a comunidade.

Muita gente que ainda é daquela época que eu conheço, da minha idade, mais novo um pouco, fica se lamentando porque está acabando essa pescaria.

Acho que antigamente a pescaria era muito predatória, porque vinha aquele monte de peixe e às vezes eram muito pequenos. O que acontecia e que não tinha como soltar porque ele já não estava vivo. Quando chegava à areia, até tirar os maiores, os outros já tinham morrido. Então ficava na praia e isso foi acabando com o peixe, com as espécies: como peixe-galo, roncador amarelo, esses peixes como o papa-terra que já não existem mais.

O meu padrinho de proteção na pescaria, o meu santo é Zé, Zé Pilintra. É ele que me protege, é o meu parceiro. Eu trabalho também vendendo côco na areia, no verão, lá na Praia do Sossego. Correndo das guardinhas municipais para lá e

para cá. Já peguei esse sol todo e até hoje não protejo a pele. Mas, inclusive, eu tinha até um “quiosquinho” lá e a prefeitura retirou. Lá no quiosque dava para ganhar um dinheirinho maneiro. Eu tentei pegar a licença, mas eles não dão licença para lá, nem para aqui, nem para lugar nenhum. Mas eu fico na correria vendendo côco.

Na vida a gente corre atrás.... Hoje eu tenho um montão de crianças em casa que não são meus filhos. Tenho um neto que eu crio, e já está com 10 anos. A minha filha faleceu e deixou ele para mim, com três meses. Hoje ele está com 10 anos e é um menino bonitão. E tem mais um montão de neto lá no quintal que a gente de vez em quando ajuda em alguma coisa. Então, tem que está sempre correndo atrás. Daquela região toda que tínhamos no passado no Recanto das Garças, restou pra cada um de nós um terreno para fazer as casas.

Eu queria que o pessoal responsável pela fiscalização do mar e da lagoa, o pessoal da Marinha, do INEA, do IBAMA, desse uma olhada nas coisas erradas que estão acontecendo. Tem muitos camaradas que não são daqui, vem de barco, de traineira rebocando mais um montão e raspa a pedra toda. Isso acontece na ilha do Veado e nessa costa toda daqui da Prainha. Eles raspam os mexilhões que estão na parte de cima da pedra, que é a semente. A gente que mora aqui pega o mexilhão na parte baixa da pedra, no fundo. Quando a gente vai pegar agora, não tem marisco nenhum. Eu estou aqui na praia, querendo mergulhar, e não tem mais mexilhões. A pedra está raspada, entendeu? Então, eu queria que os órgãos responsáveis dessem uma olhada na praia de Piratininga e na lagoa também, porque eles matam o camarão quando está nascendo, camarão pequenininho, eles matam. Inclusive, tem até uma briga aqui: pessoal da lagoa não pode pescar aqui e o pessoal daqui não pode pescar lá. Está rolando até negócio de tiro dentro da água, dentro da lagoa, há casos de ameaças. Os órgãos do estado tem que dar uma fiscalizada e dar uma andada à noite por essa lagoa, com barquinho, para ver essas coisas, porque isso está acontecendo.

Queria que a gente pudesse pescar em paz porque a gente já está no final. Os nossos filhos têm o direito de pescar, mas não podem. A lagoa já está loteada, já tem dono. Cada um tem que pescar em frente à sua casa, não pode ir mais para fora e antigamente não era assim. Só queria que pudesse ser feita uma fiscalização diária pela nossa orla em Piratininga, tanto no mar quanto na lagoa, para deixar a criação de peixes, mexilhões e camarão ficar legal. Valeu?

## 2.7 MARCO AURÉLIO DE AZEVEDO RODRIGUES

Marco Aurélio, o sétimo colaborador da pesquisa, foi indicado por Cleber. Durante a entrevista apresentou os cestos e os instrumentos que fazem parte da pescaria de arrastão e foram confeccionados por ele. Todo o ofício da pesca e do pescador aprendeu com os antigos pescadores. Indicou o pescador Dudu para a próxima entrevista, o que não aconteceu por estar o pescador em depressão, ficando impossibilitado de compartilhar sua narrativa.

### ***2.7.1 Porque as pessoas não estão respeitando o meio ambiente***

Sou Marco Aurélio de Azevedo Rodrigues, tenho 48 anos, nasci em vinte e nove de junho de mil novecentos e sessenta e nove. Nasci no Hospital Santa Mônica, em Niterói, e fui criado em Várzea das Moças por 20 anos (mais ou menos). Minha mãe disse que meu nome é Kiko, porque tinha uma novela, antigamente, que tinha um ator chamado Kiko. Meu pai colocou esse apelido em mim. Éramos quatro irmãos, um já faleceu e tenho dois vivos aqui em Piratininga.

Em 1987 cheguei em Piratininga para surfar e acabei me envolvendo com a pesca. Fui convivendo com as pessoas e vendo como é que era. Depois, por necessidade, eu tive que pescar, porque não tinha jeito. Não é só surfar, surfar, não tinha renda de vida para surfar, tinha que ter prancha boa, tinha que ser bom.

Eu tive que pescar por necessidade. Tudo começou quando eu estava morando em Várzea das Moças e fui pra Itacoatiara surfar. Lá conheci uma menina, minha primeira namorada. O irmão dela morava em Saquarema, ele era pescador lá em Itaúna, o nome dele é Marquinhos, Marcos, meu xará. Ele pescava lá fora no mar peixes: cherne, namorado, pargo. A gente saía de manhã (seis horas) e antes ele vinha na peixaria para comprar carapicu (peixe). Também comprava o lanche todinho de manhã. Ele falou para mim: “Oh, para de surfar, tem que pescar. Larga a minha irmã e tem que pescar”. Por causa disso eu fui pescar com ele. Comecei a pescar com ele e comecei a ganhar dinheiro. Pescava de anzol e linha nylon 200, nylon bem forte. E ele saía seis horas da manhã e voltava cinco horas da tarde.

Antigamente não tinha celular, não tinha GPS, o pescador Marcos marcava as direções para navegação pelas serras que lá fora a gente via, a Serra de Petrópolis que é o Dedo de Deus e o norte da Vovó. Esses eram os marcos que a

gente tinha lá. Ou era o céu, então a gente tinha que estar atentos, senão não saia pra pescar, se tivesse nuvem, não ia, o pescueiro não saia.

Então esse foi o cara que me apresentou a pescaria e daí vivi sempre envolvido com pesca. Não tive outro caminho. Sou separado e tanto a mulher como eu, não quisemos ter filhos.

Cheguei aqui em Piratininga há 25 anos e conheci a pesca artesanal com os mestres Dudu, Mario Bau, Bogê e Tinga. Particpei muitas vezes. Minha companha era com o Cleber, com quem aprendi muito. Cada um tinha uma companha, o seu Dudu era com a gente. O Tinga tinha a dele e Mario Bau tinha a dele.

A gente pescava às vezes, o mar estava ruim no praião, tinha que esperar a vez, para pescar aqui na prainha. Só tinha aqui mesmo e cada um tinha uma vez.

Na companha do Cléber estava o Seu Dudu, que não pesca mais e está com depressão. Ele vive trancado dentro de casa, só quer ler livro, não vem na praia. Ele seria a minha indicação para entrevista.

Na companha eu remava e reformava as redes. Eu só não remava na popa, mas de vez em quando eu vinha trazendo também a canoa na popa para ajudar, no leme.

O problema da pesca é esse impacto ambiental que tem lá fora do mar. Só podem ser esses navios de fundeio. Sabe o que é navio de fundeio, esses navios petrolíferos que trabalham no mar. Como é que o peixe vai passar? Cada navio tem quantos metros? Não é uma parede enorme? Como é que o peixe vai passar aqui? Eu acho que isso é uma das coisas. As traineiras também não afetam muito não, porque tem peixe pra todo mundo. É mais os impactos que os “fundeios” tem lá fora no mar.

Na época tinha muito peixe e era muito bom. A gente pescava e tinha um caderno registrando o dia que pescou, a qualidade do pescado e a quantidade. A Dona Rosa anotava tudinho, às vezes era jacinta que anotava, às vezes era seu Dudu que anotava no caderno. Dona Rosa era a esposa de Cléber, foi embora para o Ceará. A Dona Rosa anotava tudinho, era o nosso quinhão. Não podia pegar todo dia, então anotava e recebia. “Hoje foi Xerelete, 20 caixas, 30 caixas, amanhã foi pescado, 30 caixas”. No final de semana que recebia o quinhão, sábado. O quinhão era no sábado.

A canoa pegava uma parte e também seu Euclides, que não podia embarcar, mas consertava as redes. Ele chegou a embarcar por um tempo. Nós não

precisávamos consertar a rede, ele mesmo consertava. A gente conserta também, mas ele dizia “não, a rede é tudo comigo”. Ele que manuseava a rede, trabalhava com a rede, então a gente tinha que pescar.

Eu estudei na Escola Estadual Francisco Sales até a quarta série, em Itaboraí. Meu pai se separou da minha mãe e eu fui obrigado a sair do colégio nessa época, vindo morar em Várzea das Moças. Moro aqui na Rua Dois, quadra acima, em frente ao ponto final do ônibus. Todo dia estou na atividade da pesca e não protejo o meu corpo e a pele do sol. Sei que isso é errado.

Eu sou um pescador artesanal e estou todo legalizado. Pago colônia e INSS. A “continha” eu paguei até ontem, porque eu pago por ano. Quando eu recebo o defeso, eu vou lá na colônia e tiro uma quantia do meu cheque para pagá-la. A gente recebia o defeso do camarão, mas passaram gente para o mexilhão. É o pessoal da colônia que arruma o defeso para nós.

Essa pesca na canoa grande, do arrasto, não tem acontecido porque os meninos agora não querem mais pescar e os antigos estão morrendo. Falta pessoas para realizar um trabalho pesado e a gente que faz parte da companhia, precisa da ajuda de muita gente. Tem que marcar antes para se preparar, porque tem que ser cedo, no escuro. Eu cheguei a participar dessa pesca quando tinha que fazer as disputas entre as companhias e marcar a vez na praia.

Aconteceu um acidente com senhor Euclides embarcado no praião, com a canoa cheia de xerelete. O mar pegou a canoa e arrasou com ela na beira da praia. Aquele monte de xerelete na praia. Seu Euclides tirava o boné assim “Ai, salva essa canoa, gente! O senhor Dudu era novinho na época e era muito peixe, muito peixe, e nós salvamos a canoa. Tenho fé na proteção de São Pedro e no “papai” do céu, Deus. É muito importante respeitar o meio ambiente e também os humanos, a Terra, os bichos e tudo. Hoje é dia de São Pedro, e eu já arrumei o oratório do nosso barracão.

Eu ensino as pessoas a fazer o cesto “puxada”, que serve para colocar côco. Tranço cipó para cesta de peixes que tem o nome de “chavala” e faço também a rede de pesca. Eu aprendi a fazer com senhor Euclides, pescador antigo de Piratininga. Na canoa de arrastão o “chavala” é amarrado para fora e será usado na pesca para liberar o peixe, ajudando a rede a subir. Outro instrumento que tem nessa pesca artesanal é a âncora, ela fica “fundida” para segurar a canoa, impedindo que ela venha para a terra.

Enquanto a gente está pescando, cercando e puxando a rede, o Mestre fica na canoa, na popa, lá fora da praia. Lá ele vê se a rede está arqueando mais para lá ou mais pra cá. O mestre vai dizendo se tem que puxar os cabos da rede, mais de cá ou mais de lá! Todo mundo na praia tem que estar puxando a rede igual, de um lado e do outro. Isso tem um compasso. Saiu demais de um lado, a rede vem torta e o peixe vai escapando do lado de lá. É por isso que tem o Mestre para ir guiando. O seu Euclides era Mestre e usava o boné, ele tirava o bonezinho e acenava da canoa.

A pesca é tudo para mim. Se eu sair de perto do mar eu acho que não sobrevivo. Minha irmã mora na Itália e me chamou para ir embora para lá, mas eu não vou. Eu gosto da vida na praia, eu gosto da pesca e isso não tem dinheiro que pague. Eu fico triste, sabe porquê? Porque as pessoas não estão respeitando o meio ambiente e jogam no mar muito lixo. O que será das crianças que estão vindo agora? A gente está com a idade e logo vamos embora. Como ficarão as crianças? O peixe está sumindo e tem gente que bota a rede no local errado que é proibido. Você está pescando de linha no lugar artesanalmente legal e vem um para mergulhar do seu lado. Eles não respeitam o espaço de pesca do outro. Outro dia eu falei: “\_Oh, estou trabalhando, cara. Não posso trabalhar, não?” Eu já olhei, puxei minha linha e vim embora. Aquela atitude me chateou e eu não quis mais pescar não, e falei: “\_É, legal, valeu, obrigado!”. Acho que falta educação ambiental e as pessoas não tem consciência da importância do meio ambiente. Os praianos levam tudo que encontram no mar porque é “bonitinho” e depois deixam na praia, como fazem com o cavalo marinho. No meu caso, eu vejo um monte de coisas bonitas quando estou no mar, mas eu não trago para casa. Eu não quero estragar o mar.

## **2.8 ADRIANA DO NASCIMENTO PEREIRA**

Nossa próxima colaboradora foi pescadora Adriana, parceira do pescador Vandeco, além de ser sua prima e também moradora do Recanto das Garças. A história de vida desta pescadora engrossará o caldo das tradições e resistências dos pescadores artesanais de Piratininga. Sendo vizinha do Vandeco, na rua de entrada do Recanto das Garças, ela é mais um importante membro da extensa família caiçara que se estende em toda a área de acesso entre Piratininga e Camboinhas. Também evidencia a participação feminina nas atividades da pesca artesanal.

### **2.8.1 O meu pai sempre foi pescador**

Meu nome é Adriana do Nascimento Pereira. Nasci em quatro de julho de mil novecentos e setenta. Hoje tenho quarenta e oito anos. Nasci no Recanto das Garças em Camboinha. Aos oito anos fui para o Jacaré e depois fui para o Sossego, onde a minha avó morava.

O nome do meu pai é Moacir José do Nascimento e o nome da minha mãe era Maria Dalva Antunes. A nossa casa era de pau a pique e nós nos alimentávamos com peixe trazido por meu pai, que sempre foi pescador. Nós éramos oito irmãos: quatro homens e quatro mulheres.

O meu pai vendia o peixe e, com o dinheiro, fazia as compras e levava para casa. O meu pai pescava na lagoa e depois foi pescar numa traineira em Jurujuba, onde trabalhou muitos anos até ficar doente. Meu pai era pescador desde criança e a família dele também era toda pescadora. Os meus primos por parte de pai, que vivem na Rua Doze, em Piratininga, são pescadores.

Estudei no Colégio Portugal Neves, na época de Dona Jane, uma professora que tinha cadeira de rodas. Quando eu saí do colégio, estava com 14 anos. Fiz o fundamental todo, mas comecei a trabalhar e não cheguei a fazer o Ensino Médio. Depois saí de casa, casei, fui viver minha vida, tive filhos. Sou casada até hoje. Mas assim, comigo, tem três: uma de 26, um de 28 e um que vai fazer 30. Tempos depois voltei para cá, para o Recanto. Minha mãe foi criada junto com a família de Vandeco, com o seu pai o Euclides e os tios Bogê e Tinga.

Vai fazer sete anos que eu comecei a pescar. Sou parceira do Vandeco na pescaria. Tem um portinho, tem um barco, a gente sai pra pescar na lagoa de Piratininga. A pesca que nós fazemos é com rede de espera. Nós vamos de canoa e deixamos a rede na água. Deixa um tempo na água, vai puxando: é o “boto manso”. Depois vai para outro lugar, bota de novo e puxa. Isso dura às vezes a noite toda, como dura às vezes o dia todo.

Acho que ruim é esse negócio de muito lixo na lagoa. Tem muito pedaço de cadeira velha, fundo de cadeira memo. Quando vem assim a rede toda rasgada, vêm aqueles pedaços de cadeira, cheio de “caraca” agarrada, com as conchinhas. Fica agarrada muita coisa, caixa d'água dentro de lagoa, tampa de caixa, até aqueles fundos de televisão. É muita coisa! Eu já tinha comentado com Vandeco que a gente podia ver uma forma catar esse lixo quando a pesca não tiver legal. Um jeito

de tirar com cabos e botar nos cantos para ver se limpa um pouco a Lagoa. Mas uma pessoa só não adianta. A lagoa é grande à beça. Nós tínhamos que ter mais pessoas para reunir, os pescadores, todos eles, um dia por semana só, essas canoas todas, para fazer isso. Acho que a gente conseguiria limpar. Porque não adianta outro jeito. Não dá para esperar essas coisas da prefeitura, esperar por essas coisas. Mas não é uma pessoa só, temos que reunir todos os pescadores e sair pelo menos uma vez por semana. Está muito sujo, muito sujo. É muita coisa mesmo dentro da água. Têm até sofá velho, pneu à beça, um monte de pneu. É muita coisa que a gente vê e os bichos estão lá, sofrendo.

Está dando jacaré para caramba agora na lagoa. Antes eu não acreditava, eu falei: “\_Pesco direto e nunca vi. Já vi um negócio assim de bater na rede e sair rasgando e não sei se era peixe, não sei o que que era. Mas ver assim a cara a cara, nunca vi”. Eu só acreditei depois porque meu marido passou essa semana ali no Camboatá e tinha um casal que fotografou jacarés, em frente a entrada de Camboinhas, onde tem a pontezinha. Depois disso está aparecendo jacarés direto. Várias pessoas fotografando em outros lugares, aqui mesmo em Piratininga. Isso dá um pouquinho de medo! De vez em quando, assim, quando a gente cerca um peixe, ele tem que pular dentro d’água para poder fazer o cerco puxando a rede e entrando n’água. Isso se torna um pouco perigoso por causa dos jacarés.

A gente passa várias histórias, mas engraçadas são poucas. Às vezes pegamos vento forte de uma hora para outra e você pensa que vai virar a canoa. Teve também uma vez que quase fui picada por uma cobra. Em cima do barco havia um filhote de jararaca. A sorte é que ela é assim marronzinha, da cor da tábua. Na pescaria nós tiramos o plástico e jogamos água. A gente já estava na água e eu fui pegar o caneco aonde bota o peixe. Quando fui abaixar, estava com a mão em cima dela! Ela ia voar na minha mão ou no meu rosto. Vandeco gritou: “\_A cobra! A cobra!”. Eu olhava e não via nada! Só vi quando o remo veio na minha direção. Só então eu fui ver onde ela estava. Foi quando ele a jogou na água. Era uma cobrinha, mas já estava de bote armado. Isso foi apavorante. Hoje em dia olho tudo quando entro no barco.

É bonita a lagoa, sabe? De vez em quando passamos nas ilhas e estão os filhotinhos de garça brincando, sabe? Eu acho lindo, é lindo, é lindo. Aquele bocado de ovo... Eu acho até engraçado porque o ovo dela é azul. Eu acho lindo! É um contato legal com a natureza e com respeito! Não pode pegar o peixe muito

pequeno, porque ele pode chegar a oito ou dez quilos.

Ainda não consegui receber o defeso, mas eu vou tentar fazer para me proteger, independentemente de outros trabalhos que eu faça. Até porque eu estou querendo mesmo receber para poder pagar o INSS.

Tem que se defender e tem que proteger a pele. Eu uso bastante protetor. E mesmo com protetor, você ainda fica queimada. Porque teve uma vez que o Vandeco se queimou e ficou com mancha até hoje. A minha sumiu. Ele queimou tanto que parecia que tinha jogado água fervendo em cima. Saiu a pele toda, mesmo usando protetor 50. Toda hora pega e passa, mesmo quando quase não tem sol.

Aqui na pesca da lagoa sempre tem negócio de uma rinha um com outro. Negócio de querer ser mais que alguém. Mas comigo nunca aconteceu. Espaço da pesca da gente, ninguém encosta. Com a gente aqui não aconteceu nenhum problema.

Eu acho que a pescaria é uma terapia. Isso é uma coisa boa. Sei lá, às vezes eu vou pesada lá para dentro da lagoa e volto leve, mesmo com cansaço e tudo. Porque lá dentro você vê as coisas e esquece do mundo. Você escuta os bichos cantando, os pássaros cantando. Uma coisa boa é que você foge um pouco da sua realidade. Depois quando eu chego com a canoa em casa digo: “\_Meu Deus! Começou a aporrinhção de novo!”

Os filhos casados não têm vontade de serem pescadores. Ainda tem outras pessoas pescando, mas já estão velhas. Essas vão pescar de vez em quando. A gente vai com sol, vai com chuva. Até passa a noite toda pescando. Chega aí oito, nove horas da manhã, saio sete da noite. É muito tempo e às vezes é o dia todo. Tem dias que dá mais...A tainha dá para pegar. Mas tem dia que dá uma piraúna, tem vez que vem tainha mesmo. Piraúna é grande, às vezes chega a até oito quilos. Eu acho o peixe bonito!

Eu trabalho com qualquer coisa: diarista, faxina. Eu não tenho preguiça para nada. Assim, se for o meu objetivo, se for para ajudar a mim e meus filhos, faço qualquer coisa. Coisa errada, eu estou fora. Fui criada desse jeito. Nunca passou na minha cabeça mexer no que é dos outros. Criei meus filhos também assim. São todos trabalhadores. São tudo gente boa, nunca precisou mexer em nada, nunca precisou, graças a Deus!

## **2.9 JOSÉ FERNANDES DA COSTA**

Esse foi o último colaborador da pesquisa. Seu interesse e prontidão em colaborar com a pesquisa destacaram-se no grupo. No mesmo dia que nos falamos pelo telefone, o pescador Pelicano dispôs-se a conversar, agendando um horário ao final do seu dia de trabalho. A entrevista aconteceu em São Francisco, Niterói. Indicou o pescador Trico para a próxima entrevista, mas este pescador ao ser procurado, não quis participar.

### ***2.9.1 A pescaria de arrastão tem uma razão social muito grande***

Sou José Fernandes da Costa, tenho 50 anos e nasci em 29 de abril de 1968. Fui criado no eixo Piratininga e Largo da Batalha mas a maior parte da minha infância foi no antigo bairro Tibau, na beira da praia, onde eu ainda “guri” conheci o Cleber. Isso aconteceu em 1978 e 1979, há mais de 40 anos. Foi essa amizade e todos esses anos convívio que me influenciaram e me fizeram abraçar a vida de pescador. Cleber é mais velho do que eu uns cinco ou seis anos, mais ou menos.

Eles me chamam de Pelicano. Isso é coisa da escola, porque eu sofri um acidente no rosto e precisei colocar uma placa de gesso, como se fosse um bico. Foi daí que surgiu o nome de guerra. Eu gosto de ser o Pelicano.

Sou filho adotivo em uma família com três irmãos adotados, que vieram de famílias diferentes. E eu sou o mais novo. Eu tenho conhecimento e até amizade com a minha mãe biológica, que morava ali na Ponta da Areia, no Portugal Pequeno. Até hoje eu tenho contato com ela, não tenho nenhum problema. Mas a consideração que eu tenho, quem eu reconheço como pai e mãe, é esse casal adotivo, que se chama: Francisco José da Costa e Clotilde Pinto da Costa, já falecida.

Eu fiquei com eles praticamente a vida toda, eu só me afastei deles praticamente um ano, só um ano, quando eu viajei para São Pedro da Aldeia. Fiquei um ano afastado lá e voltei. Estou com eles até hoje. Já fui casado, mas não oficialmente. Sou solteiro e não tenho filhos.

O meu pai pescava por esporte. A pesca não era um meio de vida. Ele era eletricitista, mas foi com ele que aprendi a jogar a tarrafa.

Naquela época o Cleber era um pouco mais velho e a gente estava sempre junto. Nunca tivemos divergência de nada. Foi através dele que conheci a pescaria.

Foi por estar junto com eles, vendo a vida deles ali, que me envolvi. Eu fui ajudando, participando, porque o que acontece é que a pescaria de arrastão tem uma razão social muito grande.

Hoje, como está escasso o peixe, então, está difícil. Até não existe mais, está praticamente extinta. Mas a pescaria de arrastão ajudava muita gente. Muita gente que não tinha condições de se manter, condições de ter um alimento, então eles iam para a beira da praia, ajudavam os pescadores a puxar rede e no final ganhavam o seu peixinho. E eu como estava ali na praia, acabei me envolvendo. Eu me envolvi e uma vez pescador, sempre pescador. Fiquei mais de 20... quase 30 anos pescando com eles ali em Piratininga.

Eu me profissionalizei mesmo em 2000, quanto obtive meu registro oficial em carteira como pescador credenciado, tudo direitinho. Cheguei a receber seis defesos, seis anos seguidos. Depois começou a ficar ruim, começou a escassez de peixe, escassez de peixe, escassez de peixe. Como não podemos para a vida, acabei pegando um emprego na empresa Rio Ita Transportes, dentro da garagem. Fiquei um período lá, mas voltei para pesca, voltei para o Cléber.

Fiquei mais um tempo e começou a ficar ruim de novo. Aí veio a necessidade! Aproveitei que tinha servido ao quartel e estava com preparo físico para candidatar-me a um emprego como segurança. A empresa me aceitou e eu estou lá até hoje. Vou fazer 10 anos nessa empresa. O tempo de trabalho como pescador conta como autônomo, trabalhador rural, para minha aposentadoria. Paguei tudo direitinho a assistência social, o INPS, eu fiz a pesquisa esses dias e consta todo o tempo de contribuição. Todo esse tempo que estava na praia e convivi com os pescadores antigos: como o seu Euclides, uma grande figura, um grande personagem aqui da beira da praia; Seu Vadinho, tio Tinga. Aqui a gente chamava tudo de tio, era tudo próximo. Não era como uma gíria agora que pessoal chama “tio, tio”, mas ali a gente era próximo. Nós éramos como parente e tínhamos uma proximidade muito grande. O tio Tinga, irmão do Bogê, tinha o seu Vadinho e o pai do Trico.

O meu contato mais direto foi com o tio Euclides, uma pessoa que nos ensinou bastante. Além dele ter o conhecimento de pesca, era uma pessoa religiosa. Então, a gente era jovem, sabe que jovem é meio complicado, então ele nos aconselhava, mostrava um caminho legal. Foi sempre conversando com a gente, brigava com a gente; quando necessitava brigar, ele brigava com a gente. Eu tenho

muito a agradecer pelo que aprendi com Cléber, sabe? São pessoas com quem eu aprendi muito. Eles me ensinaram a sempre ser uma pessoa boa, solidária. A pescaria de arrastão tinha uma “razão social muito grande”, mesmo não sendo valorizada e reconhecida. Mas geralmente muitas famílias que não tinham nada para comer, iam pra beira da praia, nos ajudavam, e a gente sempre ajudava a eles. Essa ajuda era sempre uma coisa muito forte. A gente ajudava muita gente: senhoras, senhores, até deficientes físicos vinham e ajudavam para receber aquele “peixinho” deles, o alimento. Então isso nos fortifica.

A gente vê que é uma coisa que não foi valorizada, e está extinta, não tem mais. Você vê lá as embarcações todas se acabando, mesmo porquê não tem mais interesse das pessoas e não tem peixe também. A parte mais difícil é que a gente tem que seguir o nosso caminho. Se não tem peixe, não tem nada. A gente tem que se manter e quando aparece a oportunidade, não podemos perder.

Vemos que de uns anos para cá tem pouco peixe, muito pouco. As pessoas estão falando que vai melhorar, porque até virou reserva extrativista. Ao meu ver, o que acabou com os peixes foram os grandes armadores de pescadores, que vinham buscar isca na beira da praia. Quando a gente navegava via barcos com bandeira do Sul. Lá existem regulamentos e muita fiscalização. Então, quando eles apertavam lá, vinham todos pra cá. Eles se exibiam na beira da praia e na praia acima, cercando as iscas para levar de volta para as embarcações grandes, para ir pra alto mar pescar o dourado, pesca profissional deles. E como isso é um círculo, uma cadeia alimentar, os peixes daqui foram se extinguindo, a ponto de ter gente que ficava dias, semanas, sem arrumar nada. Era só mesmo pegar o peixe para as pessoas, porque para nós mesmos não tinha nada. Foi isso que foi incentivando cada vez mais as pessoas, como eu e outros companheiros, a procurar outros destinos.

Lá na companhia do Cleber eu era contra meio e a minha função era lançar a rede. Eu também cuidava da venda de peixe, da organização de material e manutenção da embarcação. Também fazia marcenaria e ajudava o tio Euclides no reparo das embarcações. Eu fazia pouco de rede, porque quem mexia mesmo nas redes era Cleber, Tio Euclides, Tio Tinga, Kiko e o Trico. Então cada um fazia um pedaço, um ia para um lado, enquanto a gente estava consertando a rede. O pescador Trico, é Luiz Carlos, ele mora lá dentro do Tibau. Ele é cria dali e o pai dele foi um dos primeiros pescadores de Piratininga.

Na companhia a gente rema, lança a rede. Quando a rede está chegando

tem que entrar um de cada lado dentro da água e ficar por dentro da rede, abrindo de um lado e pranchando. A gente falava “pisar chumbo”, porque elas são duas cordas: uma com cortiça e outra com chumbo que é a parte pesada e fica embaixo. Quando vinha pulando a tainha, a gente levantava e eu como era alto, tinha mais facilidade para fazer isso. A rede também não pode vir um lado mais do que do outro, tem que vir uniforme. É o mestre que fica lá dentro da canoa, fazendo movimentos com o braço e esse movimento a gente reconhecia. Cada braço significava uma coisa.

Depois da pesca a gente separava os tipos de peixe. A qualidade é peixe caro, tem peixe de elite: uma anchova, um robalo, um linguado. E tinha o peixe já os mais inferiores, que é a corvina, o xerelete. Uma relação mais baixa no critério de preço. E registrar as pessoas que estavam nos ajudando e os peixes deles já estavam separados, eram os primeiros peixes a separar. O Cleber, o tio Euclides, já mandavam “Olha, separa o peixe do pessoal!”.

Depois vendia, guardava, botava a canoa para praia, guardava a rede, arribava a rede e botava o peixe para dentro da canoa. E quando acabava tudo: do barco, da rede e do peixe, a gente liberava o peixe para o pessoal.

Como não tinha geladeira para armazenar, a gente fazia o possível para vender logo. A gente ia lá para o porto, lá na Prainha, onde estão as canoas e de lá corria atrás dos compradores. Enchia, botava no carrinho umas caixas e ia de casa em casa. Tinha uma época que tinha pouca casa, então era difícil. A gente ficava esperando os compradores lá na praia. Mas conforme o lugar foi crescendo, desenvolvendo, a gente criou esse método, de ir até o freguês.

E quando era um peixe de qualidade e a gente não tinha comprador, o que a gente fazia? A gente limpava, comprava gelo, já era mais um gasto acrescentado; comprava o gelo, gelava para negociar com mais calma.

É, a gente tem nossa obrigação. Acho que não só como obrigação, é dever de cidadão. Então várias e várias vezes a gente auxiliava bombeiro, a gente fazia até muitas das vezes o trabalho de bombeiro, porque até o bombeiro chegar e a gente que estava próximo ali já ia oferecendo a ajuda.

Agora tem bombeiro. Mas mesmo tendo, hoje não fica próximo e até ele chegar lá, já deu ruim, já aconteceu o pior. Então, a gente estando próximo, a gente sempre ajudou. Tio Euclides e Cleber sempre pegavam no nosso pé em relação a isso. Sempre ser solidário e prestativo, principalmente com as pessoas que estão

necessitando de uma ajuda. Aquelas que estão passando perrengue no mar.

Várias vezes passamos por acidentes com as canoas. O pescado praticamente se perde com a virada porquê ele fica solto dentro do barco, e quando a onda pega o barco, e vira o barco, você não tem como catar, resgatar de novo, então, dá-se tudo praticamente por perdido. Você só recupera mesmo as redes, o material.

É, tem vários fatores para fazer a pesca de arrastão: a natureza é complicada, o tempo vira. Quantas e quantas vezes que isso já aconteceu com a gente lá. Que a gente está em Camboinhas ou está no Praião e tem que deixar o barco lá mesmo. Deixar eles lá em cima da areia, porque não tem condições de voltar para casa. Então ele fica lá e o pessoal fica tomando conta.

Também já pegamos vários peixes grandes nas pescarias no mar. Chegamos a pegar uma pescada amarela de 18 quilos. Quando a tartaruga bate na rede, o ensinamento que a gente teve foi o seguinte: pegar ela e deixar ela quietinha no lugar, deixar ela respirar, pegar o fôlego e soltar.

Tubarão eu vi várias vezes! Teve arraia grande e baleia pertinho da gente! Muitas vezes Cleber falava: “\_Todo mundo quietinho, quietinho, que ela vai passar pertinho da gente”. E você sabe que a gente é uma formiguinha perto da baleia e um esbarrão poderia ser fatal. Muita coisa de peixe, salvamento, embarcação que afundou lá e a gente ia resgatar as pessoas, estando próximos. E, é isso, peixes, variados peixes. É muita coisa de peixe assim... O que mais me marcou foram os cardumes. Cardumes de xaréu, xerelete, de anchova, cardumes aqui imensos de tainha.

Tinha mais de uma canoa, tinha canoa que veio de Itaipu para cá, para Piratininga e outras canoas que iam de Piratininga para Itaipu. Marcava a vez na praia, ficava meia hora, liberava a âncora, esperava e ganhava vez e saía para jogar a rede.

Tudo que aprendi na pesca me engrandeceu muito. Eu acho que se todo cidadão, todo ser humano, tivesse um pouquinho desse tipo de experiência, acho que o mundo seria até melhor. Porque é aquilo que eu estou falando, no trabalho em equipe é a solidariedade. É você aprender a parar, ver, ouvir. Você apurar seus sentidos é uma coisa importante. E aquele fato que eu te falei, você ajudar o próximo te dá uma alegria. É uma coisa que eu aprendi muito, muita coisa, muita coisa mesmo em relação a isso. Eu acho que te ensina a ser uma pessoa melhor,

você vê com outros olhos a necessidade dos outros e a sua, e por aí em diante.

É muito forte. A mensagem que eu acho que eu tenho minha obrigação de dar é em relação à omissão dos governantes, das autoridades perante a categoria do pescador artesanal. É aquilo que eu falei, a gente ajudava muitas pessoas, mas isso não era valorizado. As autoridades não ligam. Está desse jeito todo por omissão. Por omissão geral de todas as esferas, tanto municipal, estadual, federal. E a tendência é acabar, a tendência é acabar. E é uma coisa que não pode. É aquilo que eu falei, a gente está aqui para ajudar as pessoas.

### **3 AS TRADIÇÕES NO COTIDIANO DOS PESCADORES ARTESANAIS DA REGIÃO DE PIRATININGA**

O conhecimento sobre a pesca é um saber construído por homens e mulheres no contato com a natureza e na apropriação dessa natureza. A natureza é o objeto de trabalho do pescador que conhece os peixes, crustáceos, moluscos, marés, correntes e os diversos eventos envolvidos na sua atividade de “pescar”. O Mestre Cleber acrescenta: “Como se trata de pescaria artesanal, tem que estar tudo legal: o mar, o tempo e as pessoas”. O pesquisador Diegues (1983), ao conceituar a pesca artesanal, destaca alguns pontos que serão utilizados para a reflexão sobre essa tradição:

Entendo por artesanal toda pesca cuja organização e participação nos processos sociais e técnicos é orientada por relações de parentesco – biológico e/ou social –; realizada em embarcações de menor porte; que seus apetrechos técnicos sejam produzidos de forma artesanal e adaptados ao meio social e físico, do qual fazem parte; cujos conhecimentos sejam transmitidos ao longo de gerações através da oralidade e, principalmente, da prática (DIEGUES, 1983, p. 12).

Neste capítulo iremos explorar seis temas geradores encontrados nas narrativas dos pescadores, são eles: laços familiares, profissão, tradição, a pesca de arrastão, o estilo de vida e sociabilidades e solidariedade dos pescadores. O texto está dividido em seis seções, contemplando cada um destes temas geradores.

#### **3.1 Laços familiares e comunitários na tradição da pesca artesanal em Piratininga**

Na pesca artesanal de arrastão em Piratininga, os saberes são transmitidos dentro da própria família ou ainda, pela convivência com os pescadores mais antigos da comunidade. O grupo de pescadores que fazem parte da última “companha” do mestre Cléber, receberam essa tradição diretamente do grupo familiar ou pela convivência com os pescadores antigos. Alguns deles conviveram desde pequenos com pescadores mais velhos, a quem chamavam de “tios” e foi por meio dessa convivência que aprenderam os artefatos, as estratégias de pesca e tiveram acesso a essa tradição.

Os pescadores tradicionais, como o Eurípedes, Euclides, Vadinho, Tinga, Manel, Miguel, Bogê e o próprio Cleber são reconhecidos pelos companheiros e também pela comunidade. Alguns pescadores que participaram dessa pesquisa, atuantes na pesca de arrastão: como o Bogê, o Vandeco, o Cabuçu e a Adriana, são da mesma família e aprenderam sobre a pesca desde quando eram crianças. Eles foram criados nesse lugar e vivem até hoje numa comunidade, no Recanto das Garças.

A canoa utilizada na pesca de arrastão da companhia do mestre Cleber é uma canoa tradicional, talhada em um único tronco de árvore. Mede sete metros de comprimento. O seu nome é “Tranchan”<sup>15</sup> e já tinha esse nome quando foi comprada por ele. Esse atributo da estabilidade da canoa é uma das qualidades mais importantes para as manobras precisas e necessárias nas diversas etapas da pesca de arrastão.

Figura 17 - Pescadores Kiko e Cléber (à direita) e Pelicano (à esquerda), tirando a canoa Tranchan da água.



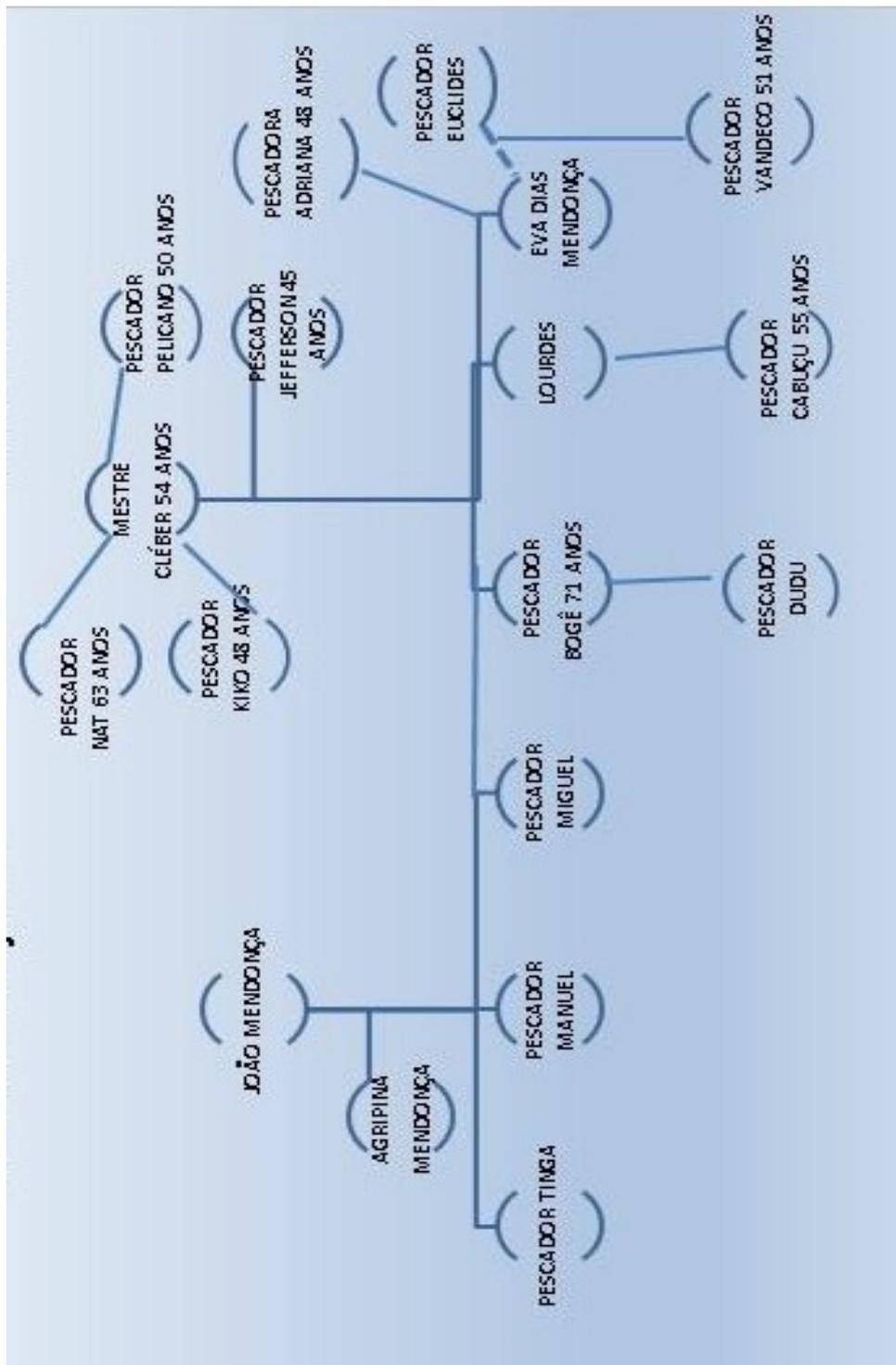
Fonte: acervo da pesquisa.

Com relação ao conhecimento e tradição, Diegues (2000, p. 30) mostra como esse conhecimento é ensinado na prática e na oralidade: “o conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber - fazer, a respeito do mundo natural e sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não urbano/industrial e transmitidos oralmente de geração em geração”. Essa caracterização dos

<sup>15</sup> No livro “Os companheiros”, Pessanha (2003, p.104) pode se ver que essa canoa chamada Tranchã pertencia ao mestre Rui de Itaipu no período de verão de 1975/1976

pescadores artesanais e de sua cultura tradicional é necessária para entender que possuem uma forma particular de ser e estar no mundo, que permeia todas as suas relações sociais. Na Figura 18 apresentamos um quadro de relação entre os pescadores da última companhia de Piratininga.

Figura 18 – Quadro das relações de parentesco entre os pescadores de Piratininga.



Fonte: elaborado pela autora.

Quanto às relações familiares na constituição da herança cultural, notamos que o pescador Vandeco têm uma história especial, pois desde menino vivenciou essa experiência e tradição junto com a família do pai, seu Euclides, que era pescador e mestre. Vivenciou também com os tios, irmãos da sua mãe, pescadores Manuel, Miguel, Bogê e Tinga, participando por vinte anos da pesca de arrastão.

Sempre quis ser pescador, seguir a profissão do meu pai, dos meus avôs, meus tios. Então, eu vivo da pesca, aprendi comigo mesmo, eles lá trabalhando e eu vendo e fui aprendendo. Comecei a pescar com oito anos de idade e pesquei mais de vinte anos na pesca de arrastão e tudo o que era pesca: arrastão, caiçara, a rede alta, que são pescas artesanais. [...] Na minha família todo mundo era pescador. É, meu pai foi um dos primeiros, junto com os meus tios e meus avôs, que era tudo família de pescador. Então, meu pai também junto com os meus tios, já nasceram pescadores. Minha família é toda de pesca desde meu bisavô e meus outros avôs (Pescador Vandeco).

Esses laços de família se estendem a outros participantes da companhia como foi com a Pescadora Adriana e Pescador Cabuçú, descendentes da família Mendonça:

Minha mãe foi criada junto com a família de Vandeco, com o seu pai o Euclides e os tios Bogê e Tinga. Comecei a pescar, vai fazer sete anos e sou parceira do Vandeco na pescaria. (Pescadora Adriana)

Os pescadores dessa família 'era' os meus tios, filhos do meu avô, João Mendonça: João Mendonça Filho, Geraldino Mendonça... e tinham apelidos tio Bogê, tio Tinga, tio Miguel e tio Manel. [...] É, eu fui vendo puxar a rede de arrastão na praia desde pequeno e depois que a gente já estava já com seis anos, assim, sete anos de idade a gente ia sempre puxar e ia vendo como é que era. Via os nossos tios e os amigos fazer. (Pescador Cabuçú)

O pescador Euclides foi casado com a irmã de Bogê, dona Eva e, estando em família, viveram na comunidade de Recanto das Garças, onde criaram seus filhos:

Antigamente não tinha muitos recursos, mas a gente lembra-se de poucas coisas do passado. Me lembro da pesca, desde quando eu nasci e todo o tempo que vivi aqui no Recanto das

Garças. Não tinha asfalto, não tinha nada, tinha estrada de chão. Era roça, meu avô tinha roça de aipim, dessas coisas, muita fruta. (Pescador Vandeco)

A família dos pescadores Bogê e Euclides mantém até hoje o porto de barcos na beira da lagoa e próximo ao Recanto das Garças, e também ao sítio em que moram os pescadores Bogê, Vandeco, Cabuçu e Adriana.

Figura 19 – Porto dos pescadores artesanais na Lagoa de Piratininga.



Fonte: acervo da pesquisa.

O pescador Vandeco pesca diariamente na lagoa de Piratininga com a sua prima, pescadora Adriana:

Hoje quem trabalha comigo é minha prima, ela pesca comigo. Já trabalhei muito, agora, tem uma “pescarizinha” mais leve, então a gente trabalha junto há uns seis anos. (Pescador Vandeco)

Comecei a pescar, vai fazer sete anos e sou parceira do Vandeco na pescaria. Tem um portinho, tem um barco, a gente sai pra pescar na lagoa de Piratininga. A pesca que nós fazemos é a pesca com rede de espera. (Pescadora Adriana)

O pescador Nat também recebeu a tradição da pesca artesanal dentro da sua família, sendo filho do pescador Euripedes, conviveu com os pescadores mais antigos que viviam no sub-bairro hoje chamado de Jardim Imbuy.

Nós fomos os primeiros a morar no Jardim Imbuy. Os velhos pescadores era, meu pai, meus bisavôs, que foram os primeiros, e Dozinho que é o pai do pescador Trico. Eram papai, Dozinho, Marcolino, Manel “Meio Quilo”, Seu Osório, que era meu avô, que era o dono do late Clube e o Tibau que era o meu tio. Pescador Nat

Esse pescador foi mestre e incentivou o pescador Cleber a formar a sua própria companhia. Começou na pesca de arrastão desde criança:

Eu aprendi a pescar foi com meu pai mesmo. Quando ele ia pra praia sempre me levava. Tinha pescaria dele que dizia “ó fica ali, pega aquele cabo ali, pega o cabo, faz isso, segura”, explicando e eu fui aprendendo devagarzinho depois pesquei junto com Nelinho. Tudo já morreu até o meu avô. (Pescador Nat)

### **3.2 O pescador profissional artesanal**

Todos os pescadores se auto denominam e se reconhecem como pescadores profissionais artesanais. “Um dos critérios mais importantes para definição de culturas ou populações tradicionais, além do modo de vida, é, sem dúvida, o reconhecer-se como pertencente àquele grupo social particular”. (DIEGUES, 2001, p.88). Alguns como os pescadores Cleber, Vandeco e Kiko são filiados à Colônia de Pescadores Z-07 e outros, como Pelicano, Nat e Vandeco, fazem a contribuição pelo INSS para garantir a aposentadoria:

O tempo de trabalho como pescador, conta como autônomo, trabalhador rural para a minha aposentadoria. Paguei tudo direitinho à assistência social, o INPS, eu fiz a pesquisa esses dias e consta tudo. (Pescador Pelicano)

Quem pagava a colônia tinha não tinha aposentadoria. Hoje em dia eu digo se você quer aposentar não paga a colônia, paga o INSS. Se você só pagar a colônia, você não consegue nada. (Pescador Nat)

Os pescadores artesanais de Piratininga que fazem parte da companhia do Cleber estão hoje na faixa de idade entre 45 a 55 anos. São homens adultos, com uma compleição física forte, resultado dessa atividade que sempre exigiu muita resistência e força corporal. A pesca como atividade física completa e a alimentação de peixe fresco é valorizada pelos pescadores:

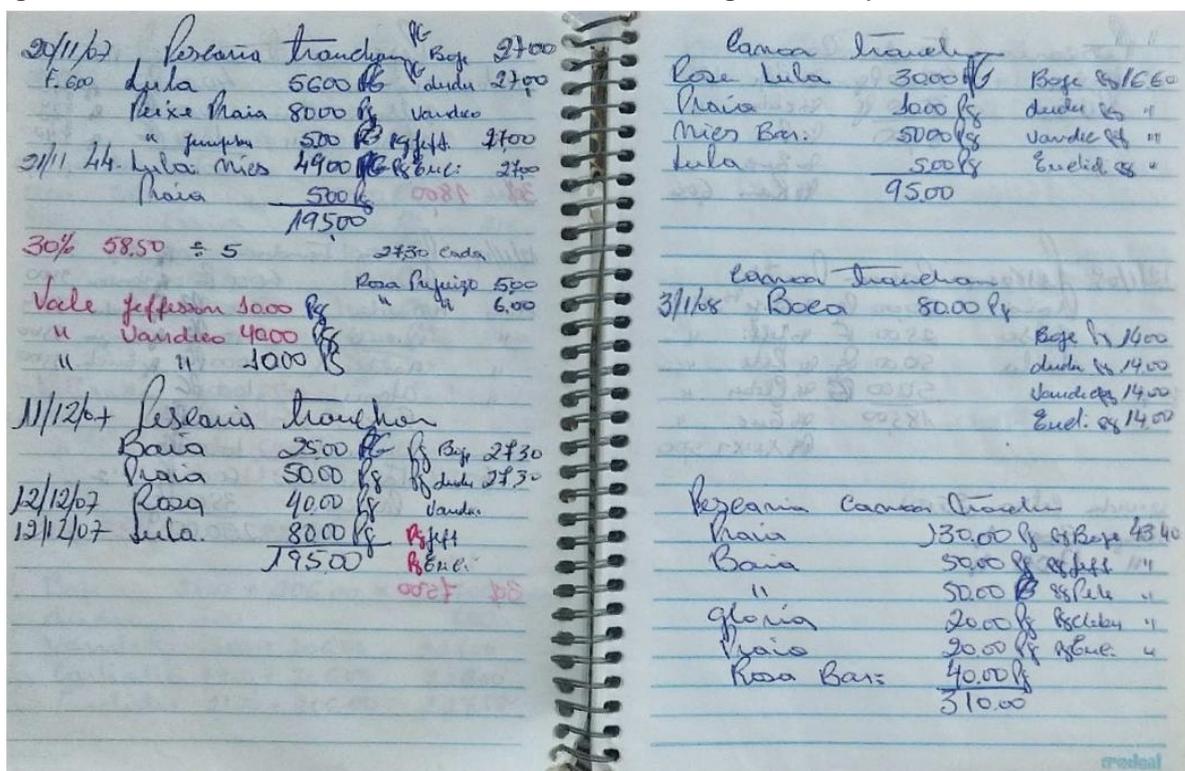
Para mim, a pesca de arrastão era a melhor atividade física e não precisava pagar academia. Ela me deixava sempre bem preparado e bem disposto. É lógico que cansado por conta do esforço, mas aquilo ali acabava me dando mais energia. Outra questão é a alimentação à base de peixe. Você comer um peixe que acabou de matar, assim, na hora. É muito bom. (Pescador Jefferson )

Para comer um peixe? Era pegar a tarrafa aqui na praia e matava o peixe pra comer. Àquela época, a gente matava muita corvina, muito xerelete, era anchova. Queria comer um peixe? Era pegar a tarrafa aqui na praia e matava o peixe para comer. (Pescador Nat)

As mulheres, hoje, não fazem parte da companhia de forma direta na pescaria mas há relatos que no passado houve a presença de mulheres no barco e na pescaria: “As mulheres pescaram muito, mas não querem mais. A garotada não quer saber de pescaria. (Pescador Vandeco)

As mulheres estão envolvidas nas etapas realizadas na praia, auxiliando os pescadores homens na hora da puxada e no preparo dos peixes. Esta era uma tradição masculina realizada por uma mulher, Dona Rosa, ex-mulher do Cleber, que era a gerente da pesca e cuidava, nos últimos anos, do registro das pescas e das partilhas do pescado através do “quinhão”.

Figura 20 - Caderno de Dona Rosa com os últimos registros de pescas no ano de 2008.



Fonte: acervo da pesquisa.

O pescador Kiko conta como era feito o controle do caixa:

A Dona Rosa anotava tudinho, às vezes era Jacinta que anotava, às vezes era seu Dudu que anotava no caderno. Dona Rosa era a esposa de Cléber e foi embora para o Ceará. A Dona Rosa anotava tudinho, era o nosso quinhão. Não podia pegar dinheiro todo dia, então anotava e recebia. “Hoje foi Xerelete, 20 caixas, 30 caixas, amanhã foi pescado, 30 caixas”. No final de semana que recebia o quinhão, no sábado.

É a gente encarava a pescaria antigamente como um trabalho sério, era um trabalho sério, era tipo uma firma. Cada um tinha sua pescaria e cada pescaria era uma firma. Cada pescaria tinha ali seis, oito pessoas pescando, uma companha. (Pescador Cabuçu)

A pescadora Adriana propõe a limpeza da lagoa, como quem limpa a sua “própria casa” e se compromete a realizar uma função que até então, era uma tradição masculina e que exige uma ação forte e arrojada. No entanto a pescadora que exerce função de diarista em limpeza doméstica, transfere toda essa experiência feminina e afetiva para a preservação da lagoa:

Pelo menos uma vez por semana, sair com toda a canoas pra fazer esse tipo de limpeza. Porque é muito sujo, muito sujo. É muita coisa mesmo dentro da água. Tem até sofá velho, pneu à beça, um monte de pneu. É muita coisa que a gente vê e mesmo com esse lixo todos os bichos estão lá, sofrendo. [...] É, tem muito pedaço de cadeira velha, fundo de cadeira mesmo. Quando vem assim a rede toda rasgada, vêm àqueles pedaços de cadeira, cheio de caraca agarrada com as conchinhas. Fica agarrada muita coisa, caixa d'água dentro de lagoa, tampa de caixa. Até aqueles fundos de televisão, aquela caixa de trás. É muita coisa. (Pescadora Adriana)

O trabalho repetido durante anos causou alguns desgastes físicos decorrentes do esforço da atividade de pescar em arrastão. O pescador Jefferson menciona uma hérnia que o impossibilita de continuar participando da pesca: “Eu pesquei muito e só parei por conta de uma “herniazinha”, que adquiri por conta desses movimentos bruscos, pesados”.

O caso de depressão com um antigo componente do grupo, pescador Dudu, é resultado do trabalho desgastante, repetitivo e tenso que sofreu o pescador, na pele, com as exigências e as dificuldades para a realização do seu ofício, a pesca, durante muitos anos. A soma de todos esses fatores o

levou ao adoecimento: “Na companhia do Cléber estava com a gente o Seu Dudu que não pesca mais e está com depressão. Ele vive trancado dentro de casa, só quer ler livro, não vem na praia. (Pescador Kiko)

O pescador mais antigo de Piratininga é o pescador Bogê, que estando na terceira idade, hoje com 71 anos, é um homem forte, mas apresenta problemas de saúde que o impedem de continuar pescando:

Eu ensinei naquela época muita gente sobre pesca. Tem várias pessoas que vão sendo ensinadas, vão aprendendo e vai ajudando. É porque a maioria que morava aqui (Recanto das Garças, em Piratininga) era mais pescadores, porque não tinha outra função a não ser a pescaria. (Pescador Bogê)

Os meninos e meninas iniciam-se nas atividades da pesca de uma forma lúdica a partir de 07 e 08 anos de idade. Com o passar do tempo, essas brincadeiras vão dando lugar a pequenas obrigações na pesca. Essa iniciação acontece de forma concomitante ao processo de escolaridade formal, a exemplo da pescadora Adriana que completou o ensino fundamental e Nat, Cabuçu, Kiko e Cléber que estudaram até parte do segundo segmento do ensino fundamental: antiga 5ª série, 7ª série e 4ª série, respectivamente. Outros pescadores, como Bogê e Vandeco, não frequentaram a escola.

Alguns sabiam fazer conta, boa parte não, mas era fácil de entender a conta. Vamos ser franco, a maior parte fugiu do colégio que nem eu. ( risos). (Mestre Cleber)

Eu não quis estudar, queria ser pescador como meu pai, tios e avôs. Eu sei que meu pai primeiro, me botou no colégio, mas eu nunca gostei de estudar. Eu sempre gostei de trabalhar, de pescar, por que eu via a pesca e queria ir na pescaria e não ligava para escola, pra nada disso. (Pescador Vandeco)

Meu avô fazia um tal “açúcar preto” e era como ele chamava na época. Na minha infância, lembro que meus tios pescavam e o meu avô e minha avó trabalhavam na lavoura e a gente ajudava como criança. ( Pescador Cabuçu )

O único que cursou uma graduação foi o Jefferson, que fez uma parte do curso de Direito na UNIVERSO, chegando até o sétimo período. O pescador Jefferson fala da importância da atividade da pesca de arrastão, com todos seus ensinamentos, para a sua formação. Sugere que essa atividade seja difundida na escola.

A pesca tinha que ser um lance estimulado, não podia ser um lance apagado assim de uma hora pra outra por conta do esforço. Tem que ser estimulado na escola pras criancinhas virem com esse pique. (Pescador Jeferson)

A experiência escolar do pescador Nat, criado no antigo bairro Tibau, hoje com o nome de Jardim Imbuy, mostra a existência de uma escola, Cerco do Forte, onde estudou as primeiras séries. A escola funcionava dentro do Forte Rio Branco.

Estudei aqui no Almirante Tamandaré e numa escola no Forte Imbuí. Era uma escola estadual, com o nome de Cerco do Forte, onde eu terminei a quinta série. Muitos dos alunos eram filhos de pescador. Eu estudei aqui e daqui fui pra lá e pra ir à escola nós entrávamos direto no Forte Imbuy, antigamente era liberal. Essa escola foi derrubada pra fazer hotel pros militares lá no Forte.(Pescador Nat)

A expressão de fé é mencionada por todos os pescadores. É um dos rituais que fazem parte das rotinas da pesca de arrastão em Piratininga. Os rituais acontecem através de gestos, como “o sinal da cruz” ou da reza em grupo na saída e chegada do mar. São pedidos de proteção nas saídas para o mar, contra os perigos que surgem quando estão diante das condições extremas de expressão da natureza: mar, vento, chuva. Há agradecimentos também ao retornar à praia.

O componente mítico mais forte é São Pedro, que tem um altar, feito pelos pescadores, no centro da restinga onde sua imagem é cultuada. O dia da entrevista do pescador Kiko coincidiu com o dia do padroeiro. Esse pescador havia adornado a gruta, construída pelos pescadores na prainha de Piratininga: “Hoje é dia de São Pedro e já arrumei o oratório do nosso barracão.” (Pescador Kiko)

A tradição é retomada na lembrança do velho pescador Bogê e Nat quando lembram a festa junina, e a festa de São Pedro, em Piratininga e em Itaipu: “Fazíamos festa em Itaipu mas, aqui em Piratininga não. Era festa de pescadores mesmo. Festa de pescador era festa junina. Na festa junina tinha corrida de canoa lá na praia”. O pescador Nat lembra as festas juninas de Piratininga:

Naquela época eram os pescadores que faziam a festa. Era até o meu primo que fazia, vinha muita gente, era gente demais. Era melhor que a festa de Itaipu, a festa de São Pedro.[...] Tentamos, umas vezes, fazer umas festas juninas de São Pedro na praia e nós conseguimos. Uma no início foi boa, depois duas ou três festas foram boas, depois foi só fracasso.”

Em relação às religiões poucos foram os pescadores que se auto designaram seguidores de alguma delas. O pescador Cabuçu segue o candomblé: “O meu padrinho de proteção na pescaria, o meu santo é Zé, Zé Pilantra. Ele me protege e é o meu parceiro” e o pescador Nat frequenta a Assembleia de Deus: “A minha religião hoje é assembleiano, sou da Assembleia de Deus.”

Figura 21 – Gruta de São Pedro adornada pelo pescador Kiko no dia 24 de junho.



Fonte: acervo da pesquisa.

O escritor americano Ernest Hemingway foi capaz de tratar sobre o caráter humanizado entre os peixes e o pescador na pesca artesanal cubana em seu livro “O velho e o mar” (2007), através do confronto entre o personagem principal (Santiago) e um peixe espadarte. Essa relação de cuidado e respeito com os seres do mar é expressa pelos pescadores que participam da companhia de Piratininga:

Vários peixes grandes nas pescarias no mar, uma pescada amarela, de 18 quilos. Quando a tartaruga bate na rede, o ensinamento que a gente teve foi o seguinte: pegar ela e deixar ela quietinha no lugar, deixar ela respirar, pegar o fôlego e soltar. Tubarão eu vi várias vezes, Arraia grande e baleia pertinho da gente. Muitas das vezes Cleber falava “todo mundo quietinho, quietinho, que ela vai passar pertinho da gente”. E você sabe que a gente é uma formiguinha perto da baleia e um esbarrão poderia ser fatal. (Pescador Pelicano)

É bonita a lagoa, sabe? De vez em quando, passamos nas ilhas e estão os filhotinhos de garça brincando, sabe? Eu acho lindo, é lindo, é lindo. Aquele bocado de ovo... Eu acho até engraçado porque o ovo dela é azul. Eu acho lindo! É um contato legal com a natureza e com respeito! Não pode pegar o peixe muito pequeno, porque ele pode chegar a oito ou dez quilos. (Pescadora Adriana)

A personificação do peixe que “anda” e “caminha” pode ser vista no trecho da entrevista do experiente pescador:

No arrastão a gente sai para fora dentro da praia e bota a rede de cumieira para o peixe vir e malhar. O peixe vem andando, caminhando e bate na rede, malha, e pega o peixe. É sempre em movimento que acontece a pesca caiçara, que chama também artesanal. É sempre com a malha em movimento, pescarias na beira de praia. Na companhia eu remava e tinha o mestre que largava as redes. (Pescador Bogê)

Teve arraia grande e baleia pertinho da gente! Muitas vezes, Cleber falava: “\_Todo mundo quietinho, quietinho, que ela vai passar pertinho da gente”. E você sabe que a gente é uma “formiguinha” perto da baleia e um esbarrão poderia ser fatal. (Pescador Pelicano)

### **3.3 A tradição da pesca artesanal**

A pesca artesanal é uma pesca realizada com tecnologias de baixo poder de predação, realizada por produtores autônomos, empregando força de trabalho familiar ou do grupo de vizinhança e cuja produção destina-se ao mercado ou à própria família.

Eu me apeguei mais a esse tipo de pesca, a pesca de arrastão. Uma porque já veio muito lá de trás, com os portugueses, com os africanos e eles introduziram isso aqui. Outra porque é uma pesca farta, onde a gente pesca, e no final ainda tem que dividir com a comunidade, que vem ajudar a puxar a rede conosco. Então há uma participação de todo mundo e a gente divide parte do peixe. (Pescador Cleber)

Uma das dificuldades para realizar a pesca de arrastão é a falta do pescador que conheça todas as etapas do trabalho de equipe e se comprometa a participar das atividades que se iniciam bem cedo na praia:

O problema da pesca de arrastão não é a falta da tainha, porque tainha tem até hoje. O que falta é pescador, porque é um trabalho pesado. Não tem mais ninguém que queira trabalhar nesse serviço pesado e quem vai nascendo hoje não quer saber de pescaria. As crianças quando vão crescendo vão cuidando de outra vida. (Pescador Vandeco)

Nem todo mundo está preparado pra acordar bem cedo, nem todo mundo está preparado para fazer esse esforço todo. E esse horário que é a dificuldade maior, mas tem a maior probabilidade de se matar mais peixes. Mas o que era difícil pra gente trabalhar e, que às vezes por falta de um companheiro, não se pescava. (Pescador Jefferson)

Neste aspecto, muito bem analisado nos estudos de Diegues (1983), veremos que os pescadores artesanais são aqueles que tem como condição “dominar o manejo de diferentes instrumentos de capturas utilizados para diferentes espécies, num meio em contínua mudança” (DIEGUES, 1983, p. 198).

O que acontece é que os pescadores mais antigos estão morrendo e faltam novos pescadores, porque reduziu o número de filhos de pescadores dispostos a permanecer na atividade:

Essa pesca na canoa grande, do arrasto, não tem acontecido, porque os meninos agora não querem mais pescar e os antigos estão morrendo. É um trabalho pesado, a companha tem que ter mais gente. Tem que marcar antes, um dia antes, para se preparar. Por que tem que ser cedo, tem que ser no escuro pra participar das disputas de marcação “da vez” na praia. (Pescador Kiko)

Os meus filhos eu quero levar pro lado da música. Eu ainda tenho três filhos ainda que seja novos, meus netos, eu boto tudo na cabeça deles pra ir pro lado da música porque é aonde eles podem se dar bem. Ou música, ou futebol é a coisa que se dá bem hoje em dia. (Pescador Cabuçu)

Muitos são os desafios para que essa tradição se mantenha viva e consiga reproduzir aquele sistema de pesca ancestral, a pesca de arrasto de praia. A falta de sucessão dos filhos nas famílias pescadoras artesanais da região de Piratininga pode comprometer a permanência dessa forma tradicional de produção.

Estamos juntos na pescaria, às vezes a gente pesca uma temporada, depois dá uma parada, depois pesca de novo. Até porque agora não tem mais ninguém, na pescaria a gente precisa de, no mínimo, cinco pessoas para pescar no barco e não tem mais essas pessoas. (Pescador Cabuçu)

O enfraquecimento da pesca artesanal na região de Piratininga leva os membros do grupo a procurarem novos postos de trabalho, realizando as atividades de forma concomitante com a pesca ou migrando para outras atividades durante alguns períodos do ano. Vários pescadores vêm e vão do setor terciário para a pesca ou, ainda, para as atividades autônomas, como é o caso do Cabuçu e da Adriana, que faz serviço de diarista e alterna com a pesca.

Eu trabalho também vendendo um coco na areia, no verão, lá na Praia do Sossego. Correndo dos guardinhas municipais pra lá e pra cá. Já peguei esse sol todo e até hoje não protejo a pele. Mas inclusive, eu tinha até um quiosquezinho lá e a prefeitura tirou. Lá dava para ganhar um dinheirinho maneiro, mas a Prefeitura tirou. Eu tentei pegar a licença, eles não dão licença pra lá, nem pra aqui, nem pra lugar nenhum. Mas eu fico na correria vendendo coco. (Pescador Cabuçu)

Se Deus quiser, trabalho com qualquer coisa: diarista, faxina. Eu não tenho preguiça pra nada. Assim, se for o meu objetivo, se for pra me ajudar, eu e meus filhos, qualquer coisa. Coisa errada, eu tô fora. Fui criada desse jeito, até hoje. (Pescadora Adriana)

A outra forma é o pescador alternar o período (época) de atuação na pesca ou fora dela (trabalho extra) de acordo com a disponibilidade de pescado ou oferta de emprego. Esse é o caso dos pescadores Pelicano, que trabalha como vigilante de banco, e do Jefferson, que trabalha como comerciário:

Depois começou a ficar ruim, começou a escassez de peixe, escassez de peixe, escassez de peixe. E a nossa vida a gente não pode parar. Abriu uma porta para mim e eu entrei. Eu fui

trabalhar na empresa Rio Ita Transportes, empresa de ônibus, trabalhando dentro da garagem, fiquei um período lá e depois voltei para pesca. [...]. Fiquei mais um tempo e começou a ficar ruim de novo e veio a necessidade, eu aproveitei e que tinha servido ao quartel e estava com preparo físico, e fui indicado pra uma empresa de segurança, a empresa me aceitou, e eu tô lá até hoje e vou fazer 10 anos nessa empresa. (Pescador Pelicano)

Eu não gostaria nunca de deixar de fazer isso, é muito importante pra mim. Estou em outro trabalho aqui na barraca (comércio) porque tenho que dar o alimento pra minha filha e pagar aluguel. (Pescador Jefferson)

O que também acontece é a entrada na pesca de trabalhadores sem postos de trabalho nas áreas urbanas que encontram nesta atividade a possibilidade da captura do alimento e o recebimento de recurso financeiro proveniente da venda de peixes e crustáceos. Esses trabalhadores apenas auxiliam os pescadores, porque não tem conhecimento sobre a atividade:

Estamos juntos na pescaria, às vezes a gente pesca uma temporada, depois dá uma parada, depois pesca de novo. Até porque agora não tem mais ninguém, na pescaria a gente precisa de, no mínimo, cinco pessoas para pescar no barco e não tem mais essas pessoas. Aparece um ou outro e a gente junta os pescadores. Alguém também que não sabe nem pescar, a gente leva assim mesmo, por terra para poder puxar a rede. A dificuldade é a falta de gente. (Pescador Cabuçu)

### **3.4 Características da pesca de arrastão em Piratininga**

Um trabalho feito pela pesquisadora Joana Martins Saraiva (2004) em Piratininga, já revelava no início dos anos 2000 as dificuldades que a grupo de pescadores artesanais enfrentava quando ainda existiam duas companhias. A autora destacou que:

[...] para ser pescador de rede de arrastão hoje em Piratininga, não basta saber pescar no sentido de “esperar o peixe na beira da praia”, saber conhecer e se apropriar dos fenômenos ambientais que ali se manifestam. Os imponderáveis a que esta atividade tem que se adaptar não se restringem ao domínio da “natureza”. Por estar estruturada num complexo sistema de trabalho em equipe, esta atividade precisa equacionar a instabilidade em que se apoiam as companhias devido à “falta de companheiros (SARAIVA, 2004, p. 34)

Destaca-se nesta citação a centralidade do trabalho em grupo para a realização da pesca de arrastão e a dificuldade de encontrar trabalhadores habilitados ou dispostos. Quando se fala sobre a pesca de arrastão feita na região de Piratininga, cabe destacar algumas características próprias do lugar, assim como as etapas da sua realização. Vejamos cada uma delas:

Etapa 1 - A primeira etapa é a marcação da “vez” na prainha ou no praião em Piratininga, em especial quando havia várias “companhas”. Para ganhar o lance na pesca de arrastão, seria a ordem de cada companhia para fazer o cerco de peixes. Para marcar a “vez”, as canoas iam o mais cedo possível até a margem da praia, colocavam a âncora no mar e aguardavam uns trinta minutos, garantindo sua posição pra iniciar o cerco.

Existiam regras para toda a pesca de arrastão. Essas regras não eram ditas, elas eram praticadas e vieram lá de trás. Acredito que foram conversadas, e bem conversadas. Porque quando eu cheguei, eram bem respeitadas todas. Pra ser o primeiro lá, na “vez” da canoa, a gente arriava a canoa aqui, ia lá no meio da praia, onde é o ponto de pesca e arriava a âncora. Sem ninguém olhando a gente. A gente sabia que não tinha ninguém. Arriava a âncora e ficava durante uns trinta minutos. Levantava, e vinha embora. Já sabendo que a gente era o primeiro da “vez”. Se o outro quisesse tomar o lance, ele vinha lá de Itaipu remando, arriava lá o ferro dele por trinta minutos e tomava o lance, e passava a ser o primeiro. (Pescador Cleber)

O início da pescaria ocorria sempre nas primeiras horas da noite, antecedido pela definição do local do lance, que na maioria das vezes considerou as espécies de interesse e suas sazonalidades.

A pesca de arrastão começa cedo, às vezes, duas horas da manhã e a gente puxa até as nove, dez horas. Isso varia muito da quantidade de peixes que vai vindo. Se der a sorte de acertar um cardume grande é uma vez só. Até conseguir safar aquilo tudo: resolver o peixe, embalar pra vender, arrumar a canoa de novo isso demora um pouco. (Pescador Cléber)

Hoje não há disputa de “vez” pela falta de outras companhias e a pescaria começa no momento em que a canoa está pronta com sua tripulação e é empurrada

sobre estivas até a margem da praia. A embarcação, já com os petrechos à bordo, é deslocada sobre estivas, que são continuamente reposicionadas na areia até que a canoa chegue no mar. Como a areia da praia é fofa, são usados troncos de árvores, que são pranchados para que a embarcação deslize sobre eles. A função do ponta de cabo inclui a colocação das estivas, passando sebo nelas.

Figura 22 – Euclides, Tinga e Cleber trabalhando na reforma da canoa.



Fonte: acervo da pesquisa.

Os ofícios artesanais de trabalho para confecção de cestos (como o xavalar), rede e reforma da embarcação, foram ensinados pelos pescadores mais antigos da praia e cada pescador foi se especializando em alguma dessas atividades, como é o caso do pescador Pelicano, que ajudava a reparar embarcações.

Figura 23 - Cesta de peixes, chavala, trabalho de artesanato nas mãos do pescador Kiko.



Fonte: acervo da pesquisa.

A pescaria começa com o ponta de cabo segurando uma das extremidades da rede (cabo) na praia. Alguns pescadores lembram que desde a infância eram iniciados nas tarefas mais simples, com ser ponta de cabo, a outras mais complexas e com uma exigência maior do trabalho de força.

No começo eu apanhava o cabo e o remo da canoa e jogava a cordinha para terra, que era a bóia, era um cabo. Eu era ponta de cabo e depois fui remador e depois largava a rede. Depois eu fui aprendendo a remar, aprendendo a largar uma rede, costurar uma rede, remendar e tudo mais sobre pescaria. Aprendi a consertar a rede com o meu pai que era um profissional e ele fazia tudo. Ele tinha canoa, ele reformava canoa, ele montava rede. Da canoa à rede, ele fazia tudo.(Pescador Vandeco)

Dentro da canoa a rede é disposta com as bóias, no lado da popa e o chumbo para lado da proa, garantindo assim a estabilidade da embarcação. A rede

é de nylon seda e tem em média 230 braças, o que equivale a uma extensão de 300 a 400 metros. A altura da rede é de 13 braças, feita na época pelo antigo pescador Euclides, que utilizou a maior braça dentre os pescadores da época, que no caso foi Miguel, irmão do Bogê. Dentre os petrechos colocados na canoa temos a “chavala”, mostrado pelo pescador Kiko, na foto 22, que é usado para retirar os peixes dentro da rede no cerco e outros como a ancôra e os remos. O pescador Cleber lembra que a equipe de pescadores completa seria de oito pescadores:

E cada canoa tinha o seu time a sua companha. Quatro remando, um largando rede, um fazendo o leme, e um na praia pra segurar a corda. Só aí são cinco, seis, sete pessoas. Mais o vigia na pedra, no inverno, oito.

Antigamente existia o dono da pescaria, o mestre e o vigia que ficava na pedra observando os cardumes. Da pedra ele acenava indicando a localização do cardume e o momento certo do cerco.

A âncora era usada para aguardar o momento de fazer o cerco de tainha, indicado pelo vigia que se posicionava estrategicamente no litoral e no alto dos morros para indicar aos pescadores que estão no mar, a localização dos cardumes. O vigia era muito importante com a sua experiência e utiliza lenços, bonés ou até fraldas para sinalizar com as mãos.

As funções são: popeiro (na posição do leme), largador de rede, quatro remos (ré, contra meio, meio e o proa). Cada companheiro deve realizar uma função específica, que exige um saber fazer particular a cada operação: saber remar, jogar a rede, puxar a rede, embarcar a canoa, desembarcar, etc.

A minha função na pesca de arrastão é proeiro. Ser proeiro é uma responsabilidade bem grande dentro da pesca. É uma das funções mais importantes, depois do mestre, por que faz você também dar uma direção na canoa. (Pescador Jefferson)

Como estratégia de resistência para realizar a pesca de arrastão com um número reduzido de pescadores que tenham o conhecimento e as necessárias habilidades para realizar todo o processo, formam uma tripulação de três a cinco pescadores, que se dividem nas funções de mestre e remadores. O mestre Cleber nos fala: “Estamos pescando raramente agora, por causa de montar um conjunto de pessoas para ir pescar ...”

Nessas condições de poucos pescadores, o Mestre Cleber, para realizar a pesca de arrastão, assume a função de “largador de rede”, lançando ao mar pelo bordo direito, a parte da rede com as bóias, e nesse momento “larga o leme” na popa da embarcação deixando com os remadores a responsabilidade de realizar a trajetória do cerco, que simula um desenho parecido com uma “meia lua”. O último remador que fica na proa, larga parte da rede que tem o chumbo e auxilia o mestre.

Dentro da embarcação o Mestre começa a “largar a rede”, pelo bordo direito, ajudado pelo remador (ré) mais próximo. Os remadores pousam os grandes remos dentro do barco. O remador mais próximo do mestre ajuda a colocar a rede aberta na água. Depois de chegar à praia, os remadores mais altos entram dentro do cerco para conferir se a rede está devidamente esticada.

A gente rema, lança a rede. Quando a rede está chegando na praia, tem que um entrar um de cada lado, dentro da água, e ficar por dentro da rede para abrir de um lado, pranchar. A gente falava “pisar chumbo”, porque elas são duas cordas: uma com cortiça e outra com chumbo que é a parte pesada e fica em baixo. E quando vinha pulando a tainha a gente levantava e eu como era alto tinha mais facilidade para fazer isso. (Pescador Pelicano)

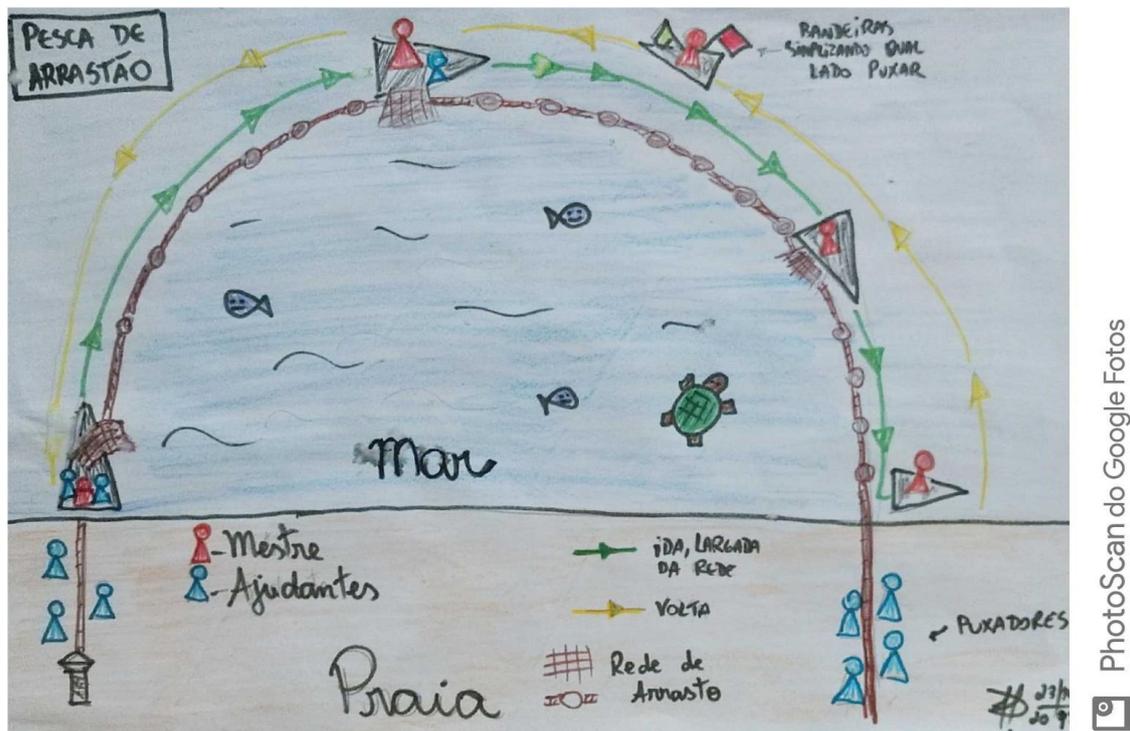
Figura 24 - Mestre Cleber no leme com os pescadores na canoa Tranchan durante a pesca de arrastão.



Fonte: acervo da pesquisa.

Depois que o cerco está completo, os remadores entram no mar e o comando da operação de pesca fica a cargo do mestre, que estando na canoa, faz sinais para os puxadores da rede na praia, indicando qual o lado (direito ou esquerdo) deve ser puxado para que as redes se mantenham equidistantes e fiquem bem abertas.

Figura 25 – Pesca de arrastão vista de cima.



PhotoScan do Google Fotos

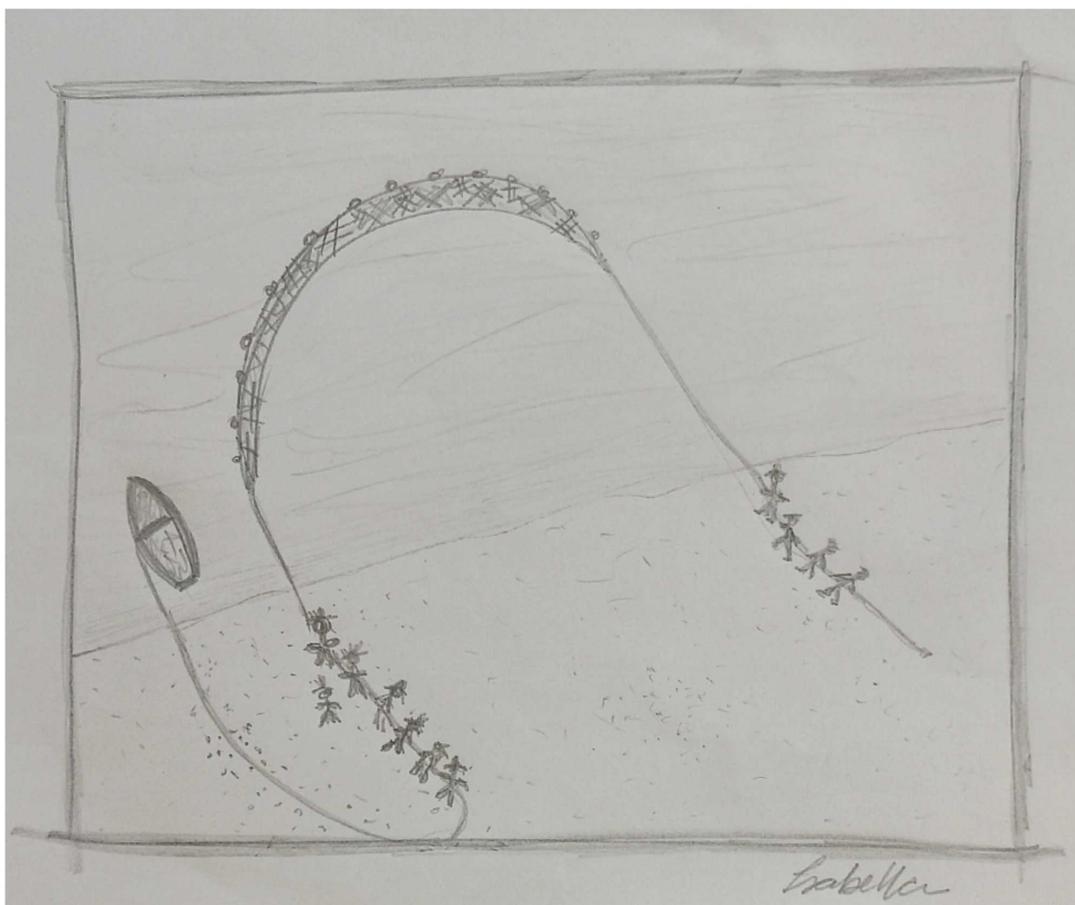
Fonte: Ilustração de Rodrigo Santos (professor de Português) que trabalha na Escola Municipal Francisco Portugal Neves, em Piratininga.

Quando a pesca é feita na prainha de Piratininga, o sentido a colocação da rede é sempre feito da esquerda para a direita, por causa das pedras que circundam toda a praia. No arrasto de praia, o procedimento adotado consiste no cerco de cardumes que se aproximam da beira da praia (como xerelete, robalo, olho de cão, sardinha maromba, sardinha lage espada, bagre, lula, carapicú, curvina, pescada bicuda, e outras espécies). Os pescadores falam da lembrança de outros tempos, o tempo "dos antigos", "da fartura" de peixes:

Porque na época que eu pescava, pescaria era muito boa. Muito peixe, muita tainha, muito xaréu, tinha muito peixe, anchova, corvina, tinha tudo de peixe aqui. O que as pessoas viessem comprar encontrava, tinha fartura de peixe. (Pescador Bogê)

A história de pescaria que eu sei, é de várias vezes nós “botamos”, eu e meus tios, na época da tainha matávamos 1.500, 1.600 tainhas. Nós separávamos pra um lado, as maiores, que esses pescadores antigos, chamavam de macacuana. Depois separava a menor, a maior, média. E fazia aqueles montões e dava pro pessoal na praia à vontade, todo mundo levava, porque não tinha venda. E o resto vinha um carro ou um caminhão do mercado, comprava, e eram dois caminhões de peixe. (Pescador Cabuçu)

Figura 26 – Pesca de arrastão



Fonte: Ilustração de Isabella (professora de Educação Artística) que trabalha na Escola Municipal Portugal Neves, em Piratininga.

O cabo (corda) é puxado até o alto da areia pela comunidade local e os participantes vão trocando de lugar, pegando no cabo que está na beirada da praia até chegar à rede, que vai sendo enrolada, colocada na parte de baixo sobre a superior e, assim, os peixes são aprisionados.

Figura 27 – Puxada da rede na pesca de arrastão em Piratininga.



Fonte: acervo da pesquisa.

A divisão do produto da pesca era feita por meio do sistema de “quinhão. A remuneração de cada companheiro não ocorria logo em seguida à venda dos peixes, mas geralmente num dia fixo da semana, como sábado. Há também uma repartição dos peixes sendo destinados ao consumo dos próprios companheiros e dos demais ajudantes da puxada de rede. A parte destinada aos ajudantes, apesar de muitas vezes ser constituída por peixes de baixo valor comercial, assume um valor simbólico, importante de retribuição ao trabalho da puxada de rede. O produto da pescaria é em geral vendido na própria praia, “venda de beira de canoa” para alguns turistas que estão passando na hora da puxada.

Figura 28 – Divisão dos peixes com os ajudantes e com a comunidade.



Fonte: acervo da pesquisa.

O envolvimento com a comunidade faz parte da tradição desse grupo que tem a participação das famílias na pesca.

Porque a pescaria de arrastão tinha uma razão social muito grande, mesmo não sendo valorizada e reconhecida. Mas geralmente muitas famílias que não tinham nada pra comer iam pra beira da praia, nos ajudavam lá, e a gente sempre ajudava e isso era sempre uma coisa muito forte. A gente ajudava muita gente: senhoras, senhores, até deficientes físicos vinham e ajudávamos nós pra ter aquele peixinho deles, o alimento. Então isso nos fortifica. (Pescador Pelicano)

Nota-se que mesmo quando não há laços familiares os pescadores continuam se referindo aos mais velhos como “tios”. Essa relação de respeito e fraternidade vai consolidando a natureza da companhia como um grupo de companheiros que compartilham o fruto do trabalho que nesse caso não é o pão, como sugere a palavra, mas o peixe, o alimento e fonte de vida.

Para Eric Hobsbawm e Terence Range (1997) as tradições podem ser “inventadas”. A invenção da tradição da pesca no tempo presente acontece no cotidiano dos pescadores de Piratininga. Para esses autores o que diferencia a tradição do costume é a invariabilidade, que é um aspecto próprio da tradição: “O

objetivo e a característica das 'tradições', inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como repetição". (HOBBSAWM, 1997, p.10).

Para explicar isso, ele mostra a diferença entre costume e tradição. O costume "[...] tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente" (1997, p.10). O costume teria nas sociedades "tradicionais", como as dos pescadores, essa capacidade de se adaptar ou reagir às inovações, mas sem perder o elo com as suas tradições.

Outra abordagem importante sobre a tradição é a do sociólogo americano Edward Shils, que na obra *Tradition* (1981), mostra que o termo tem, de fato, uma série difusa e muitas vezes contraditória, de significados. A sua definição de "tradição" é muito ampla: a tradição seria um *tractitum*, ou seja, "qualquer coisa que é transmitida ou passada do passado para o presente. O valor da tradição não está na sua duração, longa ou prolongada, mas na sua invariabilidade. A força viva da tradição é reinventada no tempo presente, na comunidade da pesca artesanal de Piratininga.

Essa definição inclui tanto a substância que está sendo transmitida quanto o processo de transmissão; não contém, no entanto, os aspectos relacionados ao "como" e ao "porquê": como se dá o processo de transmissão e porque ele se comporta dessa forma. No restante do livro, Shils vai discutir, então, principalmente o "como", deixando o "porquê" para pesquisas posteriores. É interessante percebermos que a definição de Shils é um pouco mais ampla do que estamos acostumados; no entanto, ela responde bem ao velho problema da "cultura tradicional rural" versus "cultura não tradicional moderna urbana": ambas seriam construídas por "complexos de tradição"; no entanto, esses complexos difeririam quanto ao seu tipo.

Isso equivaleria, então, como podemos perceber, a uma espécie de catálogo completo da cultura humana: trabalhar esse catálogo em detalhes, a enumeração e descrição das classes de entidades que formam a substância da tradição e de suas qualidades, esta seria, a seu ver, a tarefa do etnólogo. O que faz, então, qualquer dessas substâncias se tornar uma "tradição"? Para ele, ela teria que se tornar objeto do processo de transmissão em pelo menos dois atos de transmissão, isto é, tem que ser praticada por pelo menos três "gerações de praticantes" ("geração" não

significa necessariamente uma sucessão biológica) e "para se tornar uma tradição, e para continuar a ser uma tradição, um padrão ou uma ação tem que ter entrado na memória" (SHILS, 1981, p. 167).

Aqui é importante acrescentar ainda que aos dois elementos – a substância e o processo de transmissão, que formariam a definição mínima da tradição - deve-se adicionar o valor que se atribui à tradição pela sociedade: a tradição vai ser sempre considerada plena de autoridade, normativa ou prescritiva (SHILS, 1981, p. 23-25), devendo, além disso, haver consenso na sociedade sobre esse ponto (p. 161). Esse vai ser o caso, para ele, não apenas das tradições "tradicionais" ("nós fazemos isso porque nossos antepassados faziam", "se era bom para os nossos pais, é bom para nós", o pecado = "desvio" é punido), mas isso também se aplica às tradições modernistas "antitradicionais" (por exemplo, as tradições do liberalismo, socialismo ou revolucionarismo, como também às tradições da filosofia analítica ou de investigação científica).

Partindo desta visão, pode-se compreender tradição como "padrões consolidados da mente humana, todos os padrões de crença ou modos de pensar, todos os padrões consolidados das relações sociais, todas as práticas técnicas e todos os artefatos físicos ou objetos "naturais "um padrão ou uma ação tem que ter entrado na memória".

Como quem registra uma fotografia dos instantes, dos modos de vida de uma comunidade, captando suas experiências, assim recorto as narrativas dos pescadores, trazendo reflexões sobre seu estilo de vida, o seu cotidiano. E aproveito algumas idéias de Maffesoli (1995, p. 34) para refletir sobre o cotidiano dos pescadores:

Nos países em "vias de desenvolvimento" a afirmação de maneiras de ser tradicionais, a acentuação de costumes locais e as formas de solidariedade comunitária serão a marca da estética... uma estética que não se reduz a arte, mas que remete as emoções partilhadas e aos sentimentos vividos em comum.

O sentido de estética, recheada de afeto, como aquela que "me faz experimentar sentimentos, sensações e emoções com os outros " (p.128), e que como elemento da cultura tem sentido (etimológico) de "pele das coisas" ou "pele do corpo social", as sociabilidades.

Para Maffesoli (1993) "[...] pode-se dizer que a vida quotidiana é um bom revelador do estilo da época, pois destaca-se muito bem como a existência é determinada pelo sentido coletivo". (p.65). Entendendo o sentido de estilo de época como:

[...] as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma de todas as relações com o outro. Entende-se diante disto, determinação em seu sentido lógico e etimológico e determinativo. No sentido lógico: aquilo que limita. No sentido etimológico: o que circunscreve, o que delimita um campo, mas também o que dá vida, o que consente que exista a cultura, em oposição ao indeterminado do deserto. Por meio de constrangimentos, dos usos e costumes, do habitus, toda a vida individual é limitada" [...] Porém ao mesmo tempo é essa limitação que lhe permite existir. Entretanto esta restrição "que lhe permite existir. Nesse sentido, a vida quotista e essa centralidade subterrânea, esse ponto nodal, ao qual se pode não dar atenção, que se pode esquecer ou negar, mas que nem por isso deixa de constituir o húmus a partir do qual irá crescer toda a vida individual" (MAFFESOLI, 1995, p. 65).

No estilo de vida dos pescadores, as relações de família, incluem os laços familiares que se estendem aos amigos e vizinhança. Para Maffesoli (1995, p. 34) [...] a afirmação de maneiras de ser tradicionais, a acentuação de costumes locais e as formas de solidariedade comunitária serão a marca da estética... uma estética que não se reduz a arte, mas que remete as emoções partilhadas e aos sentimentos vividos em comum".

### **3.5 Estilo de vida e a sociabilidade entre os pescadores de Piratininga**

O núcleo familiar é uma marca do estilo de vida dos pescadores artesanais. A formação da família acontece junto com a atividade da pesca nas comunidades tradicionais. Pode-se imaginar uma verdadeira constelação familiar com as suas redes e entrecruzamentos, onde a pesca está "conectada". Os antigos pescadores Bogê e Nat nos falam sobre suas famílias e como a pesca artesanal está entrelaçada com a família:

Criei a minha família com a pesca e tive três filhos. Vivos eu só tenho dois. Perdi uma garota. O Dudu seguiu com a pesca e é pescador até hoje. Ele se chama Eduardo Dias Mendonça.[...] A minha esposa não conheci aqui não. Ela era de Campos. Nós já estamos casados há 40 anos. O nome dela é Eva Dias Mendonça. Pescador Bogê

A minha esposa, eu conheci aqui e estamos casados há 6 anos. Não temos filhos, mas tem mais ou menos 14 anos que nos conhecemos. Mas, na época de jovem, quando namorava, a gente saía para fora, para Maricá. O pessoal daqui ia pra Maricá para casar em Maricá. Pescador Nat

As emoções partilhadas saem do âmbito doméstico, onde “[...] a família é o elo e o substrato, o verdadeiro húmus que impulsiona diante das incertezas da vida (MAFFESOLI, 1995) e se estendem a outros âmbitos do grupo social, e criam laços de amizade e se estabelecem verdadeiras irmandades, como o que aconteceu entre os pescadores Cleber e Cabuçu: “Eu estou com o Cléber desde quando a gente tinha 14 anos de idade e foi quando nos conhecemos. Ele já foi meu cunhado e hoje é meu amigo. A gente se considera como irmão. Eu quero pescar até os oitenta anos”.

A fala do pescador Pelicano é outra maneira de mostrar a amizade e aprendizagem pautada nos ensinamentos dos pescadores tradicionais e do valor da pesca de arrastão para a comunidade de Piratininga.

Naquela época, o Cleber era um pouco mais velho e a gente estava sempre junto. Nunca tivemos divergência de nada. E através dele, conheci a pescaria, de estar junto com eles e vendo a vida deles ali, que me envolvi. Eu fui ajudando, participando, porque o que acontece é que a pescaria de arrastão tem uma razão social muito grande. (Pescador Pelicano )

A primeira idéia lançada por Maffesoli (1995) em relação ao cotidiano das comunidades, aborda a forma que as pessoas se relacionam com a vida no seu sentido mais amplo e oferece reflexões sobre o conceito de “querer – viver”:

Estilo de vida que enfatiza os jogos da aparência e os aspectos imateriais da existência. E isso de maneira paradoxal, pelo manejo das imagens, ou mesmo pelo consumo desenfreado dos objetos. Para cada um desses casos o que prevalece não é mais o ativismo, a produção, o trabalho, com as consequências sociais que se sabem, mas sim um desejo **por querer –viver**, que é preciso no caso compreender, no caso em seu sentido mais estrito. [...] É na depressão do político que se aloja a raiva do presente, a preocupação com o aqui e agora, o que chamei de ética do instante. (MAFFESOLI, 1995, p.67)

Há nesse estilo alguns exemplos de como as pessoas agem na sociedade. O que se mostra são as nuances do corpo social. Alguns pescadores falam desse espírito:

Como não tinha geladeira para armazenar, a gente fazia o possível para vender logo. A gente ia lá para o porto, lá na Prainha, onde estão as canoas e de lá corria atrás dos compradores. Enchia, botava no carrinho umas caixas e ia de casa em casa. Tinha uma época que tinha pouca casa, então era difícil. (Pescador Pelicano)

Eu sou acostumado a viver desse jeito, um dia eu ganho peixe, outro nem tanto, mas eu sei administrar, porque eu não faço nada diferente, só pesco. Então, eu já tenho o meu controle, tendo pouco ou muito, se arrumo alguma coisa, está bom! Se não arrumo, está bom também! (Pescador Vandeco)

O “defeso<sup>16</sup>” como chamam os pescadores, o seguro defeso, parece ter o sentido do querer – viver”, pois demonstra o sentido de defesa e proteção que esses homens e mulheres entendem esse auxílio, e lançam mão, como uma saída imediata para a falta de alguns peixes e espécies, em determinados períodos do ano. Não é por acaso que o auxílio-defeso foi apontado pela maioria dos entrevistados como a principal política criada para a pesca. Os pescadores Pelicano, Kiko, Jefferson e o próprio Cleber destacam a importância desse direito:

Eu me profissionalizei mesmo em 2000, foi o meu registro oficial em carteira como pescador credenciado, tudo direitinho. E eu cheguei a receber seis defesos, seis anos seguidos. (Pescador Pelicano)

A gente recebia o defeso do camarão mas passaram gente para o mexilhão. Mas eles mesmo que arrumam o defeso para nós. (Pescador Kiko)

Simplemente, a gente não vê tanto benefício em se filiar à Colônia. No defeso sim, é um dinheiro que entra. Isso desestimula um pouco de pagar colônia, ter que dar um dinheirinho para colônia, não tem nenhum benefício a gente, com relação a isso. (Pescador Jefferson)

---

<sup>16</sup> Defeso é uma medida que visa proteger os organismos aquáticos durante as fases mais críticas de seus ciclos de vida, como a época de sua reprodução ou ainda de seu maior crescimento. Dessa forma, o período de defeso favorece a sustentabilidade do uso dos estoques pesqueiros e evita a pesca quando os peixes estão mais vulneráveis à captura, por estarem reunidos em cardumes” (Ministério do Meio Ambiente, 2016, online).

É no “querer- viver” que os pescadores resolvem a dificuldade imediata ao se deparar com dias difíceis da pesca e da vida:

A gente já estava na água e eu fui pegar o caneco onde bota o peixe e, quando fui abaixar, estava com a mão em cima dela! Ela ia voar na minha mão ou no meu rosto. Vandeco gritou: “\_A cobra! A cobra!”. Eu olhava e não via nada! Só vi quando o remo veio na minha direção. Só então eu fui ver onde ela estava e ele jogou ela pra água. Era uma cobrinha, mas já estava de bote armado. Isso foi apavorante. Hoje em dia, olho tudo, quando entro no barco. É bonita a lagoa, sabe? (Pescadora Adriana)

A impressão final da pescadora Adriana, ao meu ver, revela toda a potência do “querer-viver” ao expressar a sua admiração pela lagoa de Piratininga, apesar de, ter passado pelo perigo e possibilidade de ser picada por uma cobra.

Outra idéia importante de Maffesoli (1995) é o “estar junto”. O “estar junto” está na atitude daquele “saber se fazer ouvir” o sentido do consenso *cum sensualis* que corresponde a uma forma de negociar, mais afetiva e emocional do que racional, através de diferentes formas de agir.

Estilo de vida que enfatiza os jogos da aparência e os aspectos imateriais da existência. E isso de maneira paradoxal, pelo manejo das imagens, ou mesmo pelo consumo desenfreado dos objetos. Para cada um desses casos o que prevalece não é mais o ativismo, a produção, o trabalho, com as consequências sociais que se sabem, mas sim um desejo por querer-viver, que é preciso no caso compreender, no caso em seu sentido mais estrito. [...] É na depressão do político que se aloja a raiva do presente, a preocupação com o aqui e agora, o que chamei de ética do instante. (MAFFESOLI, 1995, p.67)

O estar junto numa atitude de busca de consenso, é uma forma de negação ao ativismo, à produção, ao trabalho e corresponde a uma ação imediata sobre a sociedade para “viver melhor com aquilo que se pode usufruir dela”.

Como pode se ver, há, estilo de vida, por mais estético ou mítico que seja uma atitude alternativa ao político. Não é mais o mito da emancipação, elaborado durante a modernidade, o que prevalece - mito originado no ideal democrático -, mas uma outra maneira de estar junto, na qual o consenso, de acordo com a etimologia (cum sensualis) e mais afetivo, emocional do que racional. A cultura do sentimento que disso decorre não é menos eficaz. Quer seja pela doçura, pela indiferença ou pela abstenção, a sociabilidade em questão sabe se fazer ouvir. Até mesmo seu silêncio é eloquente, e não deixa atualmente de provocar suores frios nos diversos responsáveis políticos, sindicais e administrativos que não sabem mais “a que santo apelar” [...] Basta apontar que o estilo estético, a força do cotidiano e a macia resistência que isso induz, tudo isso é certamente a expressão do reinvestimento da potência social, a “força coletiva invisível, de que falava Bakunin, e que, às vezes, move de uma maneira irressistível a vida em sociedade. (MAFFESOLI, 1995, p.69)

São muitas forças atuando no universo do pescador, esse afeto que não se limita às sensibilidades conciliadoras, mas que se estendem aos conflitos de idéias e interesses. Esta habilidade de *cum sensualis* têm força em elementos como a doçura. Essa sociabilidade têm um forte componente, na atitude daquele que “sabe se fazer ouvir”:

Eu sou um pouco subversivo também”, porque eu estou desde a época do regime militar, falando com coronéis, pra eles não derrubarem esse barracão que já estava aqui desde que abriram o loteamento Piratininga. Soube pelo seu Euclides que em 1945 já tinha um Barracão de pesca aqui na prainha de Piratininga onde as pessoas desembarcavam. (Pescador Cleber)

Nas relações do cotidiano existem tensões entre os pescadores e o lugar Piratininga. Além dos problemas e os conflitos em terra, os pescadores são prejudicados pela pesca industrial que avança sem limites, seja por falta de uma regulação adequada ou por fiscalização dos órgãos públicos.

A pesca artesanal e a pesca industrial <sup>17</sup>são diferenciadas pela decreto nº

---

<sup>17</sup> Art. 2º São categorias de inscrição no RGP:

I – pescador e pescadora profissional artesanal: pessoa física, brasileira ou estrangeira, residente no país, que exerce a pesca com fins comerciais de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, podendo atuar de forma desembarcada ou utilizar embarcação de pesca com arqueação bruta menor ou igual a 20 (vinte);

II – pescador e pescadora profissional industrial: pessoa física, brasileira ou estrangeira, residente no país, que exerce a pesca com fins comerciais, na condição de empregado ou empregada ou em regime de parceria por cotas--partes em embarcação de pesca com qualquer

8.425, de 31 de março de 2015 que Regulamenta o parágrafo único do art. 24 e o art. 25 da Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009, também conhecida como Lei Geral da Pesca. Na constituição vigente no seu título II - Da ordem social, no capítulo II - Da seguridade social<sup>18</sup> trata das condições para os pescadores artesanais.

A pesca predatória de algumas espécies e a consequente destruição de ecossistemas de alta produtividade junto à costa também são um problema sério e uma das principais razões da falta do pescado.

As disputas pelo espaço são relatadas pelos pescadores Adriana e Cabuçu, que afirmam haver um verdadeiro “loteamento” da própria lagoa, que faz parte do patrimônio natural da comunidade e da humanidade.

Aqui na pesca da lagoa, sempre tem negócio de uma rinha um com outro, sabe? Negócio de querer ser mais que alguém. Mas comigo nunca aconteceu. Espaço da pesca da gente, ninguém encosta. Com a gente aqui, não aconteceu nenhum problema. (Pescadora Adriana)

Inclusive, tem até uma briga aqui: pessoal da lagoa não pode pescar aqui e o pessoal daqui não pode pescar lá. Está rolando até negócio de tiro dentro da água, dentro da lagoa, há casos de ameaças. Os órgãos do Estado tem que dar uma fiscalizada e dar uma andada à noite por essa lagoa, com barquinho, para ver essas coisas, porque isso está acontecendo. É só isso que eu queria, que a gente pudesse pescar em paz porque a gente já está no final, mas os nossos filhos têm o direito de pescar, mas não podem, porque lagoa já está loteada, já tem dono. Cada um tem que pescar em frente à sua casa, não pode ir mais para fora e, antigamente, não era assim. (Pescador Cabuçu)

Essa habilidade aparece nas narrativas dos pescadores que denunciam as práticas erradas, não tradicionais, e pedem a intervenção dos órgãos de fiscalização ligados ao meio ambiente, como é o caso do INEA, IBAMA e Marinha.

---

arqueação bruta.

<sup>18</sup> Art. 201. A previdência social será organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo e de filiação obrigatória, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial, e atenderá, nos termos da lei, a: [...]

§ 7º É assegurada aposentadoria no regime geral de previdência social, nos termos da lei, obedecidas as seguintes condições:

[...]

II – 65 (sessenta e cinco) anos de idade, se homem, e 60 (sessenta) anos de idade, se mulher, reduzido em 5 (cinco) anos o limite para os trabalhadores rurais de ambos os sexos e para os que exerçam suas atividades em regime de economia familiar, nestes incluídos o produtor rural, o garimpeiro e o pescador artesanal.

A minha mensagem é que eu queria que o pessoal que manda, dentro da água, pessoal da Marinha, sei lá, do INEA, do IBAMA, desse uma olhada na lagoa, e faça uma fiscalização. Porque tem muitos camaradas que não são daqui, vem de barco, de traineira rebocando e raspa as pedras todas, na ilha do veado e nessa costa daqui da prainha

Eles raspam os mexilhões de cima da pedra, que é a semente de novos mexilhões. (Pescador Cabuçu)

Só isso que eu queria, né. Se pudesse ser feito aí uma fiscalização aí nesse mar aqui, pela nossa orla aqui do mar e da lagoa. Para deixar a criação, né, ficar legal. Era só isso mesmo que eu queria. Valeu? (Pescador Cabuçu)

Os pescadores falam sobre os problemas causados pela pesca industrial a que chamam de “navio de fundeio” e “grandes armadores”, como os responsáveis pela diminuição dos peixes. Demonstram simpatia e aceitação no convívio e pesca de vizinhança com as traineiras:

O problema da pesca é esse impacto ambiental que tem lá fora do mar. Só podem ser esses navios de fundeio. Sabe o que é navio de fundeio, esses navios petrolíferos que trabalham no mar. Como é que o peixe vai passar? Cada navio tem quantos metros? Não é uma parede enorme? Como é que o peixe vai passar aqui? Eu acho que isso é uma das coisas. As traineiras também não afetam muito não, porque tem peixe pra todo mundo. É mais os impactos que os “fundeios” têm lá fora no mar. (Pescador Kiko)

Porque para mim o que acabou mesmo com os peixes foram os grandes armadores de pesqueiros que vinham buscar isca na beira da praia. Os barcos do Sul, a gente navegando, a gente via, os barcos com bandeira do Sul. Porque lá no Sul existem regras, regulamentos e fiscalização. Então quando eles apertavam lá, eles vinham tudo para cá. Eles se exibiam na beira da praia e na praia, cercando as iscas para levar de volta para as embarcações grandes, para ir pra alto mar pescar o dourado, pesca profissional deles. (Pescador Pelicano)

Os pescadores são reticentes sobre a luta pela manutenção do acampamento de pescadores, que existe e funciona na prainha de Piratininga. O rancho que os pescadores tratam de “barracão” sofreu nos últimos anos consecutivos incêndios criminosos, mesmo sendo a sua existência datada anterior a urbanização do bairro.

Eles já estavam aqui desde que abriram o loteamento, em mil novecentos e quarenta e cinco. E estamos até hoje na luta. Porque a pesca de arrastão faz parte da cultura da pesca do estado do Rio de Janeiro e eles teriam que financiar a recuperação dessas canoas e administrar esse acampamento. Dar um pouco de condições para essa gente que está aqui há um tempão. (Pescador Cleber)

Esse conflito é evidenciado pelas repetidas agressões que atingiram o “barracão”, por meio de incêndios. Atitude criminosa que destruiu muitos documentos e chegaram a matar até os cachorros queimados. O pescador Cleber fala sobre a importância do porto para os pescadores:

É muito importante um porto com cobertura adequada para guardar os barcos na praia, principalmente para a canoa do arrastão, que tem sete metros ou até nove metros de comprimento e é muito pesada para ser retirada da praia. Esse barracão já existia antes da criação do loteamento Piratininga, mas, infelizmente, parece que estamos incomodando a alguém que provocou um incêndio em 2014, e já era a segunda vez. Pegou fogo em tudo: documentos, assou cachorro, assou material, canoa, queimou tudo. Ficamos sem nada. (Cleber)

A garantia e manutenção desse porto é uma das lutas desse grupo para a continuidade da pesca artesanal, que necessita da proximidade com o mar para embarque e desembarque das canoas pesadas, que chegam a nove metros de comprimento, além dos barcos e petrechos da pesca.

Figura 29 - Barracão dos pescadores de Piratininga, reconstruído após incêndio de 2014.



Fonte: acervo da pesquisa.

Figura 30 – Foto aérea da Prainha de Piratininga e Ilha do Veado.



Fonte: Elaine Carlsson (2018).

O “estar junto” pode se apresentar por atitudes de indiferença ou pela abstenção e afastamento. A indiferença e o desinteresse dos pescadores, em relação à colônia Z-07 é um exemplo de como isso ocorre para os pescadores. As impressões que eles têm nessa relação com a colônia Z-07 é que acontece uma “barganha” desigual, a exemplo do “dinheirinho” em relação aos benefícios.

Simplemente, a gente não vê tanto benefício em se filiar a Colônia, mas no defeso sim, porque é um dinheiro que entra. Isso desestimula um pouco de pagar colônia, por ter que dar um “dinheirinho” e não ter nenhum benefício. A gente vê que queimou tudo aqui no nosso porto e não teve ninguém para ajudar e nem a colônia de pescadores. (Pescador Jefferson)

Nós tínhamos no nosso porto, cabines para os barcos de todos os pescadores. Na época da criação da associação, ALPAGOA, eu ajudei a filiar os pescadores na colônia, o que garantiu a eles o recebimento do defeso do governo, o que alguns recebem até hoje. E me ajudou bastante essa questão, porque apesar de tudo lá na colônia Z-07, eles sabem dos meus procedimentos. (Pescador Cleber)

No momento da construção do túnel, de abertura do canal entre a lagoa e a prainha de Piratininga, os pescadores silenciaram, se abstiveram. Todo o seu vasto

e antigo conhecimento, nas práticas e formas próprias de convivência com a natureza e com o mar, não foi aproveitado pela sociedade. Somente na hora da urgência, os técnicos e políticos locais puderam solicitar o auxílio dos pescadores, o que não permitiu que pudessem conhecer a experiência milenar dos pescadores, aproveitando-a no momento de elaboração do projeto, o que causou problemas sérios no seu funcionamento.

Antes o túnel era aberto pela praia pra água passar água pra lagoa. Depois que fizeram aquele canal em Itaipu, essa lagoa aqui foi só morrendo porque são 75 centímetros mais baixo que Itaipu, e a água está indo pra lá. Os pescadores falam que o canal foi aberto no lugar errado. Que ele tinha que sair lá na frente, direto, como era feito pelos pescadores no passado. (Pescador Nat)

Eu mesmo vi quando deram o “tiro de misericórdia no túnel”, eles deixaram ele entupido. Quando inauguraram, a inauguração dele foi com ele entupido. Eram nove horas da manhã, a água foi chegar aqui três horas da tarde. Eu com outros pescadores fomos de traineira e canoas fazer limpeza na entrada do túnel. A gente foi tirando, tirando, tirando, e foi onde nós liberamos a água pra dentro do túnel, pra ela poder entrar e sair. Pescador Nat

Os pescadores falam sobre a falta de respeito e as atitudes erradas de uma parcela dos frequentadores da praia, moradores ou não, da comunidade e o meio ambiente. Para os pescadores o que falta é educação ambiental:

O peixe está sumindo e tem gente que bota a rede no local inadequado, que é proibido. Você está pescando de linha, no lugar artesanalmente legal e vem um e mergulha do seu lado, não respeita o outro. (Pescador Kiko)

Porque tem muitos camaradas que não são daqui, vem de barco, de traineira rebocando mais um montão e raspa a pedra toda, na ilha do Veado e nessa costa toda daqui da prainha, raspa os mexilhões todo de cima da pedra, que é a semente. E a gente que mora aqui, a gente pega no fundo, quando a gente vai pegar agora, não tem marisco nenhum, eu estou aqui querendo mergulhar e não tem como porque a pedra está raspada, entendeu? (Pescador Cabuçu)

Essa convivência cotidiana busca nas diferenças, nas dificuldades e nos momentos de tensões, resolver os problemas imediatos. Um exemplo foi a decisão corajosa e responsável tomada pelo Pescador Cleber, que exemplifica este tipo de relação:

Quando os pescadores mais velhos e o Sr. Euclides morreram, a última “companha” precisava de novo mestre. Naquela época, consultei o grupo de pescadores e perguntei a eles: vocês confiam em mim? Então vamos que eu acho que aprendi o suficiente. Eu tive que tomar o comando como mestre, com a sabedoria que adquiri durante muito tempo com os pescadores mais velhos, porque no final, eu vi que não tinha mais ninguém e parou. (Pescador Cleber)

Os pescadores criaram uma associação, Associação Livre de Pesca e Amigos da Praia e Lagoa de Piratininga (ALPAGOA) que tinha a sua força, em pessoas, como o Cleber e o senhor Maurício. A força da existência das pessoas é um valor decisivo para o sentido das relações desse corpo social. Destacam também os representantes da colônia Z-7, os senhores Lido e Natalino e como a morte dessas pessoas essas organizações perderam o sentido:

Essa associação era muito boa, mas depois não tinha muito jeito de ir para frente não. [...] Aquela rua toda, aquilo tudo ali era barracão ponto final de ônibus. E agora a prefeitura não deixa mais e tem mais de uns 20 anos. A ALPAGOA acabou. E o cabeça da ALPAGOA, ele morreu, o Seu Geraldo. Então, ele fazia de tudo. Era um senhorzinho de idade, mas ele resolvia tudo. Depois que ele também já estava com mais idade, ficou doente e enfraqueceu tudo. (Pescador Nat)

Já chegaram até fazer desse porto uma sub sede da colônia, e só dava permissão a mim e ao Seu Mauricio, que era o vice-presidente da ALPAGOA, na época, a assinar pelas pessoas que fossem pescador, e quisessem tirar o documento da pesca. (Pescador Cleber)

A colônia Z-7 quando começou tinha o finado Lido e o Natalino que comandavam, e ela era muito boa. Tudo o que o pessoal que era pescador, precisava, eles estavam sempre ajudando. Precisava de rede, eles mandavam. Depois que eles morreram, passaram uns camaradas a tomar conta da colônia e dessa eu não sou filiado. (Pescador Nat )

O mestre Cleber, o guardião das tradições, têm a força dessa existência para a comunidade de pescadores. Além de ser mestre da companha, é o líder que persevera na realização da pesca de arrastão, incentivando outros pescadores. Existe por parte de todos os pescadores da companha o reconhecimento da luta do Mestre para que a tradição não morra e seja passada a outras gerações.

Os pescadores antigos já não existem quase mais. Tem uns novatos que também já não querem se envolver com mais nada de pescaria. Atualmente está arriscado até acabar a pescaria porque não tem mais pescador. Só ficou, praticamente, por aqui, Cléber que é o guerreiro. O dia que ele faltar também, ou se não quiser mais tocar, acabou a pescaria de Piratininga. Itaipu também já não tem quase pescador, só tem dois, Cambuci e Lula e por aqui em Piratininga só tem o Cléber. (Pescador Bogê)

Para falar do estilo saber-fazer, chamo à atenção ao sentido da vida justa, que é própria de uma ética vinda de baixo, em oposição a uma moral imposta de cima. Esse estilo não dita como é conveniente se comportar, e o “que se deve ou não fazer”, tudo é permitido e integrado na vida cotidiana. É o sentido da co-responsabilidade e as implicações dos resultados que também afetam o individual.

O estilo é importante destacar nada deve a lei que sobrepassa e é geral, ou a um código minucioso que “dita o direito”, funcionando acima da lógica do “dever-ser”, em suma segundo um princípio que engendra a frustração, mas se apóia pelo contrário em um *savoir-faire* que sabe, segundo um saber incorporado de que falei, que há um equilíbrio individual e social a ser preservado, agindo em consequência. [...] Trata-se então de uma utopia em minúsculas, que sabe que o desabrochar de cada um, no próprio seio do cotidiano, só pode valorizar o bem estar coletivo. (MAFFESOLI, 1995, p.71)

O valor da criação, da arte de fazer e do prazer estão envolvidos nos detalhes de uma obra. Quando se trata da pesca, esse prazer é exaltado como a própria vida, como nos dizem os pescadores Vandeco e Kiko: “A pesca é tudo para mim e, se eu sair de perto do mar eu acho que não sobrevivo.”

A pesca trouxe tudo para mim. Eu vivo da pesca e é o que eu gosto de fazer. Eu, sem a pesca, não sou ninguém, eu não vivo sem a pesca, não consigo.... Não faço outra coisa a não ser pescar. A pesca me ensinou tudo e é tudo para mim... Se eu ficar um dia sem pescar fico maluco, porque é a minha profissão desde criança. (Pescador Vandeco)

Um saber-fazer que reflete até o senso comum, com sua sabedoria popular que diz “tá nervoso vai pescar” e a Pescadora Adriana usa essa sabedoria falando que ao pescar têm o prazer da alegria e alívio, como se fosse uma verdadeira terapia.

Eu acho, também, é que a pescaria é uma terapia. Isso é uma coisa boa. Sei lá, às vezes eu vou pesada lá para dentro da lagoa e volto leve, mesmo com cansaço e tudo. Porque, lá dentro você vê as coisas e esquece do mundo. Você escuta os bichos, cantando, os pássaros cantando. Uma coisa boa é que você foge um pouco da sua realidade. Depois, às vezes, quando eu chego com a canoa em casa digo: “\_Meu Deus! Começou a aporrinhção de novo!” (Pescadora Adriana)

Aparece um saber-fazer pautado na ética como uma disposição e um compromisso, que não sendo pautado “em dever”, se apoia no que “sabe que tem que ser feito e faz com afinco e respeito à família, aos outros da comunidade e ao meio ambiente.

Eu trabalho com qualquer coisa: diarista, faxina. Eu não tenho preguiça para nada. Assim, se for o meu objetivo, se for para ajudar a mim e meus filhos, faço qualquer coisa. Coisa errada, eu estou fora. Fui criada desse jeito. Nunca passou na minha cabeça mexer no que é dos outros. Criei meus filhos também assim. São todos trabalhadores. São tudo gente boa, nunca precisou mexer em nada, nunca precisou. Graças a Deus! (Pescadora Adriana)  
Tenho fé na proteção de São Pedro e no “papai” do céu, Deus. É muito importante respeitar o meio ambiente e, também, os humanos, a Terra, os bichos e tudo. Hoje é dia de São Pedro, e eu já arrumei o oratório do nosso barracão. (Pescador Kiko)

O pescador Nat fala sobre as práticas de pescaria erradas, que esclarecem o que são atitudes daqueles que não “sabem fazer” em que, por relaxamento do pescador, deixam-se redes espalhadas pela costa dias seguidos, como tem sido praticada a rede de espera na praia e prainha de Piratininga:

Acho que foi depois que começou a existir a rede “come e dorme”. A rede “come e dorme” é aquela rede que eles botam lá no mar, rede de espera, e larga lá. Se você andar aí, o mar todinho é essa rede. O mar geral, onde você passa vê essa rede, então, o peixe se afastou... Depois inventaram negócio de o cara chegar e largar a rede, ficar um mês no mar e pronto, acabou, isso é “come e dorme”. Isso não é pescador. Desculpa, isso não é pescador. (Pescador Nat)

### 3.6 A solidariedade

É no cotidiano dos pescadores que acontecem as redes de solidariedade: “rede sutil, complexa, na qual cada elemento, objeto, assunto, situações anódinas, eventos importantes, pensamento, ação, relações etc... só funcionam enquanto ligados ao todo e só fazem sentido dentro e pela globalidade (MAZZESOLI, 1995, p.65).

A solidariedade é um aspecto da sociabilidade. É uma forma que se revela no apadrinhamento, entre os pescadores mais velhos e os mais novos, e no acarinhamento que se revela no modo em que os pescadores se reconhecem através dos apelidos, que quase sempre fazem referência à natureza.

O pescador Pelicano, com sua história de vida, mostra que através dos ensinamentos que teve com os pescadores mais velhos, foram essenciais para a sua formação na escola da vida e na pesca artesanal. O apadrinhamento dos jovens pescadores pelos mestres mais experientes possibilitou uma formação de pessoas em qualidades como o respeito e a solidariedade com as pessoas.

O meu contato mais direto foi com o tio Euclides, uma pessoa que nos ensinou bastante. Além de ter o conhecimento de pesca, era uma pessoa religiosa. Então, a gente era jovem, sabe que jovem é meio complicado, então ele nos aconselhava, mostrava um caminho legal. Foi sempre conversando com a gente, brigava com a gente; quando necessitava brigar, ele brigava com a gente. Eu tenho muito a agradecer pelo que aprendi com Cléber, sabe? São pessoas com quem eu aprendi muito. Eles me ensinaram a sempre ser uma pessoa boa, solidária. (Pescador Pelicano)

Os princípios de “camaradagem” no trato com as pessoas e “companheirismo” nas relações sociais são ingredientes da solidariedade, uma tecelagem de fios afetivos através pesca.

Tudo que aprendi na pesca me engrandeceu muito. Eu acho que se todo cidadão, todo ser humano, tivesse um pouquinho desse tipo de experiência, acho que o mundo seria até melhor. Porque é aquilo que eu estou falando, no trabalho em equipe, a solidariedade, e você aprender a parar, ver, ouvir. Você apurar seus sentidos é uma coisa importante. (Pescador Pelicano)

Os pescadores da companhia seguem o exemplo do Mestre Cleber, realizando diversas atividades para a preservação dos ecossistemas daquela região.

Uma das principais iniciativas de preservação empreendidas pelo mestre tem sido a recuperação da restinga na prainha de Piratininga.

Figura 31 – Restinga em recuperação com o auxílio do Mestre Cléber. Trecho localizado no centro do barracão de barcos na prainha de Piratininga.



Fonte: acervo da pesquisa.

Mestre Cléber também desenvolve por iniciativa própria um projeto de intervenção na Ilha do Veado, com o objetivo de proteger a mata nativa, que sofre rotineiramente com queimadas em toda sua extensão. Estes incêndios são decorrentes de incêndios provocados principalmente por queda de balões. O pescador realiza diversos manejos, como a abertura e manutenção de trilhas de acesso, além do roçado da área para controlar a proliferação do capim colônio. Também faz aceiros de proteção no entorno das árvores e plantas nativas.

Os pescadores constroem laços com a comunidade, ajudando-se mutuamente, ensinando a pesca artesanal, colaborando, incentivando a prática da pesca a novos companheiros, o que são marcas da solidariedade.

A pescaria de arrastão tinha uma “razão social muito grande”, mesmo não sendo valorizada e reconhecida. Mas, geralmente, muitas famílias que não tinham nada para comer, iam pra beira da praia, nos ajudavam, e a gente sempre ajudava a eles. Essa ajuda era sempre uma coisa muito forte. A gente ajudava muita

gente: senhoras, senhores, até deficientes físicos vinham e ajudavam para receber aquele “peixinho” deles, o alimento. Então isso nos fortifica. (Pescador Pelicano)

A solidariedade é ensinada pelos mestres aos pescadores, como um compromisso social que se estende à proteção da vida das pessoas quando enfrentam os perigos no mar. Os pescadores Pelicano e Jefferson e outros pescadores falam desse dever intrínseco na sua formação.

É, a gente tem nossa obrigação. Acho que não só como obrigação, é dever de cidadão. Então várias e várias vezes a gente auxiliava bombeiro, a gente fazia até, muitas vezes, o trabalho de bombeiro, porque até o bombeiro chegar, e nós estando próximos já oferecia ajuda. (Pescador Pelicano)  
Tio Euclides e Cleber sempre pegavam no nosso pé em relação a isso. Sempre ser solidário e prestativo, principalmente, com as pessoas que estão necessitando de uma ajuda. Aquelas que estão passando perrengue no mar. Pescador Jefferson

As subjetividades são parte funcional da dinâmica e das relações que se estabelecem no estilo de vida dos pescadores de Piratininga. Os aspectos querer viver, estar juntos e saber fazer são os ingredientes dessas sociabilidades.

No cotidiano dos pescadores artesanais de Piratininga estão as evidências de uma comunidade tradicional que utiliza de atitudes e afetos, no seu sentido próprio, buscando conquistar a sobrevivência diária. Sua interação pauta-se em relações de responsabilidade e compromisso, onde cada um é responsável pelo quadro geral do equilíbrio com a comunidade.

Assim, nota-se que mesmo em condições adversas, os sujeitos se solidarizam e se afetam na busca do prazer de viver a cada dia, estando juntos em seus espaços de sociabilidade, recheada de sensibilidades, para enfrentar, silenciar ou agir contra as faltas da vida cotidiana. Buscam realizar com arte o seu desejo comum de continuar o ofício da pesca artesanal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me lancei ao trabalho de pesquisa estava diante de algumas questões inquietantes: como as tradições da pesca artesanal permanecem vivas no trabalho dos pescadores de Piratininga? E quais as estratégias usadas pelos pescadores para manter a pesca diante das dificuldades ambientais e sociais no seu cotidiano?

Meu primeiro movimento foi construir uma descrição da pesca artesanal de arrastão, a companha do Cleber, a partir do relato dos próprios pescadores que aprenderam na família ou com os pescadores mais experientes as funções desse tipo de pesca, passando de funções mais simples como ponta de cabo, remador, a funções mais complexa, como as de vigia ou mestre. Assim, esta dissertação oferece um registro sobre a tradição da pesca artesanal de arrastão, contada pelos próprios pescadores sobre a sua experiência de toda uma vida, valorizando o conhecimento “antigo”, que sempre teve um forte apelo social. Notamos que as histórias de vida trazem à tona o conhecimento tradicional da pesca artesanal, traduzido em práticas de ajuda mútua entre aqueles que se tratam como, companheiros. Revela a solidariedade, que seria a “argamassa” de todas as etapas da pesca de arrastão.

Vimos ainda nesta dissertação que a pesca artesanal de arrastão “agoniza”. A companha do mestre Cleber, sendo a última companha de Piratininga, está inviabilizada pela falta de pescadores comprometidos com as exigências dessa pescaria. Esse grupo vem resolvendo, se adaptando, readaptando, para transpor barreiras, como a falta de trabalho. Como numa “dança de cadeiras” alternam atividades dentro e fora da pesca, pela falta de pescarias constantes ou pela falta de algumas espécies de peixes.

O capitalismo, ao longo dos anos, foi capaz de produzir um novo desenho das cidades. Este desenho foi e está sendo pintado, constantemente retocado, com as cores que agradam ao capital. Com o desenvolvimento das cidades e a consequente urbanização de Piratininga, a força que esse capital avança atinge diretamente os pescadores e pescadoras artesanais, na terra e no mar. Realidade cruel que enfrentam na terra como a destituição de direitos fundamentais, assistência social e violência. No mar, o que os afeta é a falta do pescado,

problemas causados por uma pesca industrial que avança sem limites, pela crescente exploração do petróleo e até mesmo a destruição causada pelos “dejetos” jogados nas orlas, provenientes da construção civil.

O mestre Cleber, para conseguir realizar o arrastão, sintetizou as funções que se dividiam tradicionalmente entre sete homens e as reduziu para três companheiros na companhia. Essas estratégias são adaptações e saídas que os pescadores vêm criando no seu cotidiano para driblar as dificuldades de cada dia.

As histórias de vida dos pescadores são valiosas como pistas que explicam como as pessoas dessa localidade, os pescadores artesanais, constroem as suas relações em família e com o grupo e enfrentam as dificuldades do dia a dia na pesca, para buscar uma vida boa, uma vida justa, uma vida de prazer. São relações baseadas na dinâmica tradicional, onde família e comunidade local estão entrelaçadas, criando laços de família que se estendem a laços de comunidade.

Reconheço que há limitações no estudo. Em primeiro lugar, poderia ter expandido a análise de muitos temas a partir das histórias de vida dos pescadores de Piratininga. Fazendo uma crítica lúcida, reconheço que seria importante ampliar as entrevistas realizadas com cada pescador, ou ainda realizar novas entrevistas com outros pescadores para discutir novos temas sobre a pesca e os pescadores artesanais do local.

Vejo que faltou pesquisar “o que é Piratininga para os pescadores”, como eles veem o lugar em que nasceram e vivem há tantos anos, sofrendo a opressão e força decorrente do desenvolvimento e urbanização que usurpa e nega o direito das pessoas, na sua vida e no seu ofício da pesca. Outros temas que não foram contemplados: quais são os seus sonhos, suas crenças e aspectos míticos que se estruturam no seu imaginário; como também a relação entre o conhecimento mítico e a natureza; os seus medos, os seus gostos, o seu corpo e tantas outras coisas do universo do pescador.

A tradição aparece, se mistura, compõe a pesca dentro desse universo de comunidade local. Nota-se a existência de uma estética, entendida como o estilo de vida, com as sensibilidades e sociabilidades que se mostram nos modos de agir onde se dão as relações entre as pessoas, entre as pessoas na família, entre a família e o universo da pesca, das relações da arte da pesca, do ofício da pesca.

A partir das propostas por Maffesoli (1995) sobre estilo de vida nas comunidades tradicionais, aproveito algumas reflexões sobre os sentidos de

existência: o “querer-viver”, “estar-junto” e “saber-fazer” para dialogar com as narrativas dos pescadores, fonte de análise sobre as sociabilidades e aspectos da solidariedade. Sentidos de existência que se apresentam para responder as dificuldades que surgem durante o dia: seja pela ação, distanciamento ou pela omissão. É um “estar junto” pautado no “consenso”, que busca negociar num mesclado de sentimentos e sensibilidades. Muitas vezes de um silêncio que atinge, porque isso parece indicar ao pescador que ele “sabe se fazer ouvir”, e de que ele tem a noção do que é ter uma vida justa. De que sabe-fazer e sabe o que precisa ser feito, para o equilíbrio que não é só seu, mas de toda a comunidade.

Esse grupo vem buscando saídas através desses laços de comunidade. Um saber fazer onde que o que se busca é uma vida justa, a busca das necessidades imediatas. É o “aqui e agora”. Não ficam na expectativa de um futuro. São pessoas que lutam pela vida e pela existência. Homens e mulheres, a exemplo do mestre Cleber, que desde menino, com apenas nove anos, já trabalhava na praia com sua família.

As entrevistas, conversas gravadas em áudio e textualizadas serão disponibilizadas primeiro, aos próprios pescadores, colaboradores da pesquisa. Todo esse material ficará disponível ao público através do banco de histórias de vida do laboratório de história oral, LABHOI, da Universidade Federal Fluminense e do Museu de Itaipu.

Como desdobramento, cabe ressaltar que este trabalho propiciou um canal de diálogo entre os pescadores e a Escola Municipal Francisco Portugal Neves, escola que faz parte daquela comunidade local. Uma primeira iniciativa foi o projeto, “Onda jovem”, que envolveu professores de diversas disciplinas da escola, os alunos do nono ano do ensino fundamental e os pescadores de Piratininga. Na primeira etapa do projeto estavam presentes os professores de Educação Física, de História, de Educação Artística e Matemática, com os alunos do nono ano do ensino fundamental. A idéia inicial foi percorrer alguns pontos, partindo da escola que se localiza no trevo de Piratininga, até o rancho de pescadores na prainha de Piratininga. O objetivo dessa atividade era conhecer o lugar em que a escola está inserida, descobrindo sua história e experimentando com todos os sentidos corporais a própria comunidade, ou seja, ver, sentir cheiro, tocar e ouvir.

Paramos no Canal do Camboatá, ponto de encontro entre as lagoas de Piratininga e Itaipu e nos sítios de família de pescadores, um na entrada de

Camboinhas (família do pescador Juca) e outro em Piratininga (no Recanto das Garças, da família dos pescadores Bogê, Vandeco, Cabuçu e Adriana). O último ponto foi no alto do morro na praia do Sossego, limite entre as praias de Camboinhas (antiga praia de Itaipu) e Piratininga. A partir dos depoimentos de alguns pescadores e filhos de pescadores, os estudantes puderam conhecer um pouco da história do bairro. Foi feito um ensaio fotográfico da região e o material foi exposto na escola.

Figura 32 - Turma do 9º ano no rancho de pescadores, na prainha de Piratininga, com pescadores Jefferson e Luciano (ao fundo).



Fonte: acervo da pesquisa.

Foi uma primeira experiência importante que poderá desencadear outros projetos, como criação de banco de dados na própria escola, com a disponibilidade de arquivos sobre as entrevistas de história oral de vida dos pescadores artesanais de Piratininga.

Os pescadores artesanais estão sendo aviltados, em vários direitos e proteções trabalhistas, inclusive no recebimento do defeso, devido a novas restrições impostas por legislações que não garantem direitos mínimos trabalhistas

ao pescador. Apesar de estarem na praia, muito antes do bairro ser urbanizado, continuam sofrendo agressões, como incêndios criminosos para que os pescadores deixem o rancho onde guardam seus barcos e todo o material de pesca. Essa estratégia é antiga para os interessados em expandir o mercado imobiliário da região. Nos anos setenta, com a urbanização do bairro, muitos foram os casos de pescadores que tiveram as suas casas queimadas e foram expulsos do litoral da região oceânica. O chão do pescador artesanal de Piratininga é o seu rancho, ou porto a que eles chamam de barracão.

Talvez a principal aprendizagem desta pesquisa tenha sido perceber que a busca pela felicidade no cotidiano dos pescadores de Piratininga tem uma dimensão coletiva, onde os laços familiares e comunitários são construídos pelo apadrinhamento, companheirismo e camaradagem, e pela solidariedade, que lhes dá vida e força para continuar.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Daniel Souza. **Corporalidades: experiência corporal e memória de trabalhadores dos rios e dos mangues no povoado dos Morros da Mariana/PI (1970- 1980)** .2016.

CALLOU, Angelo Brás Fernandes. **Movimentos sociais de pescadores em Pernambuco (1920-1982)**. Dissertação de Mestrado em Extensão Rural. Universidade Federal de Santa Maria, RS - Curso de Mestrado em Extensão Rural, 1986.

CALLOU, Angelo Brás Fernandes. **Considerações sobre a dívida social na pesca artesanal brasileira (intervenção à Mesa de Abertura)**. In: I Conferência da Pesca Artesanal no Brasil, Brasília/DF, 2009.

CARDOSO, ROSELI DA SILVA. **Os saberes da gente do mar: o imaginário e as experiências de vida dos pescadores da Vila do Treme, Bragança (Pa)**,2015 .185 f. Biblioteca depositária: Biblioteca Armando Bordalo do Campus de Bragança da UFPA.

DIEGUES, A. C. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **A Pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira**. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil**. São Paulo: NUPAUB Universidade de São Paulo, 2000.

HOBSBAWM, Eric J., **Introdução: A invenção das tradições**. In.: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). A invenção das tradições. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico).

KANT DE LIMA, Roberto, PEREIRA, Luciana F. **Pescadores de Itaipu: Meio Ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro**. Niterói: EDUFF, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Ed. Artes e Ofícios. Porto Alegre- RS.1995.

MARTINS, J de S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. 172 p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História Oral. Como fazer,

como pensar. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MIBIELLI, Bruno Leipner. **Ser “Pescador Profissional Artesanal Tradicional De Itaipu”**: e as redes de relações de uma trajetória. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências Jurídicas e Sociais, 2014.

NITERÓI. **Projeto conceitual – volume I. PARQUE ORLA PIRATININGA**. Prefeitura Municipal de Niterói, 2017.

OLIVEIRA, Bárbara Caroline Santos de. **O conhecimento tradicional dos pescadores da Praia do Forte – BA no Projeto Tamar**– São Paulo, 2016.136 f

OLIVEIRA, Lejeune P.H. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz: Estudo Hidrobiológico das lagôas de Piratininga e Itaipú**. 1948.

PAULA, Cristiano Quaresma de. **Geografia (s) da pesca artesanal brasileira**. 2018.

PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte. **Os Companheiros Trabalho e sociabilidade na pesca de Itaipu**. Niterói. EDUFF, 2003.

SARAIVA, Joana Martins. **Saber Pescar, Saber Trabalhar: Uma discussão sobre a identidade social dos pescadores de rede de arrastão na praia de Piratininga**. Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais, UFRJ, 2003. SHILS, Edward. Tradition. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

SILVA, Gláucia. **Tudo que tem na terra tem no mar. A classificação dos seres vivos entre trabalhadores da pesca em Piratininga**. Rio de Janeiro: Editora FUNARTE, 1989.

TARDELLI, Gabriel. **Lugar de Pescador: Usos, Apropriações e Conflito em torno de um Barracão de Pesca na Praia de Piratininga–Niterói (RJ)**. Tese de Mestrado. PUC-Rio.2017.

BRASIL. **Lei n. 11.958, de 26 de junho de 2009**. Altera as Leis n. 7.853, de 24 de outubro de 1989, e 10.683, de 28 de maio de 2003; dispõe sobre a transformação da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República em Ministério da Pesca e Aquicultura; cria cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores – DAS e Gratificações de Representação da Presidência da República; e dá outras providências. Brasília, 2009a.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NITERÓI, Lei nº 1157 de 1992: Plano Diretor de Niterói.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NITERÓI, Lei nº 1968 de 2002: Plano Urbanístico da Região Oceânica.

DRUMMOND, José Augusto, **“A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa”**, em: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, FGV, 8: 177-197, 1991.

PÁDUA, José Augusto, **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

SANTOS, Clea Mota. **Pescadores do rio vermelho: entre causos e lugares**. 2014. 122f. Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas. biblioteca depositária: biblioteca campus II.

## APÊNDICE A – GLOSSÁRIO.

**Açúcar preto:** Também chamado de açúcar mascavo. O processamento do açúcar mascavo é mais simples quando comparado com o processamento do açúcar refinado, pois não passa pelas etapas de clarificação e refino, resultando em um produto de coloração que varia entre marrom claro e escuro - é denso e pesado, com sabor semelhante ao da rapadura. O açúcar mascavo é composto por sacarose, frutose, glicose, potássio, cálcio, magnésio, fósforo, sódio, ferro, manganês, zinco, vitaminas A, B1, B12, B5, C, D6 e E, e é considerado um alimento rico em sais minerais e vitaminas, sendo muitas vezes recomendado na dieta de pessoas anêmicas.

**Cacear:** É um tipo de rede semelhante ao caçoeiro, diferenciando o tamanho da malha e espessura do fio. Para peixes como a corvina, anchova, pescada, bagres etc, podemos empregar o monofilamento 0,30 a 0,50 e malhas de 60 a 150 mm. As redes de espera podem ser projetadas para pesca de fundo ou superfície (caceio). Adicionando flutuadores em espaço regulares na tralha superior de uma rede de emalhe de fundo, podemos usá-la na pesca de superfície, bastando para isso fazermos o cálculo de flutuabilidade do petrecho em questão, e adicionarmos o número de bóias que se fizer necessário para ter uma flutuação de duas a cinco vezes seu peso na água.

**Canio:** É um gênero de plantas da família das canáceas, semelhante a uma cana. A sua derivação para "canio" foi devido a sua fina espessura. Cana fina e comprida usada para pescar.

**Macacuana:** Esse termo faz referência ao escravismo macacuano, na proximidade do rio Macacu, próximo a Itaboraí no Rio de Janeiro.

**Malhar:** cobrir o pesqueiro com inúmeros arremessos. ( dicionário do pescador)

**Pitu:** Camarão (*Macrobrachium carcinus*) da fam. dos palemonídeos, de ampla distribuição nos rios do Leste brasileiro, de coloração esbranquiçada, exceto no cefalotórax e nos quatro pares de patas posteriores, que são pardo-escuros; camarão-grande, cavaleiro, cutipaca, lagosta, lagosta-d'água-doce, lagosta-de-são-fidélis, lagostim, pituaçu, potiaçu, potipaca [Com grandes pinças, é o maior camarão-d'água-doce do Brasil, atingindo cerca de 48 cm de comprimento e 300 g de peso bruto.

**Puçá:** tipo de peneira utilizada na piscicultura para pegar peixes. Possui formato de coador.

**Rede “come e dorme“:** rede de espera que é deixada no mar por dias seguidos.

**Rede de cumieira ou arrasto:** Existem dois tipos de rede de arrasto: a rede de arrasto no fundo e a de meia-água; nesta última, a quantidade de pesos e flutuadores é regulada para manter a rede à profundidade pretendida. Estas redes são usadas para capturar peixes pelágicos, como os carapaus ou sardinhas e, nos barcos mais modernos, são equipadas com sondas para detetar os cardumes e permitir acertar a altura da rede.

**Tarrafa:** rede de pesca circular, de malha fina, com pesos na periferia e um cabo fino no centro, pelo qual é puxada.

**Tocum:** A linha da palmeira do tucum é considerada a linha da lealdade pelas pessoas que trabalham com ela, tecendo redes para dormir e ou para a pesca. Atualmente, a antiga e difícil prática de se retirar das folhas da palmeira os fios que podem ser usados também para confecção de roupas, bolsas e artesanatos está desaparecendo.

**Tranchan:** O significado mais próximo que encontramos seria a palavra francesa “tranchant”, ou seja, “o que corta rente.”

**Chavala:** Em Portugal o termo significa namorada, rapariga. Em espanhol: Garota, moça. Usado em uma ampla variedade de contextos e situações, e pode ser carinhoso, cativante, insultante ou pejorativo.